

Ana Paula Ozório Cavallaro



**ASSOCIAÇÃO ENTRE FORÇAS PESSOAIS, BEM-ESTAR
SUBJETIVO E AUTOESTIMA EM ADOLESCENTES**

Apoio:



**CAMPINAS
2021**

Ana Paula Ozório Cavallaro

**ASSOCIAÇÃO ENTRE FORÇAS PESSOAIS, BEM-ESTAR
SUBJETIVO E AUTOESTIMA EM ADOLESCENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação *Stricto Sensu* em
Psicologia da Universidade São Francisco,
para obtenção do título de mestre.

ORIENTADOR: Prof.^a DR.^a ANA PAULA

PORTO NORONHA

CAMPINAS
2021

157.93
C369a Cavallaro, Ana Paula Ozório.
Associação entre forças pessoais, bem-estar subjetivo e autoestima em adolescentes / Ana Paula Ozório Cavallaro. – Campinas, 2022.
133 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco.
Orientação de: Ana Paula Porto Noronha.

1. Avaliação psicológica. 2. Psicometria. 3. Psicologia positiva.
I. Noronha, Ana Paula Porto. II. Título.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

Ana Paula Ozório Cavallaro defendeu a dissertação “**ASSOCIAÇÃO ENTRE FORÇAS PESSOAIS, BEM-ESTAR SUBJETIVO E AUTOESTIMA EM ADOLESCENTES**” aprovada pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco em 16 de fevereiro de 2022 pela Banca Examinadora constituída por:

Profa. Dra. Ana Paula Porto Noronha
Orientadora e Presidente

Prof. Dr. Evandro Morais Peixoto
Examinador

Profa. Dra. Caroline Tozzi Reppold
Examinadora

Agradecimento

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus e ao Universo por sempre conduzirem a minha vida e colocarem os desejos no meu coração no momento certo!! Estar concluindo esse mestrado é um resultado de superação pessoal e não poderia ter feito isso sem a ajuda de pessoas tão boas que tive a oportunidade de ter ao meu lado!

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus professores do MBA do IPOG e também aos meus colegas de classe, vocês me deram ânimo e me ajudaram a me apaixonar ainda mais pelo tema do Desenvolvimento Humano. Em especial a Professora Renata Livramento que me indicou a Prof. Ana Paula Porto Noronha, me informando que ela era a referência no Brasil para estudar forças pessoais. Sou muito grata porque não poderia ter encontrado orientadora melhor para me conduzir pela vida acadêmica. Trago todos vocês no coração e nas minhas conquistas.

Tive uma grata surpresa ao descobrir que a prof. Ana Paula lecionava na Universidade São Francisco, Universidade que estava presente na minha cidade e a qual sempre ouvi coisas boas. Gostaria neste momento de agradecer ao ambiente acolhedor que a Prof. Acácia, Prof. Rodolfo e Prof. Ana Paula criaram na ocasião da minha entrevista de seleção. Sai da entrevista com um sorriso e com uma grande sensação de ter encontrado o meu lugar e pertencer. Estendo este agradecimento a todos os Professores do programa com os quais tive a chance de aprender, Pro. Maklin, Prof. Nelson. Vocês foram muito importantes para o meu caminhar.

Aos meus colegas de sala eu só posso dizer obrigada, eu aprendi muito com vocês !!! Amanda, May, Marcus, Sanny, Leila, Daisy, Patrícia, André, Adriana levo vocês no coração e sigo admirando as conquistas acadêmicas e não acadêmicas. Estarei sempre torcendo por vocês!

À minha família Labc que foi um suporte constante, uma rede de apoio para além dos artigos e discussões teóricas, uma família para a vida. Lucas, Sandra, Ju, Lorena, Helder,

Monique, Gi, Carol, Maria, Andreia, Iara obrigada por tantos compartilhamentos e aprendizados.

Destaco algumas pessoas que foram suporte e mão amiga: Amanda, obrigada pelas risadas e momentos de alívio em meio a tanta tensão, os seus áudios sempre me alegravam; May, os seus conselhos acadêmicos, as suas aulas, as suas explicações sempre me levaram mais além do que eu poderia, obrigada; Gi, obrigada por ter aparecido de última hora e com seu brilho no olhar ter me conquistado, tenho certeza que produziremos muito juntas !!! Ju, você sempre me mostrou leveza para trilhar este caminho.

Prof. Evandro e Profa. Caroline, os seus comentários na qualificação me ajudaram a pensar fora da caixa e me motivaram a buscar novos ângulos para antigas questões. Agradeço também ao Sr. Maurício, as suas conversas amigas e compartilhamento de experiências acadêmicas sempre me renovaram o ânimo.

Em especial agradeço a minha orientadora Prof. Dra. Ana Paula. Ori eu não teria conseguido sem você !!! O seu conhecimento teórico, a sua gentileza na condução do meu aprendizado, as suas palavras de ânimo foram o leme e a força motriz que me fizeram chegar até aqui. Eu agradeço profundamente e gostaria de dizer que é uma alegria ter você me guiando neste caminho e estou ansiosa e empolgada pelas novas aventuras que virão.

Rafaela e Patrícia, meu mais sincero obrigada, sem vocês eu não teria a estrutura para poder me dedicar aos meus estudos. Por fim, agradeço de todo o meu coração a minha família, as pessoas mais importantes da minha vida: meu marido Breno que encarou comigo o desafio e sempre me deu todo o suporte que eu precisava, minha filha Maria Luiza, que tão pequena já entendeu que “estudar” era muito importante para a mamãe e do seu jeitinho me deu forças para continuar neste caminho. Minha mãe que sempre foi o exemplo, que foi fazer a faculdade aos 40 anos e que sempre lutou pelos seus sonhos e sempre rezou por mim (muito mesmo), torceu e me deu palavras de ânimo quando eu mais precisava. Agradeço imensamente

aos "lerdos", meus irmãos amados, Franco e Gustavo, vocês são minha fortaleza e eu agradeço a Deus ter vocês para dividir as alegrias e perrengues desta vida comigo. Aos meus cunhados Rui e Cris, que sempre torceram por mim, minha Tia Maria Helena e minhas primas.

Dedico esta conquista à todos vocês e a memória do meu pai, João Cavallaro, e da minha Tia Augusta, que lá de cima devem estar orgulhosos de eu estar me tornando uma Mestra. Faço isso por mim, pela minha filha, e pelas mulheres da família, para que nossas futuras gerações saibam que podem conquistar o que quiserem se se dedicarem aos seus objetivos e sonhos !!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

Resumo

Cavallaro, A. P. O. (2022). *Associação entre forças pessoais, bem-estar subjetivo e autoestima em adolescentes*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas.

O período da adolescência é marcado por grandes transformações físicas, emocionais, cognitivas e sociais e faz-se necessário um olhar atento para esta população. Os construtos positivos, como autoestima, forças pessoais e o bem-estar subjetivo podem servir como fatores protetivos para o desenvolvimento saudável dos jovens e adolescentes. Além disso, a literatura tem cada vez mais ressaltado a importância de instrumentos de avaliação psicológica com boas qualidades psicométricas. Desta forma, a dissertação teve como objetivo investigar as relações entre a autoestima, forças pessoais e bem-estar subjetivo em adolescentes em período escolar. Para isso, foram desenvolvidos dois artigos: 1) O primeiro se destinou a investigar a estrutura fatorial da Escala de Forças de Caráter em Adolescentes, por meio de análises fatoriais confirmatórias, sendo que três modelos foram considerados. Neste sentido, utilizou-se o programa estatístico R, pacote *Lavaan* e o estimador utilizado foi o *DWLS*. A amostra contou com 316 jovens com idades entre 15 e 19 anos ($M= 16,35$; $DP= 1,22$), ambos os sexos (74,4% feminino e 1,3% optaram por não definir sexo). Os resultados indicaram que o modelo de melhor ajuste foi o de 24 fatores, sendo cada força um fator. Algumas das cargas por itens ficaram abaixo de 0,30. Os resultados endossam a necessidade de mais estudos no Brasil e no mundo sobre o número de fatores mais adequado para a Escala de Forças de Caráter, entretanto o estudo se apresenta como um avanço para a área de Psicologia Positiva no Brasil no sentido de aprimoramento psicométrico da EFC-A. 2). Este artigo se propôs a analisar as relações entre forças de caráter, bem-estar subjetivo e autoestima em adolescentes. Mais especificamente, verificar quais forças de caráter estavam mais positivamente relacionadas com o bem-estar subjetivo; investigar o poder explicativo das forças sobre a autoestima e da autoestima sobre o bem-estar subjetivo; e identificar se houve influência da idade, sexo e curso que os adolescentes estavam matriculados nos construtos estudados. Participaram 316 jovens com idades entre 15 e 19 anos ($M= 16,35$; $DP= 1,22$), ambos os sexos (74,4% feminino e 1,3% optaram por não definir sexo), 80,8% do Estado de São Paulo. Os resultados apontaram para diferenças significativas entre os sexos nos construtos autoestima e afetos positivos, com os meninos pontuando mais alto que as meninas e, nos afetos negativos, com as meninas pontuando mais alto que os meninos. Em relação à diferença de idade as análises indicaram uma diferença significativa para o afeto positivo e, em relação ao curso que os alunos estavam matriculados (ensino médio ou ensino técnico), encontrou-se diferença significativa para os afetos negativos, sendo que os alunos do ensino médio apresentaram maiores médias. As forças se correlacionaram de forma moderada a fraca com os construtos investigados neste estudo e os três componentes do bem-estar subjetivo correlacionaram-se significativamente com autoestima. As forças autorregulação, esperança, gratidão, modéstia e vitalidade explicaram 58% da autoestima.

Palavras-chave: psicologia positiva, avaliação psicológica, psicometria, forças, adolescência

Abstract

Cavallaro, A. P. O. (2022). *Association between character strengths, subjective well-being and self-esteem in adolescents*. Master's Thesis, Post-Graduate Studies in Psychology, University San Francisco, Campinas, São Paulo.

The period of adolescence is characterized by major physical, emotional, cognitive and social changes, and a careful look at this population is necessary. Positive constructs such as self-esteem, character strengths and subjective well-being can serve as protective factors for the healthy development of young people and adolescents. Furthermore, the literature has increasingly emphasized the importance of psychological assessment instruments with good psychometric qualities. Thus, the dissertation aimed to investigate the relationships between self-esteem, character strengths and subjective well-being in teenagers attending school. For this, two articles were developed: 1) The first aimed to investigate the structure factor of the Scale of Character Strengths in Adolescents, through confirmatory factor analyses, and three models were considered. In this sense, it was used the statistical program R, Lavaan package and the estimator used was the DWLS. The sample consisted of 316 young people aged between 15 and 19 years ($M= 16.35$; $SD= 1.22$), of both genders (74.4% female and 1.3% chose not to define gender). The results indicated that the model with the best fit was the 24 factors, with each force being considered a factor. Some of the loads rotated by items were below 0.30. The results support the need for further studies in Brazil and in the world on the most adequate factorization for the Character Strengths Scale, however the study presents itself as an advance for the field of Positive Psychology in Brazil towards the psychometric improvement of the Scale of Character Strengths in Adolescents (EFC-A). 2) This article aims to analyze the relations between character strengths, subjective well-being and self-esteem in adolescents. More specifically, to verify which character strengths were most positively related to subjective well-being; investigate the explanatory power of character strengths on self-esteem and self-esteem on subjective well-being; and identify whether there was influence of age, sex and course that the adolescents were enrolled in the studied. The sample consisted in 316 young people aged between 15 and 19 years ($M= 16.35$; $SD= 1.22$), of both genders (74.4% female and 1.3% chose not to define gender) and 80.8% were from the State of São Paulo. The results pointed to significant differences between sexes in the self-esteem and positive affect constructs, with boys scoring higher than girls and negative affect with girls scoring higher than boys. Regarding the age difference, the analyzes indicated a significant difference for positive affect and in relation to the course the students were enrolled in (high school or technical education) a significant difference was found for negative affect, pointing that secondary school students had higher means. The strengths correlated moderately to weakly with the constructs investigated in this study and the three components of subjective well-being were significantly correlated with self-esteem. Self-regulation, hope, gratitude, modesty and vitality forces explained 58% of self-esteem.

Keywords: positive psychology, psychological assessment, psychometrics, character strengths, adolescence

Resumen

Cavallaro, A. P. O. (2022). *Asociación entre fortalezas personales, bienestar subjetivo y autoestima en adolescentes*. Tesis de Máster, Programa de Estudios de Posgrado en Psicología, Universidad San Francisco, Campinas, São Paulo.

El período de la adolescencia está marcado por importantes cambios físicos, emocionales, cognitivos y sociales, por lo que es necesaria una mirada atenta a esta población. Los constructos positivos como la autoestima, las fortalezas personales y el bienestar subjetivo pueden servir como factores protectores para el desarrollo saludable de los jóvenes y adolescentes. Además, la literatura ha enfatizado cada vez más la importancia de los instrumentos de evaluación psicológica con buenas cualidades psicométricas. Así, la disertación tuvo como objetivo investigar las relaciones entre la autoestima, las fortalezas personales y el bienestar subjetivo en los adolescentes que asisten a la escuela. Para ello, se desarrollaron dos artículos: 1) El primero tuvo como objetivo investigar la estructura factorial de la Escala de Fortalezas de Carácter en Adolescentes, a través de análisis factoriales confirmatorios, y se consideraron tres modelos. En este sentido, se utilizó el programa estadístico R, paquete Lavaan y el estimador utilizado fue el DWLS. La muestra estuvo formada por 316 jóvenes de entre 15 y 19 años ($M = 16,35$; $DT = 1,22$), de ambos sexos (74,4% mujeres y 1,3% optaron por no definir género). Los resultados indicaron que el modelo con mejor ajuste fue el de 24 factores, siendo cada fuerza considerada un factor. Algunas de las cargas rotadas por artículos estaban por debajo de 0,30. Los resultados apoyan la necesidad de más estudios en Brasil y en el mundo sobre la factorización más adecuada para la Escala de Fortalezas del Carácter, sin embargo el estudio se presenta como un avance para el campo de la Psicología Positiva en Brasil hacia la mejora psicométrica del Escala de Fortalezas de Carácter en Adolescentes. 2) Este artículo tiene como objetivo analizar las relaciones entre fortalezas de carácter, bienestar subjetivo y autoestima en adolescentes. Más específicamente, para verificar qué fortalezas del carácter se relacionaron más positivamente con el bienestar subjetivo; investigar el poder explicativo de las fuerzas sobre la autoestima y la autoestima sobre el bienestar subjetivo; e identificar si hubo influencia de la edad, sexo y curso que los adolescentes fueron inscritos en los constructos estudiados. En este estudio participaron 316 jóvenes de entre 15 y 19 años ($M = 16,35$; $DT = 1,22$), de ambos sexos (74,4% mujeres y 1,3% optaron por no definir género), 80,8% del Estado de São Paulo. Los resultados señalaron diferencias significativas entre los sexos en los constructos de autoestima y afecto positivo, con los niños con puntuaciones más altas que las niñas y el afecto negativo con las niñas con puntuaciones más altas que con los niños. En cuanto a la diferencia de edad, los análisis indicaron una diferencia significativa para el afecto positivo y en relación al curso en el que estaban matriculados los estudiantes (bachillerato o educación técnica) se encontró una diferencia significativa para el afecto negativo, siendo los estudiantes de secundaria los que tuvieron medias más altas. Las fortalezas se correlacionaron de moderada a débil con los constructos investigados en este estudio y los tres componentes del bienestar subjetivo se correlacionaron significativamente con la autoestima. Las fuerzas de autorregulación, esperanza, gratitud, modestia y vitalidad explicaron el 58% de la autoestima.

Palabras clave: psicología positiva, evaluación psicológica, psicometría, fortalezas de carácter, adolescencia

Sumário

Lista de anexos	xii
Lista de apêndices	xiii
Lista de figuras	xiv
Lista de tabelas	xv
Apresentação	1
Introdução.....	4
Artigo 1: Investigação das propriedades psicométricas da Escala de Forças de caráter – Versão Adolescentes.....	21
Introdução.....	24
Método	29
Resultados	31
Discussão.....	36
Considerações Finais.....	41
Artigo 2: Associação entre Forças Pessoais, Autoestima e Bem-estar Subjetivo em Jovens ..	49
Introdução.....	51
Método	58
Resultados	61
Discussão.....	69

Considerações finais.....	76
A título de análises futuras	91
Discussão preliminar	92
Considerações finais.....	94
Referências	96
Anexos.....	109
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (1ª via) – Para menores de 18 anos.....	109
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (1ª via) – Para menores de 18 anos.....	110
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (1ª via).....	111

Lista de anexos

Anexo 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Para menores de 18 anos.....	85
Anexo 2: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	86
Anexo 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Para maiores de 18 anos.....	85
Anexo 4: Parecer do Comitê de Ética.....	98

Lista de apêndices

Apêndice 1. Questionário Sociodemográfico.....	102
Apêndice 2. Carta para a Instituição	103
Apêndice 3. Autorização Instituição	104

Lista de figuras

A Título de Análises Futuras

Figura 1. Modelo da análise de caminho.....	67
---	----

Lista de tabelas

Introdução

Tabela 1. Classificação das Forças Pessoais	05
Tabela 2. Estudos de Forças Pessoais e Bem-estar Subjetivo	09
Tabela 3. Estudos de Forças Pessoais, Bem-estar subjetivo e Autoestima	13

Artigo 1

Tabela 1. Índices de Ajuste para o Modelo das Forças Pessoais	31
Tabela 2. Cargas Fatoriais 120 Itens – EFC-A	32
Tabela 3. Coeficientes de Precisão – Modelo de 24 Forças	35

Artigo 2

Tabela 1. Estatísticas Descritivas para as 24 Forças Pessoais	61
Tabela 2. Estatísticas Descritivas da Escala de Afetos e Escala de Autoestima	62
Tabela 3. Diferenças de Média em relação ao sexo	63
Tabela 4. Diferenças de Média em relação às forças pessoais	64
Tabela 5. Diferenças de Média em relação à idade	65
Tabela 6. Diferenças de Média em relação ao curso matriculado (ensino médio ou ensino técnico)	66
Tabela 7. Correlação entre as Forças, Bem-estar subjetivo e autoestima	67
Tabela 8. Correlação entre Bem-estar subjetivo e autoestima	68

Apresentação

A adolescência é um dos períodos de maior transformação que o ser humano passa. Diversos autores se debruçam sobre esta temática na busca de entender melhor este momento e criar alternativas para que os adolescentes tenham um desenvolvimento saudável. O movimento da psicologia positiva contribui para este olhar mais positivo e focado nos construtos que visam contribuir para o fortalecimento de aspectos protetivos dos jovens.

A psicologia positiva surgiu nos finais dos anos 1990, quando Martin Seligman chegou à presidência da *American Psychological Association* (APA). É preciso reconhecer que diversos outros pesquisadores já falavam de construtos positivos e que há algumas relações entre a Psicologia Humanista e Social e a Psicologia Positiva, mas esta última buscou uma sistematização do olhar para o positivo, não para negar o negativo ou banalizá-lo, mas para ajudar o ser humano a desenvolver seus aspectos positivos, haja visto que um ser humano sem transtornos ou doenças mentais não é necessariamente um ser humano feliz.

O modelo das forças pessoais, desenvolvido por Peterson e Seligman (2004) se alinha a esse objetivo no sentido de que, segundo os autores, todas as pessoas possuem 24 forças pessoais mais ou menos latentes. Ora, se o indivíduo possui estas características e segundo a literatura é possível que elas sejam mais endossadas após intervenções este seria um caminho interessante para fortalecer os aspectos positivos dos adolescentes dando maior repertório para o enfrentamento de situações adversas.

Entretanto estamos falando aqui de um movimento bastante novo principalmente no que tange à proposição da classificação de 24 forças. As forças vêm sendo estudadas em todo o mundo, e ao mesmo tempo que levanta diversas questões sobre o modelo proposto, de modo que estudos empíricos não convergem em 24 forças organizadas em 6 virtudes, há também diversas pesquisas robustas que comprovam os benefícios positivos das forças pessoais nos indivíduos.

Neste sentido, desde que conheci o modelo das Forças Pessoais em um MBA em Desenvolvimento Humano e Psicologia Positiva, me apaixonei pelo tema e fiquei com uma pergunta na cabeça: como posso estudar mais sobre isso e ajudar a população a reconhecer e desenvolver suas forças pessoais? Eu pedagoga e turismóloga nunca tinha tido contato com o meio acadêmico na área de pesquisa. Apesar das duas faculdades, uma pós-graduação em Gestão da Qualidade de Vida em Empresas e o MBA eu não tinha ideia o que era fazer uma pesquisa.

No seguimento, decidi que gostaria de enfrentar este novo desafio e com a ajuda de professores do MBA fui direcionada para a referência no Brasil em forças pessoais, a Prof. Dra. Ana Paula Porto Noronha. Após muito estudo passei no mestrado na Universidade São Francisco (USF) com a Orientadora Prof. Dra. Ana Paula. O tema que eu queria estudar era muito pertinente: Como usar as forças pessoais para auxiliar pessoas? Entretanto, muito do que eu trazia com entusiasmo para ser estudado ou estar no projeto não era necessariamente pautado em evidências científicas. E logo ali de início veio o meu primeiro ensinamento científico sobre ser uma pesquisadora e se pautar sempre e inteiramente na ciência e eu agradeço a gentileza e carinho da minha orientadora em sempre me guiar neste caminho tão novo para mim.

Desta forma, eu guardei meu entusiasmo inocente no bolso e tirei meu entusiasmo crítico do outro e buscamos as lacunas da pesquisa brasileira em relação as forças pessoais. A tarefa não foi difícil haja visto que, como já foi dito, os estudos sobre a temática eram muito recentes e incipientes no Brasil.

O primeiro passo foi verificar as escalas que medissem o construto na população adolescente e dada a importância de instrumentos de avaliação psicológica com qualidades psicométricas decidimos buscar evidências de validade interna para a Escala de Forças de Caráter – Adolescentes, pois foram encontrados somente dois estudos que foram publicados

com o instrumento. Definimos, também, que iríamos verificar as associações das forças pessoais com outros construtos positivos para verificar as evidências de validade baseadas em variáveis externas da EFC-A. Após análise de literatura, optamos por autoestima e satisfação com a vida, afetos positivos e afetos negativos, a tríade que forma o bem-estar subjetivo.

A população adolescente em período escolar foi definida como público-alvo porque a autora acredita que os adolescentes têm grande potencial de desenvolvimento e merecem que mais estudos sejam realizados focando em seus aspectos positivos. Além disso, a autora acredita também que o ambiente escolar é extremamente propício para o desenvolvimento dos pontos fortes desta população. Dito isto, este estudo seria um primeiro passo para se entender as relações entre as forças pessoais e construtos positivos importantes para os adolescentes em período escolar. A autora espera que a partir destes resultados possa continuar seus estudos pensando em intervenções em possam ser benéficas para esta população e contribuir com a sociedade, seu objetivo principal desde o início.

Apresento então o trabalho de dois anos sobre Forças Pessoais, Autoestima e Bem-Estar Subjetivo em Adolescentes. Iniciando por uma fundamentação teórica, dois artigos decorrentes do projeto de pesquisa, uma sessão de achados que podem fundamentar pesquisas futuras, as considerações finais, bibliografia e anexos e apêndice.

Introdução

Nos anos 1990 surgiu um movimento da psicologia denominado Psicologia Positiva e sua proposta era de que a psicologia deveria focar no estudo dos construtos positivos e das forças de caráter, definidas como características positivas referentes aos comportamentos, pensamentos e sentimentos (Noronha & Batista, 2020; Peterson & Seligman, 2004). As forças poderiam auxiliar no tratamento e na prevenção de distúrbios psicológicos de um indivíduo, além de cultivar estados de bem-estar e autoestima (Seligman, 2002). Neste texto a tradução da expressão *character strengths* será utilizada como “forças pessoais” já que de acordo com Noronha e Reppold (2021) esta é a melhor tradução para o português.

É de suma importância que construtos positivos sejam estudados em adolescentes em ambiente escolar. Salcedo e Ye (2020) discutiram que a política da maioria das escolas, como é o contexto da presente pesquisa, não prioriza a importância do desenvolvimento positivo dos jovens (por exemplo, as forças pessoais), focando na inteligência formal dos alunos. No entanto, segundo os autores, esse comportamento pode ser visto como contrasenso, visto que as forças potencialmente podem auxiliar os alunos a conseguir sucesso acadêmico.

Nesse sentido, Fonsêca et al. (2020) defendem que o estudo da manifestação das forças pessoais nos jovens favorece os aspectos saudáveis (emocional, social e cognitivo), mesmo diante das dificuldades cotidianas, pois é comum nessa fase deparar-se com indivíduos em conflitos comportamentais e sociais. Também, com o intuito de justificar a relevância desta pesquisa, pode-se citar Silva & Dell'Aglio (2018), quando afirmaram que os altos níveis de bem-estar na adolescência facilitam o desenvolvimento frente a intensas transformações (biológicas, psicológicas e sociais), fazendo com que os adolescentes percebam suas vidas de maneira mais positiva. No que tange o construto autoestima, Hutz e Zanon (2011), defendem que ela deve ser analisada na adolescência porque observa-se que, também nessa faixa etária, há uma relação positiva deste construto com saúde mental.

Completando a relevância desta pesquisa, Camargo et al. (2011), em estudo para verificar do que os adolescentes precisam para ser felizes, encontraram, por meio de entrevistas semiestruturadas, que a categoria mais citada foi sentimentos positivos e, segundo os próprios adolescentes, isto estava relacionado a sentir-se bem consigo. As autoras concluíram sobre a necessidade das adolescentes em sentir-se bem consigo e com outros, de se conhecerem, se aceitarem (autoestima), de terem sentimentos de bem-estar (bem-estar subjetivo) e autonomia por meio do reconhecimento de suas forças em meio às mudanças provocadas por este período.

Forças pessoais, bem-estar subjetivo e autoestima: conceito e pesquisas

Juntamente com o advento do movimento da psicologia Positiva surge uma classificação chamado *Values in Action* (VIA) sobre virtudes e forças pessoais. A intenção era criar uma linguagem universal para facilitar a pesquisa sobre o tema. Segundo Dahlsgaard et al., (2005), o VIA foi criado com base em uma pesquisa ampla, levando em consideração, textos filosóficos e religiosos de diversas culturas, além do que já havia sido produzido na ciência psicológica. A classificação de seis virtudes e 24 forças, propostas por Peterson e Seligman (2004), são sumarizadas na Tabela 1.

Tabela 1.

Classificação das Forças Pessoais

Termo	Definição	Características
Sabedoria/ Conhecimento	Capacidades cognitivas que envolvem a aquisição e uso do conhecimento.	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Criatividade</i>: Pensamento novo e produtivo de como fazer as coisas de uma maneira diferente, incluindo façanhas artísticas, mas não se limitando a elas. • <i>Curiosidade</i>: Ter interesse na própria experiência, encontrar assuntos e temas fascinantes, explorar e descobrir. • <i>Pensamento crítico</i>: Pensar sobre as coisas e examiná-las de todos os lados, não tirar conclusões precipitadas, ser capaz de mudar de ideia, considerar todos os aspectos. • <i>Amor ao aprendizado</i>: Dominar novas habilidades, buscar novos conhecimentos, seja por conta própria ou formalmente, relaciona-se com a força curiosidade, mas vai além do que é sistemático para adicionar novas informações ao que sabe.

Termo	Definição	Características
Coragem	Força emocional que envolve o movimento de ter vontade para realizar objetivos frente às divergências externas ou internas.	<p><i>Sensatez:</i> Ser capaz de fornecer conselhos sábios para as pessoas, ter formas de olhar o mundo que fazem sentido para si mesmo e para os outros.</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Bravura:</i> Não tem medo de ameaças, desafios, dificuldades ou dor, vai pelo que é certo, mesmo se houver oposição, age com convicção mesmo não agradando, inclui coragem física, mas não se limita a isto. • <i>Perseverança:</i> Termina o que começa, persiste apesar dos obstáculos e tem prazer em completar uma tarefa. • <i>Autenticidade:</i> Fala a verdade, de forma genuína e age de uma maneira sincera, sem pretensão, assume a responsabilidade por seus sentimentos e ações. • <i>Vitalidade:</i> Vive a vida com entusiasmo, energia e como uma aventura, não faz nada pela metade ou de qualquer maneira, sente-se vivo e ativo.
Humanidade	Força interpessoal que envolve uma tendência em fazer amizade com os outros.	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Amor:</i> Valoriza estreitas relações com os outros, em especial aqueles em que a troca e carinho são recíprocos, gosta de estar perto das pessoas. • <i>Bondade:</i> Fazer favores e boas ações para os outros, ajudá-los, cuidar das pessoas.
Justiça	Força cívica que fundamenta uma vida comunitária saudável.	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Inteligência social:</i> Estar ciente das motivações e sentimentos dos outros e de si mesmo, saber o que fazer para se encaixar em diferentes situações sociais. • <i>Cidadania:</i> Sabe trabalhar bem como um membro de um grupo ou equipe, colabora e é leal ao grupo. • <i>Imparcialidade:</i> Trata todas as pessoas da mesma maneira, de acordo com as noções de equidade e justiça, não deixa que seus sentimentos e decisões prejudiquem os outros, oferece a todos uma oportunidade justa. • <i>Liderança:</i> Incentiva o grupo para que as coisas aconteçam e ao mesmo tempo mantém boa relação com os integrantes do grupo, organiza atividades em grupo e as vê acontecendo.
Temperança	Força que protege contra o excesso.	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Perdão:</i> Perdoar os que fizeram o mal, aceitar os defeitos dos outros, dar às pessoas uma segunda chance, não ser vingativo. • <i>Modéstia:</i> Deixa que as ações falem por si, não busca destaque, acredita que não é melhor que as outras pessoas. • <i>Prudência:</i> Tem cuidado com suas escolhas, não assume riscos indevidos, não diz ou faz coisas que pode se arrepender futuramente. • <i>Autorregulação:</i> Regula o que sente e faz, tem disciplina, tem controle sobre seu apetite e emoções.
Transcendência	Força que possui uma conexão e significado com um universo superior.	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Apreciação do belo:</i> Percebe e aprecia a beleza, a excelência e/ou desempenho de habilidades em vários domínios da vida, da natureza à arte, da matemática à ciência e à experiência cotidiana. • <i>Gratidão:</i> Estar ciente e grato pelas coisas boas que acontecem, tendo tempo para agradecer. • <i>Esperança:</i> Espera o melhor para o futuro e trabalha para alcançá-lo, acredita que um bom futuro é algo que

pode ser conquistado.

- *Humor*: Gostar de rir e provocar, traz sorrisos a outras pessoas, sempre olha o lado positivo das situações, é naturalmente engraçado.
 - *Espiritualidade*: Tem crenças coerentes sobre o propósito e significado do universo, sabe onde se insere dentro de um sistema mais amplo, tem crenças sobre o significado da vida trazendo-lhe conforto.
-

Nota: Adaptado de Peterson e Seligman (2004).

O bem-estar subjetivo é um dos construtos mais estudados na Psicologia Positiva (Seligman, 2011). Ele é um construto com três dimensões, sendo 1 referente ao aspecto cognitivo (satisfação com a vida) e 2 referentes ao aspecto emocional (afetos positivos e negativos) (Diener et al., 1999; Diener et al., 2005). Segundo Park et al. (2004), a satisfação com a vida aparenta ter uma função fundamental em algumas áreas, como resolução de problemas, relacionamento social significativo, pró-sociabilidade, resistência ao estresse, bem como prevenção da saúde física e mental. Já em relação às dimensões emocionais devem ser considerados alguns aspectos, sendo eles: quantitativo, levando em consideração o quanto determinadas emoções são experimentadas e; qualitativo, relativo à intensidade das emoções. O aspecto quantitativo é mais importante do que o qualitativo, pois experiências muito intensas, tanto positivas quanto negativas, são menos relevantes do que o número de vezes em que as emoções são sentidas (Albuquerque & Tróccoli, 2004; Hutz, 2014; Siqueira & Padovam 2008; Zanon, et al., 2013).

Ademais, Diener et al. (2018) afirmaram que os afetos positivos e negativos não são simplesmente lados opostos, mas sim contínuos. Assim, eliminar estados negativos não necessariamente aumenta os estados positivos, como também, eliminar a dor não aumenta o prazer (Diener et al., 2005). Segundo Segabinazi et al. (2012), a explicação da ortogonalidade das duas dimensões distintas do afeto, apoiaria, o fato das pessoas apresentarem simultaneamente afetos positivos e negativos. De acordo com os autores, espera-se uma relação entre os construtos (afetos positivos, afetos negativos e satisfação com a vida), de modo que, afetos positivos se correlacionam positivamente com a satisfação com a vida e os afetos

negativos apresentem uma correlação negativa. Nesta direção, Diener et al. (2018) enfatizam que cada componente do bem-estar subjetivo deve ser analisado separadamente para se ter uma visão completa do construto.

A investigação da relação entre bem-estar subjetivo e outros construtos é objeto de interesse na ciência humana (Diener et al., 1999), e uma das variáveis psicológicas identificada como mais associada aos indivíduos com maior nível de bem-estar subjetivo é a autoestima (Freire & Tavares, 2011). Segundo Rosenberg (1965), a autoestima é um conjunto de sentimentos e pensamentos do indivíduo sobre seu próprio valor, competência e adequação, que se reflete em uma atitude positiva ou negativa em relação a si mesmo.

Em relação ao construto autoestima, Baumeister e Vohs (2018) sugerem que ter autoestima elevada aumenta a confiança das pessoas em agir por si, por iniciar relações interpessoais e por responder proativamente após o fracasso. Nos estudos analisados na revisão destes autores, as pessoas com menor índice de autoestima não demonstraram ser mais felizes do que aqueles com autoestima mais alta, assim como pessoas com alta autoestima aparentam ter um estoque de emoções positivas que os ajudam nos tempos difíceis.

Segundo Bandeira e Hutz (2010), a autoestima pode ser a variável mais crítica que afeta de maneira positiva a interação de adolescentes com outros. Jovens com baixa autoestima podem desenvolver mecanismos que, possivelmente, distorcem a adequada expressão de seus pensamentos e sentimentos, além de dificultar a interação social. Um bom nível de autoestima é importante para o bom funcionamento do adolescente, pois os ajuda a confiar em si mesmos, sendo que aqueles com bons níveis deste construto persistem mais e fazem mais progressos. Ainda segundo os autores, a posição que os adolescentes ocupam entre seus pares é fundamental, e a autoestima é uma função deste status dentro do grupo, e os adolescentes que não se sentem pertencentes aos seus pares tem menos chances de desenvolver suas habilidades e seus recursos internos.

Assim, como a autoestima é uma variável estudada com outros construtos, as forças pessoais também, e, podem ser encontrados alguns estudos que serão relacionados abaixo que relacionam as forças pessoais e os componentes do bem-estar subjetivo. Importante considerar que nem todas as forças se relacionam da mesma maneira com as variáveis de desfecho (Ruch et al., 2014). A Tabela 2 apresenta os principais resultados destes estudos.

Tabela 2.

Estudos Forças Pessoais e Bem-estar subjetivo

Autores	País	Amostra	Constrututos avaliados	Resultados
Park et al. (2006)	Estados Unidos	N= 1300	Forças pessoais e a satisfação com a vida	Maiores correlações: esperança, amor, gratidão e vitalidade ($r > 0,50$, $p < 0,001$, $d = \sim 0,30$).
Van Eeden et al. (2008),		N= 1691 Idade: entre 13 a 17 anos	Forças pessoais e a satisfação com a vida	As correlações com maiores magnitudes se deram com as forças esperança ($r = 0,35$), vitalidade ($r = 0,34$), amor ($r = 0,33$) e gratidão ($r = 0,33$)
Gillham et al. (2011)		N = 149 Idade: entre 13 a 15 anos	Forças pessoais e a satisfação com a vida	As forças gratidão, esperança, perdão, bondade, cidadania, autorregulação, perseverança, curiosidade e amor ao aprendizado predisseram níveis mais altos de satisfação com a vida nos participantes
Toner et al. (2012)	Austrália	N= 501 Idade: entre 15 a 18 anos	Forças pessoais e a satisfação com a vida	As forças esperança ($\beta = 0,50$), imparcialidade ($\beta = 0,24$) e prudência ($\beta = 0,24$) foram as forças com maiores capacidades preditivas em relação à satisfação com a vida em 20% da variância
Ruch et al. (2014),	Alemanha	N= 1569 Idade: entre 10 e 17 anos	Forças pessoais e a satisfação com a vida	Maiores correlações: vitalidade ($r = 0,48$), gratidão ($r = 0,47$), amor ($r = 0,47$) e esperança ($r = 0,45$).
Autores	País	Amostra	Constrututos avaliados	Resultados
Blanca et al. (2017)	Espanha	N= 457 Idade: entre 11 e 14 anos.	Forças pessoais e a satisfação com a vida	Maiores pontuações para amor ($r = 0,41$), esperança ($r = 0,37$), autenticidade ($r = 0,32$) e persistência ($r = 0,31$).
Dametto e Noronha (2019a)	Brasil	N = 826 Idade: entre 14 e 18 anos	Forças pessoais e os componentes do bem-estar subjetivo	24 forças se correlacionaram com satisfação com a vida: variando de $r = 0,11$ para apreciação do belo e modéstia até $r = 0,46$ para gratidão. Afeto positivo: 23 associações variando de $r = 0,07$ (apreciação do belo) a $r = 0,54$ (vitalidade).

				Afeto negativo, correlaciona-se negativamente com 22 forças, desde $r = -0,08$ (criatividade) até $r = -0,40$ (autorregulação)
Oliveira et al. (2016)	Brasil	N = 237 Idade: entre 18 e 65 anos.	Forças pessoais e os componentes do bem-estar subjetivo	Afeto positivo (24 associações), variando de $r = 0,14$ (perdão) à $r = 0,44$ (vitalidade). Afeto negativo, (2 associações), sendo elas criatividade ($r = 0,14$) e vitalidade ($r = -0,16$). Satisfação com a vida (16 associações), variando entre $r = 0,17$ (apreciação ao belo) à $r = 0,42$ (com vitalidade).
Noronha e Martins (2016),	Brasil	N = 186 Idade: entre 17 e 45 anos.	Forças pessoais e a satisfação com a vida	Maiores correlações foram vitalidade ($r = 0,49$), gratidão ($r = 0,48$), esperança ($r = 0,40$), persistência ($r = 0,38$), e amor ($r = 0,37$).

Um estudo de meta-análise, com 65 amostras, foi realizado para verificar as diferenças entre os sexos nas forças pessoais, utilizando como moderadores idade (<13, 13–17, 18–20, 21–24, 25–34, e 35–54), nação (Estados Unidos, Alemanha, Suíça e Israel) e instrumentos (VIA – Is, VIA- Youth e instrumentos abreviados do VIA). Na comparação com a utilização do VIA – Youth (destinado para adolescentes de 10 a 17 anos) em comparação com o VIA – Is, as divergências foram identificadas entre crianças/adolescentes e adultos, sendo que nas crianças/adolescentes a diferença sempre favoreceu ao sexo feminino, ao passo que na população adulta os resultados foram variados. Os autores explicam que isso pode ser devido a um efeito genuíno da própria idade/maturação ou devido ao VIA – Youth ser uma medida específica para jovens e, que, possivelmente, tenha seu conteúdo alterado para se adequar a esta faixa etária. Em relação ao VIA –IS e os instrumentos abreviados, houve diferenças em relação ao sexo, sendo que nos instrumentos abreviados, amor e gentileza tiveram pontuações mais altas para as mulheres, enquanto no VIA –IS amor, gentileza, apreciação da beleza/excelência e gratidão tiveram pontuações mais altas para as mulheres e criatividade teve pontuação mais alta para os homens. Os pesquisadores não encontraram diferenças significativas quanto as nações (Heintz et al., 2017).

Em um estudo transversal exploratório com o objetivo de verificar diferenças entre as forças pessoais ao longo da adolescência, Brown et al. (2020) analisaram uma base de dados do VIA-Youth com 12.000 participantes de países com a língua oficial sendo o inglês (Estados Unidos, Canadá, Reino Unido e Austrália). Foi constatado que as meninas pontuaram mais alto em todas as forças pessoais, exceto criatividade, autoregulação e prudência, entretanto estas pontuações diminuíram entre as meninas, conforme o avançar da idade. Somente três forças pessoais tiveram pontuações mais altas, tanto em meninas como meninos, em idades mais avançadas, sendo elas modéstia, perspectiva e apreciação da beleza/excelência.

No contexto brasileiro, em pesquisas com população adulta, Oliveira et al. (2016) fizeram um estudo com 237 universitários, com idades entre 18 e 65 anos, com objetivo de verificar a associação entre forças pessoais e bem-estar subjetivo. Neste estudo foi utilizada a Escala de Forças de Caráter – EFC. A partir dos resultados, os autores identificaram que o afeto positivo se correlacionou significativamente com todas as forças, variando de $r= 0,14$ (perdão) à $r= 0,44$ (vitalidade). O afeto negativo, correlacionou-se significativamente com duas forças, sendo elas criatividade ($r= 0,14$) e vitalidade ($r= -0,16$). Na correlação entre forças e o aspecto cognitivo (satisfação com a vida), elas variaram entre $r= 0,17$ (apreciação ao belo) à $r= 0,42$ (com vitalidade), sendo que 16 das 24 correlações foram significativas. Em relação ao bem-estar subjetivo, as correlações variaram de $r= 0,14$ (com apreciação do belo) a $r= 0,40$ (com vitalidade). Neste estudo, as análises de variância relacionadas a sexo e idade não revelaram diferenças significativas com nenhuma das forças. Segundo Diener (2017), variações no sexo e na idade, entre amostras, podem ocorrer devido ao bem-estar subjetivo estar sujeito a variações culturais.

Em outro estudo para verificar as associações entre forças pessoais e satisfação com a vida, Noronha e Martins (2016), aplicaram a EFC em 186 estudantes universitários, 62,9 do sexo feminino, com idades entre 17 e 45 anos, a Escala de Forças de Caráter – EFC. Os

resultados mostraram que as forças que mais se relacionaram com a satisfação com a vida foram vitalidade ($r= 0,49$), gratidão ($r= 0,48$), esperança ($r= 0,40$), persistência ($r= 0,38$), e amor ($r= 0,37$). Em relação a diferença entre os sexos as mulheres pontuaram mais alto em integridade, generosidade, gratidão e persistência, com as magnitudes variando de $r = 0,35$ a $r = 0,49$. Neste estudo não foram encontradas diferenças significativas entre as idades.

A literatura também sugere que as forças pessoais se relacionam com a autoestima (Clifton & Hodges, 2004; Seligman, 2002) e que a forma como os indivíduos endossam suas forças pessoais, em sua vida cotidiana, estejam associadas ao nível de autoestima da pessoa. Mruk (2013) destaca que indivíduos que desenvolveram baixa autoestima têm maior probabilidade de ignorar suas habilidades e forças e se concentrar demais nos aspectos negativos e em suas inabilidades. O autor completa que, ao enfatizar os pontos fortes e as habilidades existentes, uma experiência mais positiva do indivíduo em relação às próprias capacidades pode ser desenvolvida devido às emoções gratificantes de se conseguir algo.

Alguns autores sugerem (por exemplo, Dogson & Wood, 1998; Dunn et al., 2008) que existe uma relação de interferência dupla entre estes construtos, ou seja, indivíduos com alta autoestima tem a capacidade de se concentrarem mais em suas forças pessoais e o foco e desenvolvimento das forças pessoais pode melhorar o nível de autoestima. Até novembro de 2021, em busca que a autora realizou no Portal CAPES, utilizando os termos forças pessoais/forças de caráter, bem-estar subjetivo e autoestima não foram encontrados muitos estudos que buscaram investigar a associação entre as forças pessoais e autoestima, como também que verificassem as relações entre estes três construtos, principalmente, com a população adolescente em ambiente escolar, alvo deste estudo. A tabela 3 apresenta os artigos encontrados.

Tabela 3.
Estudos Forças, Bem-estar subjetivo e Autoestima

Autores	Desenho	Constrututos avaliados	Resultados
Wood et al., (2011)	Longitudinal 6 meses	Forças Pessoais e Bem-estar subjetivo	Indivíduos que indicaram maior uso das forças pessoais obtiveram nível mais alto de autoestima, de vitalidade, de afetos positivos e níveis mais baixos de estresse percebido e afetos negativos.
Proctor et al (2011)	Quasi-Experimental	Efeitos das intervenções em forças de caráter na satisfação com a vida, afetos positivos, afetos negativos e autoestima.	O grupo que participou da intervenção apresentou índices mais altos de autoestima, afetos positivos e menos afetos negativos.
Douglass e Duffy (2014)	Transversal	Forças Pessoais e Satisfação com a vida	Uso das forças tem relação forte e positiva com a satisfação com a vida e a relação é mediada pela autoestima.
Toback et al. (2016)	Quasi-experimental	Efeitos de intervenção em forças pessoais e sobre a autoeficácia e na autoestima.	O grupo que passou pela intervenção demonstrou resultados superiores na autoeficácia, no teste após duas semanas, e nos níveis de autoestima e autoeficácia no teste após 3 meses.
Amit et al. (2020)	Experimental	Forças pessoais, bem-estar subjetivo, autoestima e otimismo.	O estudo mostrou que o grupo que focou em suas forças pessoais mostrou um resultado de otimismo maior, maior bem-estar, menores níveis de afetos negativos.
García-Álvarez et al., 2020).	Transversal	Forças Pessoais	Os resultados do estudo indicaram que as forças mais endossadas nos participantes em suas vidas diárias foram na ordem, autorregulação, inteligência social, gratidão, bravura e pensamento crítico.

No texto serão descritos alguns estudos relacionando os três construtos. Em uma investigação para examinar os mediadores e moderadores entre o uso das forças pessoais e satisfação com a vida, Douglass e Duffy (2014), utilizaram uma amostra de 224 indivíduos ($M= 19,4$, $DP=1,8$ anos), sendo 64,7% mulheres. A conclusão do estudo indica que o uso das forças pessoais está associado a satisfação com a vida, com relações fortes e positivas (os autores não citaram os coeficientes). Esta relação é mediada pela autoestima e o caminho entre autoestima e satisfação com a vida é moderado por níveis baixos a moderados de afetos positivos. Resultados semelhantes foram encontrados por Meyer e van Woerkom (2016) no

ambiente organizacional, onde emoções positivas foram os moderadores entre intervenções em forças pessoais e satisfação com a vida.

Em um estudo experimental realizado online, com 103 estudantes universitários (94 mulheres) com idades entre 18 e 49 anos, na cidade de Israel, Amit et al. (2020) buscaram evidenciar se a conscientização sobre as forças pessoais, influenciaria o bem-estar subjetivo e a autoestima dos participantes. Os voluntários foram organizados aleatoriamente em três grupos, sendo que deveriam fazer um jornal semanal durante cinco semanas. O primeiro grupo falaria sobre as suas forças pessoais, ou seja, no que eles foram bons na semana que tinha passado; o segundo grupo falaria sobre suas fraquezas, especialmente sobre o que eles tinham falhado na semana passada; e o terceiro grupo (grupo controle) falaria sobre as experiências que tiveram na semana passada e que tiveram algum efeito neles. O estudo mostrou que o grupo que focou em suas forças pessoais mostrou um resultado de otimismo maior, maior bem-estar, menores níveis de afetos negativos em relação ao grupo combinado (grupo controle + grupo de intervenção sobre fraquezas). Entretanto, eles não encontraram diferenças entre os grupos nos seguintes construtos: afetos positivos, autoestima e pessimismo.

Medidas de Forças Pessoais

Após a criação da classificação *Values in Action (VIA) Character Strengths*, que conforme citado anteriormente, inclui, 24 forças pessoais organizadas em seis virtudes, Peterson e Seligman (2004) desenvolveram um instrumento chamado *Via Inventory Strengths* – VIA – Is, que consiste em uma escala de autorelato, constituída de 240 itens, na língua inglesa. Os autores presumiram que o sistema de classificação fosse invariável entre as culturas e que a estrutura de seis dimensões fosse estável ao longo do tempo.

A classificação de seis virtudes, que foi baseado em uma análise textual de materiais de várias tradições morais (Dahlsgaard et al., 2005), não surge em estudos empíricos da escala das 24 forças. É importante ressaltar que Peterson e Seligman (2004) encontraram soluções

estatísticas de 5 fatores para a escala, entretanto, optaram por propor uma classificação de 6 fatores (virtudes), baseados em achados teóricos (Seibel et al., 2015). A este respeito, McGrath (2019) fala que as associações entre virtudes e forças foram determinadas intuitivamente em vez de empiricamente, possivelmente para espelhar presunções culturais relativamente universais em vez de características específicas das escalas VIA-IS.

Brdar e Kashdan (2010), mencionaram em seu artigo, que até aquele momento, apenas dois estudos haviam se dedicado a analisar a estrutura fatorial do VIA-Is (Macdonald et al., 2008; Peterson et al., 2008), e que a maioria dos outros pesquisadores possivelmente haviam aceitado a organização de 24 forças pessoais categorizadas em seis virtudes, sem mais estudos empíricos sobre ele. A este respeito, cabe ressaltar que a estrutura proposta por Peterson e Seligman (2004) não tem sido replicada empiricamente.

Vários estudos foram conduzidos usando análise fatorial exploratória ou análise de componentes principais para investigar a estrutura latente das 24 escalas do VIA-IS (por exemplo, Anjum & Amjad, 2020; Brdar & Kashdan, 2010; Littman-Ovadia et al., 2012; Martínez-Martí & Ruch, 2016; McGrath, 2014; McGrath, 2017; Neto et al., 2014; Seibel et al., 2015). Esses estudos produziram modelos que diversificaram no número de variáveis latentes retidas, no conteúdo dessas variáveis latentes e nos nomes aplicados a eles pelos autores. Segundo McGrath et al. (2017) essas variações podem ser atribuídas à amostragem e diferenças metodológicas entre os estudos, como por exemplo, variação na demonstração e no tamanho das amostras usadas, nos métodos usados para determinar quantos fatores / componentes reter e no método de extração e rotação.

No estudo de Brdar e Kashdan (2010) as autoras encontraram uma estrutura de quatro fatores, a saber, Forças Interpessoais, Fortaleza, Vitalidade e Cautela. Litman-Ovadia et al. (2012) encontraram uma estrutura com cinco fatores no estudo de adaptação do VIA para o hebraico, que foram nomeadas: Forças de Restrição, Forças Intelectuais, Forças Emocionais,

Forças Interpessoais e Forças Teológicas

Posteriormente, McGrath (2014) analisou uma amostra transcultural, de 16 países, a fim de identificar a invariância de medida nas diferentes traduções do VIA. Como resultado, o autor encontrou também uma estrutura de cinco fatores para o VIA, os quais foram nomeados: Interpessoais, Emocionais, Teológicos, Intelectuais e de Autorregulação. Já em pesquisa realizada em Portugal, por Neto et al. (2014) foi encontrada a solução de quatro fatores como a mais adequada para o VIA- Is, sendo as forças agrupadas em Interpessoais, de Liderança, de Temperança e Intelectuais.

Martínez-Martí e Ruch (2016) analisaram a estrutura fatorial da escala VIA - versão alemã, utilizando uma amostra de 363 indivíduos e chegaram à extração de 5 fatores, que foram nomeados: Emocional, Restrição, Intelectual, Interpessoal e Teologal. Estes resultados corroboram o estudo anterior que havia chegado aos mesmos fatores para a escala VIA- versão alemã.

Em um estudo realizado por Ng et al. (2016), os autores buscaram estimar evidências que convergissem com as encontradas por Peterson e Seligman (2004). Para isso, usaram a modelagem de equação estrutural exploratória de nível de item para desenvolver uma forma abreviada do VIA-IS. Através de uma abordagem analítica bifatorial para uma amostra de 447.573 participantes que completaram o VIA-IS com todos os 240 itens e um conjunto reduzido de 107 itens de forças, os autores verificaram que uma estrutura bifatorial de seis fatores geralmente é válida para o conjunto reduzido de itens de forças pessoais. As dimensões encontradas foram justiça, temperança, coragem, sabedoria, transcendência, humanidade e um fator geral abrangente que é descrito como positividade disposicional (Ng et al., 2016).

No estudo desenvolvido por Solano e Cosentino (2018), na Argentina, os autores investigaram as propriedades psicométricas de uma escala de forças abreviada (IVyF abreviado) e identificaram uma estrutura de três fatores para as 24 forças. Os fatores foram

denominados Forças Interpessoais, Forças Intelectuais e de Empatia Pessoal e Forças de Restrição. Por fim, Anjum e Amjad (2020), realizaram uma pesquisa no Paquistão, para a tradução e validação do VIA – IS para a língua Urdu. Neste estudo, os autores encontraram, por meio de diversas análises exploratórias, uma estrutura de quatro fatores, denominados: Cognitiva, Interpessoal, Vitalidade e Transcedência.

McGrath (2019), a partir da sua pesquisa publicou o relatório técnico do Pacote de Avaliação VIA para Adultos – Desenvolvimento e Avaliações Iniciais, em que ele relata que em 2014 o Instituto Via - *Values in Action*, reconheceu a necessidade do desenvolvimento de instrumentos para avaliação de forças pessoais que seguissem um processo psicométrico rigoroso e bem documentado. Em parceria com o Instituto VIA, uma série de estudos foram realizados a fim de aprimorar e desenvolver instrumentos com boas qualidades psicométricas. Ele cita neste relatório que possivelmente o melhor modelo para o VIA-IS parece ser o de cinco fatores, que se sobrepõe substancialmente ao modelo de 6 fatores, porém não é idêntico (McGrath 2014). Ele também explica que o modelo mais replicado é o de 3 fatores (McGrath 2015; McGrath et al., 2017), que emerge tanto com diferentes amostras, diferentes metodologias, e diferentes instrumentos de medidas. Este modelo consiste em 3 variáveis latentes, que são considerados fatores globais, sendo nomeados de Cuidado, Autocontrole e Curiosidade.

Em relação às mudanças provenientes destes estudos, Mcgrath (2019) cita que alguns itens foram retirados da escala *VIA Inventory of Strengths* (VIA-IS), tais como, itens que remetiam a práticas religiosas, itens sobre hábitos de saúde específicos, itens sobre honestidade consigo mesmo, entre outros. Como resultado destes anos de estudos eles criaram algumas escalas com melhores qualidades psicométricas e que abrangiam novas formas de se acessar as forças pessoais. A escala VIA- IS – R, ficou com 192 itens e é considerada, segundo o autor, o instrumento principal para se acessar as forças, porque têm itens balanceados quanto a

psicometria, formulação e codificação. Além deste, outros instrumentos foram revisados ou criados durante estes anos de estudo.

Em relação ao contexto brasileiro, Seibel et al. (2015) realizaram um estudo para traduzir e adaptar o instrumento VIA-IS para uso na população brasileira. Os autores contaram com a participação de 1.975 indivíduos de 18 a 82 anos, que responderam o questionário via internet. Os escores das forças foram submetidos à análise fatorial exploratória para investigar a estrutura da versão brasileira. O método de Hull sugeriu a extração de um único fator, enquanto a análise paralela sugeriu a extração de três (Forças de Regulação e Criticidade, Forças de Interesse e Envolvimento e Forças Relativas à Socialização e à Empatia) ou quatro fatores (incluindo o fator: Forças Associadas à Perspectiva e ao Futuro). No entanto, devido aos frágeis resultados extraídos a partir das análises paralelas que encontraram soluções multifatoriais (presença de diversas forças com cargas cruzadas e percentual de variância baixo $< 1.0\%$, entre os fatores que não o primeiro), as autoras optaram pela solução unifatorial que foi encontrada por meio do método de Hull.

Ainda no Brasil, Noronha e Barbosa (2016) se propuseram a desenvolver a Escala de Forças de Caráter (EFC) com base nos pressupostos teóricos de Peterson et al. (2004). O instrumento, todavia, não se trata de uma adaptação do VIA-Is e, sim, de uma construção de Escala de Forças de Caráter considerando o contexto e particularidades da população brasileira. No estudo de validação da EFC, que contou com 426 estudantes universitários, de duas universidades (privada e pública) dos estados de São Paulo e Minas Gerais, Noronha et al. (2015), encontraram, por meio de análises fatoriais, uma estrutura unidimensional. Tanto as análises VSS e a Hull indicaram que a melhor solução seria a extração de 1 fator latente. Entretanto, os autores falam que a homogeneidade da amostra pode ter sido uma limitação para o estudo e sugerem que estudos posteriores poderiam ser realizados utilizando diferentes amostras da população.

Neste sentido, foi realizado um estudo de investigação da estrutura fatorial da Escala de Forças de Caráter – EFC por Noronha e Batista (2020), com 1.500 pessoas, com idades entre 16 e 64 anos, sendo 98,7% do sexo feminino, de três universidades privadas de São Paulo e Minas Gerais. Baseados na premissa teórica de Peterson e Seligman (2004), os autores, solicitaram uma estrutura de 6 fatores. O RMSR foi de 0,05, portanto, aceitável para o modelo de seis fatores. A precisão dos itens foi estimada por meio do coeficiente alfa, com base em correlações policóricas, sendo 0,89 para o fator 1 (12 itens); 0,88 para o fator 2 (12 itens); 0,93 para o fator 3 (12 itens); 0,91 para o fator 4 (14 itens); 0,83 para o fator 5 (7 itens) e 0,88 para o fator 6 (6 itens). Os fatores foram denominados: “Interpessoais” (humor, amor, inteligência social, autenticidade e apreciação do belo), “Coragem” (sensatez, abertura, liderança, prudência, trabalho em equipe, bravura, criatividade), “Teologais” (espiritualidade, gratidão, otimismo e persistência), “Humanidade” (imparcialidade, bondade, modestia), “Autorregulação” (vitalidade, autorregulação e perdão), e por fim, o fator 6 recebeu o nome de “Intelectuais” (curiosidade e amor ao aprendizado) (Noronha & Batista, 2020).

Noronha e Batista (2020), entretanto, ressaltam que conforme outras pesquisas sobre a análise fatorial da Escala de Forças de Caráter, o modelo teórico proposto na elaboração do VIA, por Peterson e Seligman (2004) não tem sustentação empírica. Segundo Ciarrochi et al. (2016), as questões culturais de cada país e os contextos de aplicação são variáveis consideradas para justificar possíveis diferenças de estruturas identificadas para as forças pessoais, sendo necessário desenvolver mais investigações sobre o construto.

Em relação à avaliação das forças em adolescentes, Peterson e Seligman (2004) elaboraram o instrumento *Values in Action – Inventory of Strengths for Youth – VIA- Youth*, sendo esse voltado para a idade de 10 a 17 anos, em uma escala Likert, que varia entre ‘muito parecido comigo’ (5) a ‘não se parece nada comigo’ (1). O inventário é composto por 198 assertivas, sendo que a quantidade de itens para cada força varia entre 7 e 9. Assim como o

VIA- IS, pesquisas com o VIA-*Youth* têm sido realizadas em vários países (Estados Unidos, África do Sul, Argentina, Alemanha, Austrália e Brasil) com a intenção de demonstrar a credibilidade da escala na identificação e avaliação das forças de adolescentes (Dametto & Noronha, 2019b; Grinhauz & Solano, 2015; Park et al., 2006; Ruch et al., 2014; Toner et al., 2012; Van Eeden et al., 2008).

No Brasil, há disponível para a avaliação das forças em adolescentes a EFC-A, desenvolvida por Dametto e Noronha. (2019b). Ela é composta por 120 itens, respondidos em uma escala do tipo Likert, variando de 1 (nada parecido comigo) a 4 (totalmente parece comigo). Para o estudo de validação da escala para validação da EFC – A (a submissão do manuscrito foi anterior à defesa da tese) as autoras encontraram um resultado de 5 fatores (Dametto & Noronha, 2019b). Entretanto, Dametto (2017) para finalizar a sua tese continuou os estudos com a escala e chegou a um resultado de um fator, sendo a escala unidimensional. Faz-se necessário que mais estudos sejam realizados com diferentes amostras e populações para que possa se aprimorar as qualidades psicométricas da escala, haja visto a inconsistência em encontrar resultados congruentes com o modelo proposto (Peterson e Seligman, 2004) no Brasil e em todo o mundo.

Com base no exposto, a presente pesquisa teve como principal objetivo investigar a estrutura interna da Escala de Forças de Caráter – Adolescentes –EFC-A e analisar as relações entre as forças pessoais, autoestima e os componentes do bem-estar subjetivo. Para isto, a dissertação é estruturada em dois artigos: 1) Evidências de validade com base na estrutura interna da Escala de Forças de Caráter – Adolescentes 2) Evidências de Validade com base em variáveis externas para a Escala de Forças de Caráter – Adolescentes. Forças Pessoais, Autoestima e Bem-estar Subjetivo.

**Artigo 1: Investigação das propriedades psicométricas da Escala de Forças de caráter –
Versão Adolescentes**

**Investigation of the psychometric properties of the Character Strengths Scale -
Adolescents Version**

**Investigación de las propiedades psicométricas de la Escala de Fortalezas del Carácter -
Versión Adolescentes**

Ana Paula Ozório Cavallaro

Ana Paula Porto Noronha

Resumo

A adolescência é um período de grandes transformações e desafios e o olhar da Psicologia positiva pode trazer desfechos positivos para esta população. Neste sentido ressalta-se a importância de instrumentos para a avaliação psicológica no contexto da psicologia positiva para esta amostra em específico. A pesquisa teve como objetivo investigar a estrutura fatorial da Escala de Forças de Caráter em Adolescentes (EFC-A). Para tanto, a amostra foi composta por 316 jovens com idades entre 15 e 19 anos ($M= 16,35$; $DP= 1,22$), ambos os sexos (74,4% feminino), sendo empregada análise fatorial confirmatória para a comparação de três modelos (unidimensional, seis fatores e 24 fatores). Os resultados indicaram o modelo de 24 fatores como mais adequado, sendo cada força considerada um fator ($CFI = 0,922$; $TLI = 0,918$; $RMSEA = 0,040$), com a maioria dos itens sugerindo cargas fatoriais acima de 0,30. O estudo se apresenta como um avanço para a área de Psicologia Positiva no Brasil no sentido de aprimoramento psicométrico da EFC-A.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica, Psicologia Positiva, Psicometria

Abstract

Adolescence is a period of great transformations and challenges and the perspective of positive psychology can bring positive outcomes for this population. In this sense, the importance of instruments for psychological assessment in the context of positive psychology is highlighted for this specific sample. The research aimed to investigate the factor structure of the Strengths of Character Scale in Adolescents (EFC-A). Therefore, the sample consisted of 316 young people aged between 15 and 19 years ($M= 16.35$; $SD= 1.22$), both sexes (74.4% female), and confirmatory factor analysis was used to compare three models (one-dimensional, six factors and 24 factors). The results indicated the 24-factor model as the most appropriate, with each force considered a factor ($CFI = 0.922$; $TLI = 0.918$; $RMSEA = 0.040$), with most items suggesting factor loadings above 0.30. The study presents itself as an advance for the area of Positive Psychology in Brazil in the sense of psychometric improvement of the EFC-A

Keywords: Psychological Assessment; Positive Psychology Psychometrics.

Resumen

La adolescencia es un período de grandes transformaciones y desafíos y la perspectiva positiva de la Psicología puede traer resultados positivos para esta población. En este sentido, se destaca la importancia de los instrumentos de evaluación psicológica en el contexto de la psicología positiva para esta muestra específica. La investigación tuvo como objetivo investigar la estructura factorial de la Escala de Fortalezas de Carácter Adolescente (EFC-A). Para ello, la muestra estuvo formada por 316 jóvenes de entre 15 y 19 años ($M = 16,35$; $DT = 1,22$), de ambos sexos (74,4% mujeres), y se utilizó un análisis factorial confirmatorio para la comparación de tres modelos (unidimensional, seis factores y 24 factores). Los resultados indicaron el modelo de 24 factores como el más adecuado, y cada fuerza se consideró un factor ($CFI = 0,922$; $TLI = 0,918$; $RMSEA = 0,040$), y la mayoría de los ítems sugirieron cargas factoriales superiores a 0,30. El estudio se presenta como un avance para el campo de la Psicología Positiva en Brasil hacia la mejora psicométrica de la Escala de Fortalezas de Carácter Adolescente .

Palabras clave: Evaluación Psicológica; Psicología Positiva; Psicometría.

Introdução

O campo da Psicologia Positiva vem crescendo exponencialmente no Brasil e no mundo (Noronha & Reppold, 2021), trazendo consigo o estudo de diversos construtos positivos e, mais recentemente, levantando discussões sobre a mercantilização e inocuidade das intervenções baseadas nestes conceitos (Reppold et al., 2019). Um dos pilares da Psicologia Positiva são as forças de caráter, caracterizadas como componentes psicológicos que são definidos como traços da personalidade, positivos e moralmente valorizados (Peterson & Seligman, 2004), bem como características positivas que são centrais para o nosso ser, para a identidade do indivíduo e o seu comportamento (Niemić, 2019). As forças estão relacionadas a diversos desfechos positivos (Batista et al., 2021) e podem contribuir para o desenvolvimento positivo dos jovens e adolescentes (Brown et al., 2020). É, portanto, de fundamental importância que existam instrumentos de avaliação psicológica para esta população com qualidades psicométricas comprovadas. Neste sentido, este estudo tem como objetivo investigar as propriedades psicométricas da EFC-A.

As forças de caráter foram inicialmente desenvolvidas por Peterson e Seligman (2004), que criaram uma classificação chamada *Values in Action (VIA) Character Strengths*, sendo incluídas 24 forças organizadas em seis virtudes. Além disso, os autores desenvolveram instrumentos para medir o construto, quais sejam VIA-IS e Via-Youth. A intenção era criar uma linguagem universal para facilitar a pesquisa sobre o tema (Dahlsgaard et al., 2005). Peterson e Seligman (2004), presumiram que o sistema de classificação fosse invariável entre as culturas e que a estrutura de seis dimensões fosse estável ao longo do tempo. Entretanto, a classificação de seis virtudes não surge em estudos empíricos da escala das 24 forças (Seibel, 2015). McGrath (2019) indica que as divisões das forças em 6 virtudes não foram determinadas empiricamente, mas possivelmente de forma a seguir presunções culturais relativamente universais.

Devido a importância das forças de caráter no contexto da Psicologia Positiva e sua relação com desfechos positivos como satisfação com a vida (Blanca et al., 2018), resiliência e autoeficácia (Martinez-Marti & Ruch, 2016), saúde mental (Martinez-Marti et al., 2020), bem-estar subjetivo (Oliveira et al., 2016; Dametto & Noronha, 2019a), autorregulação emocional (Batista & Noronha, 2021), engajamento escolar (Fonsêca et al., 2020), diminuição do sofrimento e afetos negativos (Dolev-Amit et al., 2020), pesquisadores de todo o mundo passaram a analisar a estrutura fatorial das escalas VIA-IS.

Tais estudos produziram modelos que diversificaram no número de variáveis latentes retidas, no conteúdo dessas variáveis latentes e nos nomes aplicados a eles pelos autores (Anjum & Amjad, 2020; Brdar & Kashdan, 2010; Littman-Ovadia et al., 2012; Martínez-Martí & Ruch, 2016; McGrath, 2014; McGrath, 2017; Neto et al., 2014; Seibel et al., 2015). Outros pesquisadores desenvolveram escalas de forças de caráter levando em consideração os preceitos de Peterson e Seligman (2004), entretanto consideraram o contexto cultural do país (Noronha & Barbosa, 2016; Solano & Cosentino 2018) e, também, encontraram resultados diferentes do proposto originalmente.

Especificamente, no contexto brasileiro, Noronha e Barbosa (2016) desenvolveram a Escala de Forças de Caráter (EFC) considerando o contexto e particularidades da população brasileira. Quatro estudos foram realizados com a escala, sendo que três encontraram uma estrutura unifatorial (Couto et al., 2021; Noronha et al., 2015; Noronha & Barbosa, 2016) e um indicou a estrutura de 6 dimensões (Noronha, & Batista 2020). Noronha e Batista (2020), entretanto, ressaltam que embora tenha sido identificada uma estrutura com seis fatores, as forças de caráter se agruparam de outra maneira nos fatores quando comparadas com a proposição teórica original. Mais recentemente, foi desenvolvida a escala de forças de caráter reduzida EFC-B, que possui 18 itens com duas dimensões, visando facilitar a aplicabilidade do instrumento em pesquisas (Batista, 2020).

Em relação a avaliação das forças de caráter em adolescentes, Peterson e Seligman (2004) elaboraram o instrumento *Values in Action – Inventory of Strengths for Youth – VIA-Youth*, sendo esse voltado para a idade de 10 a 17 anos. Assim como na população adulta, pesquisas com instrumentos de forças de caráter para adolescentes têm sido realizadas em vários países (Estados Unidos, África do Sul, Argentina, Alemanha, Austrália, Grécia e Brasil) com a intenção de demonstrar a credibilidade da escala na identificação e avaliação das forças de adolescentes (Dametto & Noronha, 2019b; Grinhauz & Solano, 2015; Park et al., 2006; Ruch et al., 2014; Toner et al., 2012; Van Eeden et al., 2008).

Em estudo realizado na Argentina, Grinhauz e Solano (2015), por meio da análise fatorial exploratória e confirmatória, buscaram evidências de validade da versão adulta para o *Inventário de Virtudes y Fortalezas para Niño*, em uma amostra de 518 argentinos, de 10 a 12 anos, dos quais 50,9% eram meninas. Os autores chegaram a uma solução de seis fatores, a saber: Forças de Temperança, Forças de Empatia, Forças do Conhecimento, Forças Sociais, Forças da Justiça e fator seis.

Em outro estudo, com o objetivo de examinar a estrutura fatorial do Via-Youth e avaliar a invariância de medição, Mcgrath e Walker (2016) utilizaram uma amostra de $N= 23.850$ indivíduos que preencheram os testes online. Com base em uma subamostra aleatória, foi determinado que os dados foram melhor modelados usando quatro fatores. O restante da amostra foi usado para demonstrar a invariância da medição para o modelo de quatro fatores entre as idades de 10 a 17 anos e o país. A comparação com 471 alunos do ensino médio, que completaram duas medidas alternativas da escala VIA- *Youth*, também demonstrou invariância de medição. Os resultados sugerem um modelo de quatro fatores que inclui dois principalmente interpessoais, um refletindo o envolvimento geral e o segundo direcionamento a outros indivíduos. Outros fatores envolveram forças intelectuais e de autocontrole.

No Brasil, a escala de forças de Caráter para adolescentes (EFC-A) foi construída por

Dametto e Noronha (2019b). Ela é composta por 120 itens, respondidos em uma escala do tipo Likert. Dametto e Noronha (2019b) indicaram que a EFC-A possui evidências de validade de conteúdo e os itens representam consistentemente os dados da teoria. Em relação às evidências de estrutura interna, inicialmente, por meio de análises fatoriais confirmatórias, as autoras haviam chegado a extração de cinco fatores latentes, sendo eles: Forças Interpessoais, Forças de Temperança, Forças Teológicas, Forças Intelectuais e de Liderança e, por fim, Forças Abertura (constituído apenas pela força pensamento crítico). As forças gratidão, justiça e liderança não apareceram em nenhum dos fatores.

Dametto (2017) continuou os estudos de estrutura interna da escala e no que tange às propriedades psicométricas da EFC-A ela chegou a resultados diferentes do estudo mencionado anteriormente (a submissão do artigo foi anterior a defesa da tese). Os resultados da análise fatorial exploratória (AFE) indicaram a extração de cinco componentes e, em seguida, a autora realizou a análise fatorial paralela (AP), a fim de confirmar a melhor solução, sendo que este procedimento indicou que a possibilidade de extração de até 5 fatores. Entretanto, considerando a alta carga do primeiro componente, o *scree plot* e a pertinência teórica (divisão das forças entre os itens), decidiu-se manter apenas um componente. Portanto, a escala EFC –A ficou com uma solução unidimensional.

Como pode ser observado, os instrumentos existentes para avaliar as forças pessoais tanto no Brasil quanto em outros países, possuem estruturas fatoriais distintas. Adicionalmente, além das estruturas apresentadas destaca-se a avaliação de um modelo de 24 fatores, uma vez que a literatura já constatou que as forças estão relacionadas com desfechos positivos. Contudo, nem todas as forças se correlacionam da mesma maneira com o mesmo construto, ou seja, cada uma das 24 forças tem poderes preditivos diferentes (Cavallaro & Noronha, no prelo; Cherif et al., 2020; Gillham et al., 2011; Toner et al., 2012). Desta forma, faz-se importante que a escala de forças consiga mensurar o construto em sua totalidade e que forças não sejam suprimidas a

fim de se realizar uma factoração da escala que não encontra sustentação ou suporte na literatura.

Noronha et al. (2018) enfatizaram que as forças são entendidas como fatores protetivos para os adolescentes, uma vez que são conceitualmente definidas como a capacidade pré-existente para uma determinada forma de comportamento, pensamento ou sentimento, que se apresenta de forma autêntica para o indivíduo, e influencia sua relação com o enfrentamento dos problemas e a afetividade. Dito isto, faz importante que a escala de forças de carácter para adolescentes contemple as 24 forças que a teoria abarca.

Embora existam propostas de avaliações distintas, Noronha et al. (2015) enfatizaram que as divergências quanto ao modelo teórico das forças não pode ser empecilho para os pesquisadores investigarem o construto em diferentes amostras e com diferentes análises estatísticas. Entretanto sabe-se da importância de construir e utilizar-se de instrumentos de avaliação psicológica que possuam qualidades psicométricas comprovadas para certificar-se que o construto a ser mensurado é aquele que o instrumento se propõe (Pasquali, 2017) e não apresenta funções diferentes da proposta de avaliação (Hernandez et al., 2020; International Test Commission, 2020).

Ainda, os estudos sobre medidas de forças de carácter em adolescentes no Brasil são incipientes (Batista et al., 2021). A adolescência é um período de intensas transformações, caracterizado por mudanças nos níveis cognitivo e afetivo, no desenvolvimento das relações interpessoais e na busca de autonomia desta população (Silva & Dell'Aglio, 2018), fazendo-se necessário o olhar da ciência para os aspectos positivos e protetivos para esta população, buscando contribuir, para a elaboração de estratégias protetivas e para o desenvolvimento saudável e próspero dos adolescentes.

Neste sentido, este estudo se propôs a buscar evidências de validade baseada na estrutura interna da EFC-A, que é a escala de forças desenvolvida considerando o contexto

cultural dos adolescentes brasileiros, a partir de uma comparação entre modelos. Os modelos considerados para o estudo foram, o modelo teórico original de Peterson e Seligman (2004), a saber 6 virtudes, o modelo unidimensional encontrado em alguns estudos com população brasileira (Couto et al., 2021; Dametto, 2017; Noronha et al., 2015, Seibel et al., 2015) e o modelo 24 fatores considerando cada força como uma dimensão da escala.

Método

Participantes

Participaram do presente estudo 316 jovens com idades entre 15 e 19 anos ($M= 16,35$; $DP= 1,22$), ambos os sexos (74,4% feminino e 1,3% optaram por não definir sexo), 80,8% dos voluntários eram do Estado de São Paulo. Houve um equilíbrio entre a amostra em relação às séries em que frequentavam: 38,6% no terceiro ano e 33,9% no primeiro ano e também em relação ao tipo de curso que frequentavam, sendo 54,1% do ensino médio e 45,9% do ensino técnico. Nesta amostra 80,11% dos participantes declararam não trabalhar.

Instrumentos

Escala de Forças de Caráter para Adolescentes - EFC-A

A EFC-A é composta por 120 itens respondidos em uma escala do tipo Likert, variando de 1 (nada parecido comigo) a 4 (totalmente parece comigo). Cada força, das 24 possui 5 itens para representá-la e 2 dos itens foram invertidos para o negativo. Os voluntários devem assinalar uma lista de frases que descreve pensamentos, sentimentos e comportamentos, como “Agradeço pela vida das pessoas que eu amo” e “Gosto de fazer as coisas de maneiras diferentes”. A escala é unidimensional e apresentou índice de consistência interna satisfatório ($\alpha = 0,94$).

Procedimentos

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CAAE 37618720.8.0000.5514), a autora contactou instituição de ensino para distribuição do link para coleta de dados, que também foi divulgado nas redes sociais da autora e de seu *networking*. A coleta ocorreu de forma online, através do *Google forms* e para iniciar a pesquisa os jovens menores de 18 anos tiveram que coletar a assinatura dos pais ou responsáveis no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e preencheram o termo de Assentimento Livre e Esclarecido. Os jovens maiores de 18 anos tiveram que assinalar o Termo de Consetimento Livre e Esclarecido. A duração média da coleta foi de 35 minutos. É de fundamental importancia ressaltar, que a coleta de dados aconteceu virtualmente devido às medidas de enfrentamento da pandemia do Covid-19, seguindo assim as orientações propostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para manter o distanciamento social e/ou quarentena, considerando a gravidade da situação.

Análise de Dados

A fim de encontrar os objetivos propostos por esta pesquisa, o programa estatístico R, pacote Lavaan (*Latent Variable Analyses*) foi utilizado. Para a realização da Análise Fatorial Confirmatória (AFC), foram identificados três modelos a serem testados os ajustes (unifatorial, 6 fatores e 24 fatores). Para efetivação das análises o estimador utilizado foi DWLS (*diagonally adjusted weighted least squares*).

Os índices de ajuste considerados para a análise de AFC foram: a razão entre o qui-quadrado (χ^2) e os graus de liberdade (/gl), CFI (*Comparative Fit Index*) > 0,90, TLI (*Tucker Lewis Index*) > 0,90, RMSEA (*Root-Mean-Square Error of Aproximation*) < 0,03 (Browne & Cudeck, 1993) (Brown, 2014). A consistência interna foi determinada utilizando alfa de Cronbach (α) e omega de Macdonald (Ω), considerando os valores iguais ou acima de 0,7 como satisfatórios (Cunha et al., 2016; Dancey & Reidy, 2019; Malacarne et al., 2017).

Resultados

Por meio da AFC foi possível fazer a comparação da adequação de três modelos, primeiramente testou-se o modelo de seis fatores proposto originalmente por Peterson e Seligan (2004), posteriormente testou-se a solução fatorial unidimensional e a solução fatorial de 24 fatores. Os resultados são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1.

Índices de Ajuste para o Modelo das Forças Pessoais

Modelos	χ^2	Gf	p	χ^2/gf	CFI	TLI	RMSEA (CI 90%)
Unidimensional	14103,41	7020	<0.001	2,01	0,838	0,836	0,057 (0,055 – 0,058)
Seis fatores	13392,22	7005	<0.001	1,91	0,854	0,851	0,054 (0,052 – 0,055)
(24 fatores)	10031,02	6649	<0.001	1,51	0,922	0,918	0,040 (0,039 – 0,042)

Conforme observado na Tabela 1 o modelo que melhor se ajustou aos dados, apresentando índices mais adequados foi o de 24 fatores, considerando cada força como uma dimensão. Os índices apresentados foram $\chi^2/gf= 1,51$, CFI= 0,922, TLI= 0,918, RMSEA= 0,040 e por fim, o SRMR= 0,073.

De toda via, os modelos unidimensional e de 6 fatores apresentaram alguns índices dentro da normalidade, mas sempre inferiores aos do modelo de 24 fatores. Como exemplo, o modelo unidimensional apresentou $\chi^2 = 14103,41$, o modelo de 6 fatores $\chi^2 = 13392,22$ e o modelo multifatorial $\chi^2 = 10031,02$. O mesmo pode ser verificado em relação aos graus de liberdade, sendo $\chi^2/gf = 2,01$ (unidimensional), $\chi^2/gf = 1,91$ (6 fatores) e $\chi^2/gf = 1,51$ (24 fatores). Em relação ao RMSEA os valores dos modelos ficaram dentro do esperado pela literatura, mas favoreceram o modelo de 24 fatores, que indicou RMSEA de 0,040 enquanto o modelo de 6 fatores e o unidimensional apresentaram índices RMSEA superiores, quais sejam 0,054 e 0,057 respectivamente. No que tange o SRMR, o modelo multifatorial de 24 fatores apresentou SRMR= 0,073, o de 6 fatores SRMR = 0,084 e o unifatorial SRMR = 0,086.

Entretanto pode-se observar que nos índices de ajuste, CFI e TLI, os resultados dos modelos de 6 fatores e unidimensional ficaram abaixo do esperado pela literatura, sendo que modelo de 6 fatores apresentou CFI= 0,854 e TLI= 0,851 e o unidimensional indicou CFI= 0,838 e TLI= 0,836. Por tais motivos, o modelo multifatorial de 24 fatores foi identificado como o modelo com melhor ajuste para a EFC-A e visando o aprimoramento psicométrico do instrumento outras análises serão apresentadas a partir deste modelo. Na Tabela 2 são apresentadas as cargas fatoriais para cada item no modelo de 24 fatores.

Tabela 2.
Cargas Fatoriais 120 Itens – EFC-A

Forças	Item	Cargas	Forças	Item	Cargas	Forças	Item	Cargas
Amor	20	0,495	Criatividade	23	0,456	Liderança	30	0,420
Amor	32	0,482	Criatividade	46	0,626	Liderança	36	0,426
Amor	40	0,395	Criatividade	52	0,755	Liderança	67	0,684
Amor	49	0,539	Criatividade	70	0,569	Liderança	85	0,581
Amor	79	0,514	Criatividade	93	0,378	Liderança	100	0,691
Amor ao aprendizado	14	0,38	Curiosidade	1	0,229	Modéstia	15	0,368
Amor ao aprendizado	28	0,714	Curiosidade	61	0,273	Modéstia	33	0,532
Amor ao aprendizado	76	0,325	Curiosidade	65	0,673	Modéstia	38	-0,252
Amor ao aprendizado	98	0,608	Curiosidade	71	0,362	Modéstia	77	0,035
Amor ao aprendizado	105	0,492	Curiosidade	113	0,399	Modéstia	92	-0,070
Apreciação do Belo	7	0,496	Esperança	64	0,624	Pensamento Crítico	10	0,391
Apreciação do Belo	34	0,537	Esperança	86	0,621	Pensamento Crítico	24	0,327
Apreciação do Belo	42	0,676	Esperança	108	0,730	Pensamento Crítico	45	0,451
Apreciação do Belo	51	0,505	Esperança	114	0,630	Pensamento Crítico	57	0,113

Apreciação do Belo 107 0,380 Esperança 120 0,556 Pensamento Crítico 111 0,280

Forças	Item	Cargas	Forças	Item	Cargas	Forças	Item	Cargas
Autenticidade	8	0,40	Espiritualidade	03	0,616	Perdão	4	0,723
Autenticidade	19	0,247	Espiritualidade	31	0,865	Perdão	63	0,480
Autenticidade	68	0,602	Espiritualidade	35	0,904	Perdão	72	0,541
Autenticidade	84	0,111	Espiritualidade	47	0,653	Perdão	75	0,610
Autenticidade	87	0,583	Espiritualidade	74	0,719	Perdão	115	0,777
Autorregulação	2	0,415	Gratidão	11	0,501	Perseverança	39	0,446
Autorregulação	58	0,373	Gratidão	17	0,719	Perseverança	53	0,431
Autorregulação	78	0,401	Gratidão	27	0,493	Perseverança	56	0,417
Autorregulação	99	0,582	Gratidão	80	0,392	Perseverança	102	0,496
Autorregulação	118	0,504	Gratidão	110	0,658	Perseverança	106	0,621
Bondade	12	0,474	Humor	6	0,445	Prudência	9	0,471
Bondade	22	0,607	Humor	21	0,670	Prudência	18	0,474
Bondade	54	0,321	Humor	50	0,416	Prudência	59	0,687
Bondade	109	0,619	Humor	82	0,337	Prudência	101	0,659
Bondade	119	0,512	Humor	96	0,668	Prudência	103	0,192
Bravura	5	0,240	Imparcialidade	13	0,612	Sensatez	16	0,578
Bravura	26	0,445	Imparcialidade	44	0,454	Sensatez	25	0,380
Bravura	94	0,485	Imparcialidade	48	-0,005	Sensatez	43	0,446
Bravura	95	0,394	Imparcialidade	81	0,278	Sensatez	62	0,476
Bravura	112	0,422	Imparcialidade	91	0,518	Sensatez	97	0,507
Cidadania	29	0,629	Inteligência Social	37	0,267	Vitalidade	55	0,716
Cidadania	60	0,462	Inteligência Social	41	0,456	Vitalidade	69	0,766
Cidadania	73	0,651	Inteligência Social	66	0,674	Vitalidade	89	0,321
Cidadania	83	0,471	Inteligência Social	88	0,574	Vitalidade	90	0,655
Cidadania	116	0,431	Inteligência Social	104	0,342	Vitalidade	117	0,489

Conforme apresentado na Tabela 2, as cargas fatoriais dos 120 itens da EFC-A na estrutura multifatorial de 24 fatores variaram entre -0,005 (item 48, força imparcialidade) a 0,90 (item 35, força espiritualidade). Dos 24 fatores, 8 deles apresentaram itens com cargas abaixo de 0,30 (autenticidade, bravura, curiosidade, imparcialidade, inteligência social, modéstia, pensamento crítico e prudência).

Na dimensão “Autenticidade” dois itens apresentaram carga abaixo de 0,30, quais sejam: item 19, “É mais importante ser popular do que ser eu mesmo” e item 84, “Não gosto quando as pessoas fingem ser o que não são”. No fator “Bravura” um item apresentou carga abaixo: item 5, “Consigo controlar o meu medo diante de uma situação de risco”. Em “Curiosidade” dois itens ficaram abaixo, sendo: item 1 “Perco a noção do tempo quando começo a explorar algo novo” e item 61 “Não sou aberto a novas experiências (INV)”. Em “Imparcialidade” também dois itens ficaram abaixo, item 48, “Não gosto de usar as pessoas em benefício próprio”, apresentando a menor carga da escala (-0,005) e o item 81 “Não acho que todas as pessoas merecem respeito”.

No seguimento, na dimensão “Inteligência Social”, apenas um item apresentou carga abaixo de 0,30, item 37 “Não consigo me colocar no lugar dos outros”. O fator modéstia apresentou três itens abaixo de 0,30, sendo eles: item 38, “Prefiro que o foco esteja nos outros e não em mim”, item 77, “Não gosto de ser o centro das atenções”, item “Não me sinto melhor do que ninguém”. Na dimensão “Pensamento Crítico”, somente 1 item apresentou carga menor que 0,30: item 51, “Não me considero uma pessoa crítica (INV)”. Por fim, o fator “Prudência” teve um item que carregou menos que 0,30: item 103, “Não costumo agir por impulso”. Na Tabela 3 constam os coeficientes de precisão das 24 forças que compõem o modelo com melhor ajuste para a EFC-A.

Tabela 3.
Coefficientes de Precisão – Modelo de 24 Forças

Forças	α	Ω
Amor	0,513	0,617
Amor ao aprendizado	0,61	0,64
Apreciação o belo	0,63	0,67
Autenticidade	0,33	0,42
Autorregulação	0,58	0,60
Bondade	0,63	0,64
Bravura	0,50	0,50
Cidadania	0,65	0,68
Criatividade	0,71	0,72
Curiosidade	0,54	0,60
Esperança	0,77	0,78
Espiritualidade	0,87	0,87
Gratidão	0,69	0,70
Humor	0,63	0,67
Imparcialidade	0,41	0,51
Inteligência social	0,58	0,59
Liderança	0,70	0,71
Modéstia	0,40	0,49
Pensamento Crítico	0,55	0,60
Perdão	0,77	0,78
Perseverança	0,64	0,65
Prudência	0,61	0,63
Sensatez	0,59	0,60
Vitalidade	0,76	0,78

De acordo com a Tabela 3, algumas dimensões da EFC-A apresentaram índices de precisão abaixo do esperado na literatura, 0,70 (Dancey & Reidy, 2019). Os fatores que apresentaram menores índices foram “Autenticidade” ($\alpha= 33$ e $\Omega= 42$), “Imparcialidade” ($\alpha= 41$ e $\Omega= 51$) e “Modéstia” ($\alpha= 0,40$ e $\Omega= 0,49$), e os que apontaram maiores índices foram

“Espiritualidade” ($\alpha= 0,87$ e $\Omega= 0,87$), “Esperança” ($\alpha= 0,77$ e $\Omega= 0,78$) e “Vitalidade” ($\alpha= 0,76$ e $\Omega= 0,78$).

Discussão

Esta pesquisa teve por objetivo investigar as propriedades psicométricas da EFC-A. A busca por evidências de validade da EFC-A, baseadas na estrutura interna, faz-se importante devido às inconsistências encontradas na literatura quanto a divisão das 24 forças em virtudes. Apesar das premissas de Peterson e Seligman (2004) de que a estrutura da escala seria invariável nas diversas culturas, a estrutura da classificação das forças não tem se repetido nos estudos empíricos ao longo do mundo e, por vezes, em um mesmo país encontram-se estruturas diferentes (McGrath, 2014a; Ng et al., 2016). Para além disso, o construto forças pessoais tem se revelado importante para o desenvolvimento próspero e saudável dos adolescentes, servindo como fator protetivo às constantes mudanças as quais esta população enfrenta e um instrumento de avaliação confiável pode auxiliar no avanço destes estudos.

Cabe ressaltar que este é o segundo estudo que se tem conhecimento que está avaliando a estrutura interna da EFC-A na população jovem brasileira, sendo o primeiro de Dametto e Noronha (2019a). Neste sentido, optou-se por utilizar análises fatoriais confirmatórias (AFC) para trazer uma nova perspectiva de análise da escala, a partir da verificação dos itens, e comparar resultados com os modelos hipotetizados e não somente buscar a fatoraçoão do instrumento. Laros (2007) enfatiza que a AFC, para além de permitir testar o ajuste relativo a modelos concorrentes, é de grande valor no processo de refinamento e revisão de instrumentos psicológicos e suas estruturas fatoriais.

Conforme mencionado anteriormente, três modelos hipotetizados foram escolhidos: 1 - teoria que fundamenta a escala, modelo teórico de Peterson e Seligman (2004), formado por 6 fatores; 2 - modelo unidimensional, solução que foi encontrada em quatro estudos com amostra brasileira, sendo um com a escala EFC -A (Dametto, 2017) e três com a escala EFC (Couto et

al., 2021; Noronha et al., 2015, Seibel et al., 2015); 3 – modelo multifatorial de 24 fatores, em que cada força representa uma dimensão da escala. Os resultados encontrados revelaram que o modelo que mostrou melhor ajuste foi o de 24 fatores, com os índices: χ^2/gl = 1,51, CFI= 0,922, TLI= 0,918, RMSEA= 0,040 e por fim, o SRMR= 0,073.

Ressalta-se que o modelo unidimensional e o de 6 fatores apresentaram alguns índices dentro do esperado na literatura, entretanto ao comparar-se com o modelo de 24 fatores percebe-se a superioridade do ajuste ao modelo de 24 fatores. Como apontado por Kline (2005) quanto maior a magnitude da discrepância entre a matriz da covariância observada e a modelada (χ^2), e quanto maior o valor, pior será o ajustamento, sendo que neste caso a menor magnitude se deu para o modelo multifatorial $\chi^2 = 10031,02$. O mesmo aconteceu em relação aos graus de liberdade, sendo $\chi^2/\text{gl} = 1,51$ (24 fatores). No que tange ao RMSEA, são esperados resultados menores que 0,05, porém aceitáveis até 0,08 e quanto ao SRMR, índices menores que 0,10 são indicativos de bom ajuste (Kline, 2005; Hair et al., 2010), sendo que o modelo que apresentou melhores resultados dentro do esperado foi o de 24 fatores (RMSEA de 0,040 e SRMR= 0,073).

Entretanto em relação ao CFI e TLI, que avaliam se os modelos se adequaram aos dados da amostra, e são esperados valores acima de 0,95 que apontam para um ótimo ajuste, e superiores a 0,90, que indicam um ajuste adequado (Brown 2006, Bentler, 1990; Hu & Bentler, 1999), o modelo de 6 fatores e o unidimensional não apresentaram índices dentro do esperado. Portanto para este estudo, os resultados suportam a ideia de que estes modelos não podem ser considerados adequados enquanto o modelo de 24 fatores, que considera cada força uma dimensão da escala foi o único que apresentou resultados acima de 0,90 (CFI = 0,922 e TLI = 0,918) e se adequou aos dados, mostrando o melhor ajuste.

Em relação ao melhor ajuste o do modelo de 24 fatores, Velicer e Jackson (1990) afirmam que a “superextração” (extração de um número de fatores maior do que realmente

existem) ou a “subextração” (extração de um número menor de fatores do que realmente existem) podem igualmente levar a resultados e conclusões distorcidas. Neste sentido, este estudo propôs buscar uma alternativa para a fatoração da escala, questionando as estruturas encontradas na literatura, haja visto que nem mesmo em um mesmo país há um consenso, como citado anteriormente, e demonstrar estatisticamente a superioridade estatística deste modelo.

Zwick e Velicer (1986) afirmam que o número de componentes ou fatores a se extrair é umas das decisões mais importantes que o pesquisador deve tomar. Sobre este tema, é sabido na literatura que Peterson e Seligman (2004) encontraram uma estrutura de 5 fatores para a divisão das 24 forças pessoais, entretanto optaram por criar uma escala com 6 fatores, baseados em seus achados teóricos (Seibel, 2015). McGrath (2019) presume que as associações entre as forças e o agrupamento em fatores (virtudes) foram determinadas intuitivamente em vez de empiricamente, possivelmente para espelhar presunções culturais relativamente universais em vez de características específicas da escala que os autores estavam criando. Há que se levar em consideração que a classificação das forças e virtudes surgiu junto com a Psicologia Positiva, tendo este campo um pouco mais de 20 anos de estudos empíricos e havendo muitas lacunas a serem sanadas (Niemic, 2019).

Neste seguimento, conforme o avanço dos estudos empíricos na área das forças pessoais descobriu-se que apesar de elas representarem uma linguagem comum que descreve o que há de melhor no ser humano (Gallagher, & Lopez, 2019), cada força se relaciona de forma diferente com outros construtos, ou seja, apresentam desfechos positivos diferentes (Brown et al., 2020; Niemic, 2019; Rashid et al., 2013), tal como mencionado anteriormente. E ainda, diversos estudos passam a considerar o uso de forças específicas para estudar desfechos positivos (Couto et al., 2021; García-Álvarez et al., 2020). Os próprios autores da classificação, Peterson e Seligman (2004) esclarecem que quando a elaboraram um dos critérios para inclusão da força na escala era a distinção com outras forças, não no sentido de ortogonalidade pois

poderiam se correlacionar. Deste feito, uma escala que considere cada força como uma dimensão faria mais sentido do que escalas que suprimem determinadas forças como indicado em estudos anteriores (Dametto, 2017; Ng et al., 2016).

No que diz respeito às estimativas padronizadas, verificou-se que algumas cargas fatoriais ficaram abaixo de 0,30, valor adotado pela literatura (Laros, 2007; McNeish et al., 2018). Em relação a isso, pode-se considerar um indicativo de que uma revisão de conteúdo pode contribuir para a qualidade psicométrica da escala ou ainda considerar a eliminação de tais itens para a proposição de uma versão revisada da EFC-A.

O fator que mais apresentou cargas abaixo do esperado (3), foi “Modéstia”: “Prefiro que o foco esteja nos outros e não em mim”, “Não gosto de ser o centro das atenções”, “Não me sinto melhor do que ninguém”. O item que apresentou a menor carga da escala (-0,005) foi na dimensão “Imparcialidade”: “Não gosto de usar as pessoas em benefício próprio”. Outros itens que chamam a atenção devido aos seus resultados foram: Perco a noção do tempo quando começo a explorar algo novo” e “Não sou aberto a novas experiências (INV)”, ambos do fator curiosidade.

Sobre estes resultados há que se considerar algumas perspectivas, uma delas, parte da própria classificação de forças e do desenvolvimento do adolescente, ou seja, o quanto o jovem consegue interiorizar e “aplicar” na sua vida aquela situação hipotética que o item representa. Sobre este tema estudos anteriores destacam que algumas forças têm uma trajetória de desenvolvimento, sendo assim, são menos endossadas e vividas no cotidiano da população jovem e são incorporadas ao longo do tempo com a maturação cognitiva, emocional e social do indivíduo (Batista & Noronha, 2021; Brown et al., 2020; Park & Peterson, 2006; Rashid et al., 2013).

A outra perspectiva leva em conta a forma como o item foi escrito, a situação específica ou contexto a que se refere e se os adolescentes realmente entenderam o que está sendo

colocado. A escala foi criada passando por todos os processos indicados pela literatura, como, avaliação do conteúdo pelos juízes e aplicação da escala em uma amostra teste (N=23) para testar o entendimento dos itens (Dametto & Noronha, 2019b).

Entretanto após as análises apresentadas neste artigo, novos estudos podem ser realizados a fim de reavaliar a validade do conteúdo da escala. Diversas escalas passam por novos estudos visando a melhoria das qualidades psicométricas e como resultado modificam alguns itens ou eliminam itens que apresentaram resultados abaixo do esperado (International Test Commission, 2020; Hernandez et al., 2020; Mcgrath, 2019).

No seguimento, o modelo apontado como mais adequado pelas análises de AFC foi o de 24 fatores, entretanto, ao estimar a confiabilidade para este modelo, os resultados das análises se apresentaram para a maioria dos fatores abaixo de 0,70, como esperado pela literatura (Baptista et al., 2019). Os três piores índices foram para os fatores “Autenticidade” ($\alpha= 33$ e $\Omega= 42$), “Imparcialidade” ($\alpha= 41$ e $\Omega= 51$) e “Modéstia” ($\alpha= 0,40$ e $\Omega= 0,49$), e os que apontaram maiores índices foram “Espiritualidade” ($\alpha= 0,87$ e $\Omega= 0,87$), “Esperança” ($\alpha= 0,77$ e $\Omega= 0,78$) e “Vitalidade” ($\alpha= 0,76$ e $\Omega= 0,78$).

Nesta perspectiva pode-se fazer um paralelo e analisar que há similaridades na forma como os itens carregaram em cada dimensão e os valores apontados como resultados nos índices de precisão. No fator “Autenticidade” dois itens apresentaram medias abaixo de 0,30, variando entre 0,11 e 0,60, assim como no fator “Imparcialidade”, no qual dois itens ficaram abaixo de 0,30, variando de -0.005 a 0,61 e por fim “Modéstia” que apresentou três itens abaixo de 0,30, com valores entre 0,035 e 0,53.

Isto posto, reforça-se a ideia de que mais pesquisas são necessárias visando o aprimoramento da escala EFC-A. Pode-se sugerir que novos estudos sejam realizados pensando em uma versão breve da escala, visando diminuir a quantidade de itens, tornando-os

mais sustentáveis dentro das dimensões, fazendo com que o instrumento seja mais adequado, com valores de índices mais satisfatórios e, conseqüentemente, com a precisa mais satisfatória.

Considerações Finais

Este estudo objetivou contribuir para a área de Avaliação Psicológica e Psicologia Positiva no contexto brasileiro, estimando as evidências de validade, baseadas na estrutura interna da EFC-A. Mais especificamente, para o avanço dos estudos de escalas de forças de caráter em adolescentes brasileiros em ambiente escolar, já que este é um campo novo e os estudos no Brasil ainda são incipientes, e de forma alguma pretende-se esgotar as discussões sobre a melhor estrutura para a escala de EFC-A. Dessa forma, pode-se dizer, que o estudo atendeu ao seu objetivo já que a estrutura multifatorial, com 24 dimensões, oferece resultados satisfatórios, entretanto requer aprimoramento de medida através de novas buscas de validade interna da estrutura. A autora sugere que futuros estudos façam uma revisão da escala a partir de uma análise de conteúdo de itens, assim como a proposição de uma nova estrutura retirando os itens que carregaram abaixo do esperado, visando melhores qualidades psicométricas para a EFC-A. Ainda, reforça-se a importância que mais estudos sejam realizados considerando os potenciais benefícios que uma escala de forças pessoais pode trazer para o avanço da área de Psicologia Positiva no Brasil.

No que diz respeito às limitações deste estudo pode-se apontar a concentração regional dos voluntários, sendo a maioria do interior do estado de São Paulo. Outro limitador é que a coleta de dados foi feita de forma online devido a pandemia de Covid-19, podendo aumentar o viés de aquiescência e desejabilidade social do instrumento. Para além disso o modelo encontrado como melhor ajuste aponta para uma nova estrutura não havendo na literatura estudos que embasem ou refutem este estudo. As autoras sugerem que novos estudos sejam realizados considerando amostras maiores, de mais regiões do país e que contemplem maior diversidade socioeconômica para que novas análises de validade, baseada na estrutura interna,

sejam realizadas com a EFC-A. Sugere-se também que novas pesquisas aconteçam pensando em uma escala de forças mais podendo potencialmente aumentar a adesão dos jovens aos estudos que utilizem esta escala.

Referências

- Anjum, Afifa., & Amjad, N. (2020). Values in Action Inventory of Strengths (VIA-IS): Translation and Validation in Urdu Language. *Pakistan Journal of Psychological Research*, 35(1), 163-189. <https://doi.org/10.33824/PJPR.2020.35.1.10>
- Baptista, M. N., Muniz, M., Reppold, C. T., Nunes, C. H. S. S., Carvalho, L. F., Primi, R., ... Pasquali, L. (2019). *Compêndio de Avaliação Psicológica*. Vozes.
- Batista, H., & Noronha, A. (2021). Forças pessoais/de caráter e autorregulação emocional: associações e evidências de validade. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 22(1), 37-49. <https://doi.org/10.15309/21psd220105>
- Batista, H. H. V. S., Noronha, A. P. P., & Queiroz, L. G. (2021). Medidas de forças de caráter para crianças: revisão integrativa da literatura. *Contextos Clínicos*, 14(1). <https://doi.org/10.4013/ctc.2021.141.10>
- Blanca, M. J., Ferragut, M., Ortiz-Tallo, M., & Bendayan, R. (2018). Life satisfaction and character strengths in Spanish early adolescents. *Journal of Happiness Studies*, 19, 1247-1260. <https://doi.org/10.1007/s10902-017-9865-y>
- Brdar, I., & Kashdan, T. B. (2010). Character strengths and well-being in Croatia: An empirical investigation of structure and correlates. *Journal of Research in Personality*, 44(1), 151–154. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2009.12.001>
- Brown, T. A. (2014). *Confirmatory factor analysis for applied research*. Guilford Press.
- Brown, M., Blanchard, T., & McGrath, R. E. (2020). Differences in self-reported character strengths across adolescence. *Journal of Adolescence*, 79, 1–10. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.12.008>

- Cherif, L., Wood, V. M., & Watier, C. (2020). Testing the effectiveness of a strengths-based intervention targeting all 24 strengths: Results from a randomized controlled trial. *Psychological Reports*. <http://doi.org/10.1177/0033294120937441>
- Couto, R. N., Fonsêca, P. N. da, Silva, P. G. N. da & Medeiros, P.C.B. (2021). Forças de caráter: evidências de uma escala e prevalência no Nordeste brasileiro. *Ciências Psicológicas*, 15(1), e-2357. <https://doi.org/10.22235/cp.v15i1.2357>
- Cunha, C. M., Neto, O. P. A., & Stackfleth, R. (2016). Main psychometric evaluation methods of measuring instrument's reliability. *Revista de Atenção à Saúde*, 14(49), 98-103. <https://10.13037/ras.vol14n49.3671>
- Dahlsgaard, K., Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2005). Shared virtue: The convergence of valued human strengths across culture and history. *Review of General Psychology*, 9(3), 203-213. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.9.3.203>
- Dametto, D. M. (2017). *Construção e Estudos Psicométricos da Escala de Forças de Caráter para Adolescentes*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas.
- Dametto, D. M., & Noronha, A. P. P. (2019a). Character strengths and subjective well-being in adolescence. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 24(4), 340-348. <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20190034>
- Dametto, D. M., & Noronha, A. P. P. (2019b). Construction and Validation of the Character Strengths Scale for Youth (CSS-Youth). *Paidéia*, e2930. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2930>
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2019). *Estatística sem matemática para psicologia*. Tradução técnica: Lori Viali, 7ª ed. Penso.

- Dolev-Amit, T., Rubin, A., & Zilcha-Mano, S. (2020). Is Awareness of Strengths Intervention Sufficient to Cultivate Wellbeing and Other Positive Outcomes? *Journal of Happiness Studies*, 1-22. <https://doi.org/10.1007/s10902-020-00245-5>
- Fonsêca, P. N. da, Silva, M. C. da, Couto, R. N., Silva, P. G. N. da, & Santos, J. L. F. dos. (2020). Engajamento escolar e sua relação com as forças de caráter dos adolescentes. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 10(1), 160-179. <https://doi.org/10.26864/pcs.v10.n1.8>
- Gallagher, M. W., & Lopez, S. J. (2019). *Positive psychological assessment: A handbook of models and measures*. APA Books. Available from: American Psychological Association. 750 First Street NE, Washington, DC 20002.
- Gillham, J., Adams-Deutsch, Z., Werner, J., Reivich, K., Coulter-Heindl, V., Linkins, M., ... Seligman, M. E. P. (2011). *Character strengths predict subjective well-being during adolescence*. *The Journal of Positive Psychology*, 6(1), 31–44. <https://doi.org/10.1080/17439760.2010.536773>
- Grinhauz, A. S., & Solano, A. C. (2015). Un estudio exploratorio acerca de las fortalezas del carácter en niños argentinos [An exploratory study about character strengths in Argentinean children]. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 33(1), 45–56. <https://doi.org/10.12804/apl33.01.2015.04>
- Hernández Baeza, A., Hidalgo Montesinos, M. D., Hambleton, R. K., & Gómez Benito, J. (2020). International test commission guidelines for test adaptation: A criterion checklist. *Psicothema*, 32(3), 390-398. <https://doi.org/10.7334/psicothema2019.306>
- Laros, J. A. (2007). O uso da análise fatorial: algumas diretrizes para pesquisadores. Em: L. Pasquali (Org.), *Análise fatorial para pesquisadores*. Vozes.

- Littman-Ovadia, H., & Lavy, S. (2012). Character strengths in Israel: Hebrew adaptation of the VIA Inventory of Strengths. *European Journal of Psychological Assessment*, 28(1), 41–50. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000089>
- Malacarne, M. P., Luiz, S. G, Amaral, T. R., & Siqueira, M. M. (2017). Health service evaluation in Public Health: a survey of research on assessment in Public Health Graduate Programs. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, 18(1), 62-7. <https://doi.org/10.21722/rbps.v18i1.15136>
- Martinez-Martí, M. L., & Ruch, W. (2016). Character strengths predict resilience over and above positive affect, self-efficacy, optimism, social support, self-esteem, and life satisfaction. *The Journal of Positive Psychology*, 12(2), 110–119. <https://doi.org/10.1080/17439760.2016.1163403>
- Martinez-Marti, M. L., Theirs, C., I., Pascual, D., & Corradi, G. (2020). Character strengths predict an increase in mental health and subjective well-being over a one-month period during the COVID-19 pandemic lockdown. *Frontiers in Psychology*. <http://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.584567>
- McGrath, R. E. (2014). Measurement Invariance in Translations of the VIA Inventory of Strengths. *European Journal of Psychological Assessment*, 32(3), 187-194. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000248>
- McGrath, R. E. (2014a). Integrating psychological and cultural perspectives on virtue: The hierarchical structure of character strengths. *The Journal of Positive Psychology*, 10(5), 407–424. <https://doi.org/10.1080/17439760.2014.994222>
- McGrath, R. E. (2019). *The VIA Assessment Suite for Adults: Development and initial evaluation, revised edition*. VIA Institute on Character.

- McGrath, R. E., & Walker, D. I. (2016). Factor structure of character strengths in youth: Consistency across ages and measures. *Journal of Moral Education, 45*(4), 400–418. <https://doi.org/10.1080/03057240.2016.1213709>
- McNeish, D., An, J., & Hancock, G. R. (2018). The thorny relation between measurement quality and fit index cutoffs in latent variable models. *Journal of Personality Assessment, 100*(1), 43–52. <https://doi.org/10.1080/00223891.2017.1281286>
- Neto, J., Neto, F., & Furnham, A. (2014). Gender and Psychological Correlates of Self-rated Strengths Among Youth. *Social Indicators Research, 118*(1), 315-327. <https://doi.org/10.1007/s11205-013-0417-5>
- Ng, V., Cao, M., Marsh, H. W., Tay, L., & Seligman, M. E. P. (2016). The factor structure of the Values in Action Inventory of Strengths (VIA-IS): An item-level Exploratory Structural Equation Modeling (ESEM) bifactor analysis. *Psychological Assessment, 29*(8). <https://doi.org/10.1037/pas0000396>
- Niemiec, R. M. (2019). *Six Functions of Character Strengths for Thriving at Times of Adversity and Opportunity: a Theoretical Perspective. Applied Research in Quality of Life.* <https://doi.org/10.1007/s11482-018-9692-2>
- Noronha, A. P. P. & Reppold, C. T. (2021). As fortalezas dos indivíduos: o que são forças de caráter. In: M. Rodrigues, & D. S. Pereira (Orgs.), *Psicologia Positiva: Dos conceitos à aplicação* (pp. 68-81) Sinopsys.
- Noronha, A. P. P., & Barbosa, A. J. G. (2016). Forças e virtudes: Escala de Forças de Caráter. In C. S. Hutz (Org.), *Avaliação em Psicologia Positiva: Técnicas e Medidas* (pp. 21-43). CETEPP.
- Noronha, A. P. P., & Batista, H. H. V. (2020). Análise da estrutura interna da Escala de Forças de Caráter. *Ciencias Psicológicas, 14*(1), e2150. <https://doi.org/10.22235/cp.v14i1.2150>

- Noronha, A.P., Nogueira Silva, E., & Rueda, F.J. M. (2018). Relationships between character strengths and perception of social support. *Ciencias Psicológicas*, 12(2), 187-193.
<https://doi.org/10.22235/cp.v12i2.1681>.
- Noronha, A. P. P., Dellazzana-Zanon, L. L., & Zanon C. (2015). Internal Structure of the Strengths and Virtues Scale in Brazil. *Psico-USF*, 20(2), 229-235.
<https://doi.org/10.1590/1413-82712015200204>
- Oliveira, C., Nunes, M. F. O., Legal, E., & Noronha, A. P. P. (2016). Bem- Estar Subjetivo: estudo de correlação com as Forças de Caráter. *Avaliação Psicológica*, 15(3), 177-185.
- Park, N., Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2006). Character strengths in fifty-four nations and the fifty US states. *The Journal of Positive Psychology*, 1(3), 118-129.
<https://doi.org/10.1080/17439760600619567>
- Pasquali, L. (2017). *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação*. Editora Vozes Limitada.
- Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2004). *Character strengths and virtues: A handbook and classification*. Oxford University Press.
- Proctor, C., Tsukayama, E., Wood, A. M., Maltby, J., Eades, J. F., & Linley, P. A. (2011). Strengths Gym: The impact of a character strengths-based intervention on the life satisfaction and well-being of adolescents. *The Journal of Positive Psychology*, 6(5), 377–388. <https://doi.org/10.1080/17439760.2011.594079>
- Reppold, C. T., Zanini, D. S., Campos, D. C., Faria, M. R. G. V. de, & Tocchetto, B. S. (2019). Felicidade como Produto: Um Olhar Crítico sobre a Ciência da Psicologia Positiva. *Avaliação Psicológica*, 18(4), 333-342. <https://doi.org/10.15689/ap.2019.1804.18777.01>

- Ruch, W., Weber, M., Park, N., & Peterson, C. (2014). Character strengths in children and adolescents: Reliability and initial validity of the German Values in Action Inventory of Strengths for Youth (German VIA-Youth). *European Journal of Psychological Assessment, 30*(1), 57-64. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000169>
- Seibel, B. L., Sousa, D., & Koller, S. H. (2015). Adaptação Brasileira e Estrutura Fatorial da Escala 240-item VIA Inventory of Strengths. *Psico-USF, 20*(3), 371-383. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200301>
- Shoshani, A. (2018). Young children's character strengths and emotional well-being: Development of the Character Strengths Inventory for Early Childhood (CSI-EC). *The Journal of Positive Psychology, 1*–17. <https://doi.org/10.1080/17439760.2018.1424925>
- Silva, D. G. da & Dell'Aglio, D. D. (2018). Avaliação do Bem-estar subjetivo em adolescentes: Relações com sexo e faixa etária. *Revista Análises Psicológica, 2*(XXXVI), 133 – 143. <https://doi.org/10.14417/ap.1218>
- Solano, A. C., & Cosentino, A. C. (2018). IVyF abreviado —IVyFabre—: análisis psicométrico y de estructura factorial en Argentina. *Avances en Psicología Latinoamericana/Bogotá (Colombia), 36*(3), 619-637. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.4681>
- Toner, E., Haslam, N., Robinson, J., & Williams, P. (2012). Character strengths and wellbeing in adolescence: Structure and correlates of the Values in Action Inventory of Strengths for Children. *Personality and Individual Differences, 52*(5), 637–642. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.12.014>
- Van Eeden, C., Wissing, M. P., Dreyer, J., Park, N., & Peterson, C. (2008). Validation of the Values in Action Inventory of Strengths for Youth (VIA-Youth) Among South African

Artigo 2: Associação entre Forças Pessoais, Autoestima e Bem-estar Subjetivo em**Jovens****Association between Character Strengths, Self-Esteem and Subjective Well-Being in Adolescents****Asociación entre fortalezas personales, autoestima y bienestar subjetivo en los jóvenes**

Ana Paula Ozório Cavallro

Ana Paula Porto Noronha

Resumo

O período da adolescência é marcado por grandes transformações físicas, emocionais, cognitivas e sociais e faz-se necessário um olhar atento para esta população. Os construtos positivos, como autoestima, forças pessoais e o bem-estar subjetivo podem servir como fatores protetivos para o desenvolvimento saudável dos jovens e adolescentes. Este artigo se propôs a analisar as relações entre forças de caráter, bem-estar subjetivo e autoestima em adolescentes. Mais especificamente, verificar quais forças de caráter estavam mais positivamente relacionadas com o bem-estar subjetivo; investigar o poder explicativo das forças sobre a autoestima e da autoestima sobre o bem-estar subjetivo; e identificar se houve influência da idade, sexo e curso que os adolescentes estavam matriculados nos construtos estudados. Participaram 316 jovens com idades entre 15 e 19 anos ($M= 16,35$; $DP= 1,22$), ambos os sexos (74,4% feminino e 1,3% optaram por não definir sexo), 80,8% do Estado de São Paulo. Os resultados apontaram para diferenças significativas entre os sexos nos construtos autoestima e afetos positivos, com os meninos pontuando mais alto que as meninas e nos afetos negativos, com as meninas pontuando mais alto que os meninos. Em relação à diferença de idade, as análises indicaram diferença significativa para o afeto positivo e, em relação ao curso que os alunos estavam matriculados (ensino médio ou ensino técnico), encontrou-se diferença significativa para os afetos negativos, sendo que os alunos do ensino médio apresentaram maiores médias. As forças se correlacionaram de forma moderada a fraca com os construtos investigados neste estudo e os três componentes do bem-estar subjetivo correlacionaram-se significantemente com autoestima. As forças autorregulação, esperança, gratidão, modéstia e vitalidade explicaram 58% da autoestima.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica, Psicologia Positiva,**Abstract**

The period of adolescence is marked by major physical, emotional, cognitive and social changes, and a careful look at this population is necessary. Positive constructs such as self-esteem, personal strengths and subjective well-being can serve as protective factors for the healthy development of young people and adolescents. This article aims to analyze the relationships between character strengths, subjective well-being and self-esteem in adolescents. More specifically, to verify which character strengths were most positively related to subjective well-being; investigate the explanatory power of forces on self-esteem and self-esteem on subjective well-being; and identify whether there was influence of age, sex and course that the adolescents were enrolled in the studied constructs. 316 young people aged between 15 and 19 years ($M= 16.35$; $SD= 1.22$) participated, both genders (74.4% female and 1.3% chose not to define gender), 80.8% of the State of São Paulo. The results pointed to significant differences between sexes in self-esteem and positive affect constructs, with boys scoring higher than girls and in negative affects, girls scoring higher than boys. Regarding the age difference, the analyzes indicated a significant difference for positive affect and, in relation to the course the students were enrolled in (high school or technical education), a significant difference was found for negative affect, with students from high school had higher averages. The strengths correlated moderately to weakly with the constructs investigated in this study and the three components of subjective well-being were significantly correlated with self-esteem. Self-regulation, hope, gratitude, modesty and vitality forces explained 58% of self-esteem.

Keywords: Psychological Assessment; Positive Psychology; Psychometrics;.

Resumen

El período de la adolescencia está marcado por importantes cambios físicos, emocionales, cognitivos y sociales, por lo que es necesaria una mirada atenta a esta población. Los constructos positivos como la autoestima, las fortalezas personales y el bienestar subjetivo pueden servir como factores protectores para el desarrollo saludable de los jóvenes y adolescentes. Este artículo tiene como objetivo analizar las relaciones entre las fortalezas del carácter, el bienestar subjetivo y la autoestima en adolescentes. Más específicamente, para verificar qué fortalezas del carácter se relacionaron más positivamente con el bienestar subjetivo; investigar el poder explicativo de las fuerzas sobre la autoestima y la autoestima sobre el bienestar subjetivo; e identificar si hubo influencia de la edad, sexo y curso que los adolescentes fueron inscritos en los constructos estudiados. Participaron 316 jóvenes con edades entre 15 e 19 años ($M= 16,35$; $DP= 1,22$), ambos os sexos (74,4% feminino e 1,3% optaram por não definir sexo), 80,8% do Estado de Sao Paulo. Los resultados señalaron diferencias significativas entre los sexos en la autoestima y los constructos de afecto positivo, con los niños puntuando más alto que las niñas y en los afectos negativos, las niñas puntuando más alto que los niños. En cuanto a la diferencia de edad, los análisis indicaron una diferencia significativa para el afecto positivo y, en relación al curso en el que estaban inscritos los estudiantes (bachillerato o educación técnica), se encontró una diferencia significativa para el afecto negativo, siendo los estudiantes de bachillerato los que tuvieron mayores promedios. Las fortalezas se correlacionaron de moderada a débil con los constructos investigados en este estudio y los tres componentes del bienestar subjetivo se correlacionaron significativamente con la autoestima. Las fuerzas de autorregulación, esperanza, gratitud, modestia y vitalidad explicaron el 58% de la autoestima.

Palabras clave: Evaluación Psicológica; Psicología Positiva;.

Introdução

O campo da Psicologia Positiva surgiu no final dos anos 1990 e sua proposta era de que a psicologia considerasse não somente as fraquezas ou cura de doenças ou transtornos, mas também as forças e virtudes do indivíduo (Seligman, 2002). Este movimento vinha como um contraponto a uma ciência psicológica, que nos últimos anos, principalmente, durante o século XX, estudava profundamente o sofrimento humano, quase que exclusivamente (Oliveira et al., 2016). Há, entretanto, muitos cientistas que afirmam que construtos positivos já vinham sendo estudados e que já havia uma estruturação em torno de uma ciência mais positiva, visando a promoção da saúde e qualidade de vida (Pais-Ribeiro, 2006). Há que se considerar, também, que há similaridades entre o campo da Psicologia Positiva e a Psicologia Humanista e Social (Duckworth et al., 2005).

De toda forma, por meio da Psicologia Positiva houve uma expansão e estruturação do estudo dos construtos positivos, entre os quais, as forças de caráter (Niemiec & Pearce, 2021), que são definidas como características positivas referentes aos comportamentos, pensamentos e sentimentos humanos (Noronha & Batista, 2020; Peterson & Seligman, 2004). As forças poderiam auxiliar no tratamento e na prevenção de distúrbios psicológicos de um indivíduo, além de cultivar estados de bem-estar e autoestima (Seligman, 2002). De acordo com Noronha e Reppold (2021) a expressão *character strengths* é melhor traduzida como “forças pessoais”, portanto, tal expressão será considerada para designar o construto ao longo do artigo.

Em contextos escolares, como o do presente estudo, as forças pessoais, o bem-estar subjetivo e a autoestima têm sido muito estudadas em adolescentes, devido às relações positivas com desfechos, como sucesso acadêmico, resiliência, tolerância, valorização da diversidade, entre outros. No entanto, as pesquisas investigam os construtos separadamente (Hutz & Zanon, 2011; Salcedo & Ye, 2020; Silva & Dell'Aglio, 2018), o que apresenta uma limitação da área sendo que um dos propósitos deste trabalho é estudá-los conjuntamente e verificar como se

relacionam em população jovem. Para além disso, são poucos os estudos que observam as diferenças entre os construtos em alunos matriculados em ensino médio e ensino técnico (Fontes & Duarte, 2019), o que também será abordado neste artigo.

Sob esta questão, o ensino técnico é uma modalidade de ensino que tem como objetivo formar um técnico, um profissional capaz, ou seja, uma pessoa apta a entrar no mercado de trabalho (Gomes et al., 2020), em contrapartida ao ensino médio que prepara o aluno para a entrada na universidade (Lima, 2020). Lima (2015), em levantamento sobre o histórico do ensino técnico, nos aponta que ele inicialmente foi formatado sob um caráter assistencialista, para pessoas que não tinham outras condições de avançar no estudo, entretanto, ao longo do tempo, as iniciativas foram sistematizadas e passaram a oferecer diversas modalidades de educação profissional. Fontes e Duarte (2019) afirmam que o objetivo desta modalidade de ensino é formar pessoas críticas, com capacidade de avaliar suas possibilidades e alternativas e aplicar seus conhecimentos com ética e responsabilidade em suas profissões. Ainda, os autores indicam que estudantes do ensino técnico mantêm alta motivação intrínseca, corroborando o objetivo de alcançar uma posição de trabalho qualificada (se dedicando mais ao estudo) e que estes alunos trabalham melhor sob pressão.

Dando seguimento, em relação às forças pessoais Peterson e Seligman (2004) publicaram uma classificação chamada *Values in Action (VIA) Character Strengths*, que inclui 24 forças organizadas em seis virtudes, a saber: Sabedoria (amor ao aprendizado, curiosidade, criatividade, pensamento crítico, sensatez), Humanidade (amor, bondade, esperança e inteligência social), Justiça (cidadania, liderança e imparcialidade), Temperança (perdão, modéstia, prudência, autorregulação), Coragem (vitalidade, perseverança, autenticidade e bravura) e por fim Transcendência (espiritualidade, humor, esperança, gratidão e apreciação do belo). Segundo estes autores, as forças pessoais são componentes psicológicos e são definidas como traços da personalidade, positivos e moralmente valorizados. Mais

recentemente, Niemiec (2014) define as forças como características positivas que são centrais para o nosso ser, para a identidade do indivíduo e o seu comportamento.

Em relação ao bem-estar subjetivo, este pode ser definido como uma avaliação cognitiva e afetiva da própria vida, e, como uma avaliação subjetiva da situação atual (Snyder et al., 2009). Além disso, ele passa a ser um dos pilares e contrutos investigados pela Psicologia Positiva no Brasil e no mundo (Noronha & Reppold, 2021), sendo considerado um conceito científico relacionado à felicidade (Diener et al., 2018). As avaliações subjetivas incluem reações emocionais a eventos, como também julgamentos cognitivos de satisfação.

A estrutura do bem-estar subjetivo, é tripartite, composta pela dimensão cognitiva (satisfação com a vida) e pela dimensão afetiva que possui dois componentes, os afetos positivos e afetos negativos (Diener et al., 1999; Diener et al., 2005; Diener et al., 2017). A dimensão cognitiva se refere aos aspectos racionais e intelectuais, a julgamentos globais da vida, tais como, satisfação com o trabalho, a saúde, a vida escolar, relacionamentos, entre outros. (Diener et al., 1999; Woyciekoski et al., 2014; Diener et al., 2018). Em relação à dimensão afetiva, ela é composta por dois tipos de afeto (positivo e negativo), o primeiro componente diz respeito ao quanto uma pessoa está se sentindo entusiasmada, ativa e alerta, enquanto o segundo é formado por estados de humor aversivos, como raiva, culpa, desgosto e medo (Diener, 2018; Watson et al., 1988).

No que diz respeito à autoestima, ela pode ser entendida como um conjunto de sentimentos e pensamentos do indivíduo sobre seu próprio valor, competência e adequação, que se reflete em uma atitude positiva ou negativa em relação a si mesmo (Rosenberg, 1965). Coopersmith (1989) ressalta que o ponto fundamental da autoestima é o aspecto valorativo, o que influencia na forma como o indivíduo elege suas metas, aceita a si, valoriza o outro e projeta suas expectativas para o futuro. Ainda, Soares et al. (2021) apontam que o construto é bastante diversificado, podendo compreender desde o relacionamento entre a autoavaliação e

auto concepção construída a partir da interação social até o relacionamento estabelecido com as próprias ideias e aspirações.

Em um estudo realizado por Baumeister e Vohs (2018), os autores afirmaram que após uma revisão de literatura, há dois benefícios robustos que aparecem repetidamente em artigos publicados sobre autoestima, sendo eles: a) o aumento da capacidade do indivíduo em tomar a iniciativa e b) que pessoas com altos níveis deste construto são mais felizes. Entretanto a autoestima em níveis muito altos em jovens também está relacionada ao alto consumo de álcool, levantando a questão se adolescentes com níveis muito elevados de autoestima estão mais suscetíveis a minimizar os riscos e não ouvir conselhos (Gámez-Medina et al., 2017).

Na literatura é possível observar estudos que buscaram compreender a importância da autoestima em adolescentes (Bandeira & Hutz, 2010; Freire & Tavares, 2011; Li et al., 2015) e a sua relação com o bem-estar subjetivo. Em pesquisa realizada na China, Li et al. (2015), encontraram que participantes com altos níveis de autoestima reportaram maiores níveis de bem-estar subjetivo do que aqueles com baixos níveis de autoestima. No Brasil, Freire e Tavares (2011) encontraram, em jovens de 15 a 19 anos, relação positiva forte entre a autoestima e a satisfação com a vida, além disso a autoestima assumiu-se como a variável com maior poder preditivo nos modelos testados, quando comparados a gênero e estratégias de regulação emocional. Portanto, os resultados demonstram que a autoestima é uma variável importante no bem-estar dos adolescentes, principalmente com a dimensão satisfação com a vida.

Assim como a relação entre a autoestima e o bem-estar subjetivo, as forças pessoais passam a ter um papel significativo no estudo com o bem-estar (Höfer et al., 2019). De acordo com Toner et al. (2012), tão importante quanto o estudo das forças pessoais é compreender sua associação aos componentes do bem-estar subjetivo. Alguns estudos corroboram que o fortalecimento das forças gera resultados positivos no bem-estar subjetivo e que forças pessoais

e bem-estar subjetivo geralmente se correlacionam de forma moderada, com algumas forças apresentando associações fracas (Blanca et al., 2017; Grinhauz & Solano, 2015; Littman-Ovadia & Lavy, 2012; Park et al., 2006; Ruch et al., 2014; Toner et al., 2012; Van Eeden et al., 2008). Diante disso, apesar da relação positiva entre os construtos, nem todas as forças pessoais parecem se associar aos componentes do bem-estar subjetivo com a mesma magnitude.

Estudos para verificar as relações entre as forças e satisfação com a vida, realizados em diversos países (África do Sul, Alemanha e Estados Unidos) com população adolescente, demonstram que determinadas forças aparecem repetidamente como as mais altas associações com a dimensão cognitiva do bem-estar subjetivo, a saber: esperança, amor, gratidão e vitalidade (Park et al., 2006; Ruch et al., 2014; Van Eeden et al., 2008). Na Espanha, Blanca et al. (2017) encontraram as maiores associações com a satisfação com a vida para amor, esperança, autenticidade e perseverança, para além disso, os resultados apontaram que as forças amor e esperança são as mais relevantes para predizer a satisfação com a vida, tanto em meninos quanto em meninas, e persistência mais relevante em meninas.

No contexto brasileiro, um estudo com adolescentes entre forças e os três componentes do bem-estar subjetivo, apontou que todas as forças se relacionaram significativamente com a satisfação com a vida, variando de $r = 0,11$ para apreciação do belo e modéstia até $r = 0,46$ para gratidão. O afeto positivo apenas não se correlacionou significativamente com a força modéstia, sendo que as magnitudes variaram de $r = 0,07$ (apreciação do belo) a $r = 0,54$ (vitalidade). O afeto negativo, por sua vez, correlacionou-se negativamente com 22 forças, desde $r = -0,08$ (criatividade) até $r = -0,40$ (autorregulação), e apenas não apresentou resultados significativos com apreciação do belo e modéstia (Dametto e Noronha, 2019a).

Em relação a diferença de sexos, Dametto e Noronha (2019a), identificaram a partir do estudo que as maiores médias foram para as forças apreciação do belo, autenticidade, bondade, espiritualidade e imparcialidade estavam relacionados ao sexo feminino, enquanto o sexo

masculino obteve uma maior média na força autorregulação. No que tange às idades, verificou-se que os adolescentes mais velhos apresentaram médias superiores comparados ao demais.

Neste seguimento, um estudo de metaanálise apontou para pequenas diferenças de sexo em 4 das 24 forças pessoais, com as mulheres pontuando mais alto em amor, gentileza, apreciação do belo e gratidão. A maioria das diferenças foi encontrada entre crianças/adolescentes e adultos, sendo que nas crianças/adolescentes a diferença sempre favoreceu ao sexo feminino, enquanto na população adulta os resultados foram variados (Heintz et al., 2017). Em estudo longitudinal, Brown et al. (2019) constataram que as meninas pontuaram mais alto em todas as forças pessoais, exceto criatividade, autoregulação e prudência, entretanto estas pontuações diminuíram entre as meninas, conforme o avançar da idade. Os autores afirmam que são esperadas variações sistemáticas nas forças durante a adolescência antes de elas se estabilizarem no período adulto.

No que tange os estudos relacionando forças, bem-estar subjetivo e autoestima em população adolescente os artigos encontrados foram em intervenções em forças (García-Álvarez et al., 2020; Proctor et al., 2011; Toback et al., 2016). Proctor et al. (2011), em pesquisa quase-experimental, investigaram em duas escolas inglesas se intervenções em forças pessoais produziram efeitos nos níveis de satisfação com a vida, afetos positivos, afetos negativos e autoestima dos participantes. A pesquisa indicou que o grupo que participou dos encontros sobre forças apresentou índices mais altos de autoestima, afetos positivos e menos afetos negativos. A variável que apresentou maior diferença foi a satisfação com a vida, sendo que no grupo que passou pela intervenção foi significativamente mais alto do que o grupo controle.

Neste seguimento, Toback et al. (2016) realizaram um estudo de intervenção em forças pessoais e seus efeitos na autoeficácia e na autoestima, em adolescentes estadunidenses internados no Hospital Psiquiátrico da Universidade de Michigan. Os resultados indicaram que somente o grupo que passou pela intervenção demonstrou resultados superiores na

autoeficácia, no teste após duas semanas, e nos níveis de autoestima e autoeficácia no teste após 3 meses. Em relação ao grupo experimental, aqueles sujeitos que reportaram ter incorporado as forças pessoais nas estratégias de enfrentamento diárias mostraram maiores índices de autoestima e autoeficácia do que aqueles que não. Por fim, García-Álvarez et al., 2020 destacaram que as áreas que os adolescentes apontaram como maiores melhorias, após o programa de intervenções *Cresciendo Fuertes*, foram a social (relacionamentos com seus colegas, família, comunidade) e pessoal (melhor gerenciamento das emoções, autoestima, autoconhecimento, e desenvolvimento acadêmico).

Para concluir, em uma revisão de literatura em intervenções em forças pessoais, Quinlan et al. (2012) analisaram 8 estudos e concluíram que todos eles reportaram resultados positivos significativos em bem-estar e autoeficácia acadêmica. Em uma revisão de literatura na mesma área, Ghielen et al (2017) analisaram sistematicamente 18 artigos e apontaram que quase todos os estudos produziram os resultados desejados no bem-estar, e em outros construtos esperados (exceto por 1 artigo que os autores citam que não terem encontrado efeitos não significativos pode ser devido a amostra ser composta por somente de 5 pessoas). Entretanto nesta revisão de literatura somente 5 estudos são na área educacional e somente 1 estudo (na área clínica) é realizado com adolescentes como no presente estudo. Reppold et al. (2019) enfatizam a importância de estudos na psicologia positiva segmentados e contextualizados para evitar as generalizações e buscar evidências empíricas, por meio de delineamentos científicos rigorosos, para que área possa se desenvolver e obter bons resultados no Brasil.

Diante do exposto, e devido a não terem sido encontrados publicações no contexto brasileiro tratando conjuntamente de forças pessoais, bem-estar subjetivo e autoestima em adolescentes em ambiente escolar, este estudo se propõe a investigar as relações entre estas variáveis em um período de intensas transformações, caracterizado por mudanças nos níveis cognitivo e afetivo, no desenvolvimento das relações interpessoais e na busca de autonomia

desta população (Silva & Dell'Aglio, 2018). A autora acredita que compreender o comportamento destes construtos, em população jovem no contexto brasileiro, e expandir o conhecimento sobre como eles podem impactar positivamente esta população, pode contribuir, para a elaboração de estratégias protetivas e para o desenvolvimento saudável e próspero dos adolescentes.

Para tal, os objetivos do presente estudo é avaliar se há invariância de dados em relação a sexo, idade e tipo de curso que os alunos estão matriculados, verificar quais forças de caráter estão mais positivamente relacionadas com autoestima e bem-estar subjetivo. Por fim, pretendeu-se investigar o poder explicativo das forças sobre a autoestima e da autoestima sobre o bem-estar subjetivo.

Método

Participantes

Participaram do presente estudo 316 jovens com idades entre 15 e 19 anos ($M= 16,35$; $DP= 1,22$), de ambos os sexos (74,4% feminino e 1,3% optaram por não definir sexo), 80,8% dos voluntários eram do Estado de São Paulo. Houve um equilíbrio entre a amostra em relação às séries em que frequentavam: 38,6% no terceiro ano e 33,9% no primeiro ano e também em relação ao tipo de curso que frequentavam, sendo 54,1% do ensino médio e 45,9% do ensino técnico. Nesta amostra 80,11% dos participantes declararam não trabalhar e 95,2% afirmaram que gostariam que a escola tivesse programas para desenvolver seus pontos fortes.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico):

O questionário foi elaborado pela autora, exclusivamente para esta pesquisa, visando obter informações relevantes sobre as características sociodemográficas da amostra em estudo.

Tal ferramenta foi constituída de 10 itens que coletaram dados sobre os participantes, permitindo a diferenciação e comparação para uma análise de dados (Apêndice I).

Escala de Forças de Caráter para Adolescentes - EFC-A

A EFC-A é composta por 120 itens respondidos em uma escala do tipo Likert, variando de 1 (nada parecido comigo) a 4 (totalmente parece comigo). Cada força possui 5 itens para representá-la e 2 dos itens foram invertidos para o negativo, para evitar aquiëscencia. Os participantes devem assinalar uma lista de frases que descreve pensamentos, sentimentos e comportamentos, como “Gosto de estar perto das pessoas que eu amo” e “Acredito que há uma força maior cuidando de mim”. A escala é unidimensional e apresentou índice consistência interna, através do coeficiente alfa de *Cronbach* de 0,94.

Escala Global de Satisfação de Vida para Adolescentes - EGSV – A (Anexo VII)

A EGSV – A é composta por 10 itens que buscam avaliar a satisfação da vida como um todo em adolescentes. Ela avalia a parte cognitiva do bem-estar subjetivo e é composta por itens como “Gosto da minha vida” e “Quando penso na minha vida como um todo eu me considero satisfeito”. Os indivíduos devem responder, em uma escala Likert de cinco pontos, a saber: “nem um pouco”, “um pouco”, “mais ou menos”, “bastante” e “muitíssimo”. A escala foi desenvolvida por Giacomoni et al. (2012) e apresentou, em estudos de adaptação e validação, consistência interna de 0,90 (Hutz, 2014).

Escala de Afetos Positivos e Afetos Negativos para Adolescentes - EAPN – A (Anexo VI) ***Segabinazi et al., 2012)***

A EAPN-A é composta por 28 itens, sendo 14 referentes a subescala de afetos positivos (AP) e 14 a subescala de afetos negativos (AN). Os itens são constituídos por adjetivos como “afetuoso” e “amedrontado”, apresentando chaves de respostas em escala Likert em que os

adolescentes assinalam o número que corresponde ao quanto sentem as emoções descritas pelos adjetivos. Os valores correspondem as seguintes respostas: 1 – “nem um pouco”, 2 – “um pouco”, 3 – “mais ou menos”, 4 – “bastante”, 5 – “muitíssimo”. A consistência interna da escala, avaliada por meio do alfa de *Cronbach* foi de 0,88 para os dois fatores de afeto.

Escala de Autoestima de Rosenberg (Anexo V)

O instrumento possui dez itens, como “Eu tenho uma atitude positiva em relação a mim mesmo” e “Às vezes eu me sinto um inútil”, sendo cinco referentes a uma visão positiva de si mesmo e cinco referentes a uma visão autodepreciativa. As opções de resposta são tipo Likert, sendo “(1) discordo totalmente”, “(2) discordo”, “(3) concordo” e “(4) concordo totalmente”.. Os itens referentes a visão autodepreciativa devem ser invertidos para calcular a soma dos pontos. A consistência interna da escala, avaliada por meio do alfa foi 0,90. (Hutz & Zanon, 2011).

Procedimentos

Aspectos Éticos

Após a aprovação do projeto (CAAE 37618720.8.0000.5514) pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade São Francisco, a autora contactou instituição de ensino para distribuição do link para coleta de dados, que também foi divulgado nas redes sociais da autora e de seu *networking*. A coleta ocorreu de forma online, através do *Google forms* e para iniciar a pesquisa os jovens menores de 18 anos tiveram que coletar a assinatura dos pais ou responsáveis no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e preencheram o termo de Assentimento Livre e Esclarecido. Os jovens maiores de 18 anos tiveram que assinalar o Termo de Consetimento Livre e Esclarecido. A duração média da coleta foi de 35 minutos.

É de fundamental importância ressaltar, que a coleta de dados aconteceu virtualmente devido às medidas de enfrentamento da pandemia do Covid-19, seguindo assim as orientações propostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para manter o distanciamento social e/ou quarentena, considerando a gravidade da situação.

Análise de dados

A fim de encontrar os objetivos propostos por esta pesquisa, diferentes procedimentos de análises estatísticas foram empregados, por meio do programa de estatística SPSS, versão xx. Para verificar as relações entre os construtos foi utilizado o coeficiente de correlação de Pearson (r) e a análise de regressão linear para investigar o poder explicativo das forças e da autoestima sobre o bem-estar subjetivo. Por fim, utilizou-se o teste t para avaliar se houve diferença entre os sexos e os cursos frequentados e o teste de invariância ANOVA para medir eventuais diferenças nas idades e os construtos estudados.

Resultados

A descrição dos resultados obedecerá a sequência dos objetivos propostos. Primeiramente buscou-se realizar análises descritivas dos dados amostrais, apresentando os valores de média, desvio-padrão, como também mínimo e máximo. Tais resultados são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1.
Estatísticas descritivas para as 24 Forças Pessoais

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Amor	316	8,00	20,00	17,29	2,41
Amor ao aprendizado	316	7,00	20,00	14,98	2,84
Apreciação ao belo	316	8,00	20,00	17,35	2,55
Autenticidade	316	10,00	20,00	16,63	2,26
Autorregulação	316	5,00	20,00	12,97	3,13
Bondade	316	7,00	20,00	17,13	2,45

Bravura	316	7,00	20,00	14,88	2,58
Cidadania	316	6,00	20,00	16,25	2,73
Criatividade	316	5,00	20,00	13,01	3,21
Curiosidade	316	7,00	20,00	15,83	2,67
Esperança	316	5,00	20,00	16,34	3,19
Espiritualidade	316	5,00	20,00	15,12	4,49
Gratidão	316	7,00	20,00	17,47	2,70
Humor	316	9,00	20,00	16,61	2,65
Imparcialidade	316	8,00	20,00	16,80	2,41
Inteligência emocional	316	5,00	20,00	14,73	2,95
Liderança	316	5,00	20,00	14,80	3,30
Modéstia	316	8,00	20,00	14,96	2,48
Pensamento crítico	316	7,00	20,00	12,53	1,79
Perdão	316	6,00	20,00	15,30	3,51
Perseverança	316	7,00	20,00	16,41	2,78
Prudência	316	5,00	20,00	14,06	3,44
Sensatez	316	5,00	20,00	15,36	2,74
Vitalidade	314	5,00	20,00	12,89	3,63

Como observado na Tabela 1, as forças que mais se destacaram nesta amostra com médias mais altas foram gratidão, apreciação ao belo, amor, bondade e imparcialidade, enquanto as forças menos endossadas foram pensamento crítico, vitalidade, autoregulação e criatividade. No entanto, o desvio padrão foi pequeno (variando de 1,79 a 4,49). Adicionalmente, foram empregadas análises descritivas para verificar os dados brutos dos instrumentos de autoestima e de bem-estar subjetivo, os resultados podem ser observados na Tabela 2.

Tabela 2.
Estatísticas descritivas da Escala de Afetos e Escala de Autoestima

Instrumento	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Afetos positivos	303	14	69	44,52	11,25
Afetos negativos	297	14	70	33,21	11,36

Satisfação com a vida	316	12	50	34,31	8,57
Autoestima	316	10	40	27,15	6,05

Na tabela 2 é possível identificar as médias dos componentes do bem-estar subjetivo e autoestima. Para esta amostra as médias de afetos positivos e satisfação com a vida foram superiores à de afetos negativos. Em relação ao objetivo 2 deste estudo, serão apresentados na tabela 3, os resultados relativos à análise de diferenças entre os sexos.

Tabela 3.
Diferenças de média em relação ao sexo

	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	t	p
Afetos positivos	Masculino	70	47,47	10,84	2,359	0,019
	Feminino	229	43,93	11,05		
Afetos negativos	Masculino	70	28,90	10,36	-3,539	0,001
	Feminino	223	34,24	11,22		
Satisfação com a vida	Masculino	77	36,06	8,43	1,872	0,062
	Feminino	235	34,00	8,39		
Autoestima	Masculino	77	29,58	5,48	4,041	0,001
	Feminino	235	26,49	5,94		

No que se refere aos componentes do bem-estar subjetivo, foram encontradas diferenças significativas para os afetos positivos, sendo que os meninos pontuaram mais alto ($M_{\text{meninos}} = 47,47$, $M_{\text{meninas}} = 43,92$; $p = 0,002$) e para os afetos negativos, com as meninas pontuando substancialmente mais alto ($M_{\text{meninas}} = 34,24$, $M_{\text{meninos}} = 28,90$; $p < 0,001$). Quanto à satisfação com a vida encontrou-se uma diferença marginal, com os meninos pontuando mais alto que as meninas ($M_{\text{meninos}} = 36,06$, $M_{\text{meninas}} = 34,00$; $p = 0,062$). No que diz respeito ao construto autoestima, as análises indicaram que nesta amostra houve uma diferença significativa na qual os meninos pontuaram mais alto do que as meninas ($M_{\text{meninos}} = 29,58$; $M_{\text{meninas}} = 26,49$; $p = 0,001$). Na tabela 4 serão apresentadas as diferenças de médias para as forças pessoais.

Tabela 4.
Diferenças de média em relação às forças pessoais.

Forças	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	<i>t</i>	<i>P</i>
Amor	Masculino	77	17,34	2,44	0,044	0,965
	Feminino	235	17,31	2,39		
Amor pelo aprendizado	Masculino	77	15,25	10,36	0,910	0,364
	Feminino	235	14,91	11,22		
Apreciação ao belo	Masculino	77	16,26	8,43	-4,412	0,000
	Feminino	235	17,70	8,39		
Autenticidade	Masculino	77	19,10	2,26	-1,490	0,137
	Feminino	235	16,76	2,27		
Autorregulação	Masculino	77	13,73	3,04	2,403	0,017
	Feminino	235	12,74	3,14		
Bondade	Masculino	77	16,73	2,49	-1,937	0,054
	Feminino	235	17,33	2,34		
Bravura	Masculino	77	15,68	2,26	3,013	0,003
	Feminino	235	14,67	2,62		
Cidadania	Masculino	77	15,97	2,43	-1,110	0,268
	Feminino	235	16,37	2,80		
Criatividade	Masculino	77	13,74	2,89	2,340	0,020
	Feminino	235	12,77	3,26		
Curiosidade	Masculino	77	16,31	2,39	1,723	0,086
	Feminino	235	15,71	2,74		
Esperança	Masculino	77	17,08	2,44	2,117	0,035
	Feminino	235	16,24	3,17		
Espiritualidade	Masculino	77	13,62	4,91	-3,622	0,000
	Feminino	235	15,70	4,17		
Gratidão	Masculino	77	17,21	2,85	-1,230	0,220
	Feminino	235	17,63	2,53		
Humor	Masculino	77	16,84	2,82	0,812	0,418
	Feminino	235	16,56	2,59		
Imparcialidade	Masculino	77	16,79	2,40	0,029	0,977
	Feminino	235	16,78	2,42		
Inteligência Emocional	Masculino	77	15,22	2,42	1,616	0,107
	Feminino	235	14,60	3,07		
Liderança	Masculino	77	14,77	2,91	-2,28	0,820
	Feminino	235	14,86	3,37		
Modéstia	Masculino	77	15,64	2,31	2,756	0,006
	Feminino	235	14,74	2,51		
Pensamento Crítico	Masculino	77	12,56	1,65	0,166	0,868
	Feminino	235	12,52	1,85		
Perdão	Masculino	77	16,01	2,49	2,029	0,043
	Feminino	235	15,08	3,77		
Forças	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	<i>t</i>	<i>P</i>
Perseverança	Masculino	77	16,65	2,71	0,687	0,493
	Feminino	235	16,40	2,72		
Prudência	Masculino	77	14,75	2,94	2,017	0,045
	Feminino	235	13,85	3,57		
Sensatez	Masculino	77	15,73	2,82	1,276	0,203
	Feminino	235	15,27	2,68		
Vitalidade	Masculino	77	14,47	3,44	4,357	0,000
	Feminino	235	12,45	3,54		

Como pode ser visto na tabela 8 foram encontradas algumas diferenças significativas, sendo que as meninas pontuaram mais alto somente em duas forças, a saber, apreciação ao belo

($M_{\text{meninas}} = 17,69$, $M_{\text{meninos}} = 16,25$; $p = <0,001$) e espiritualidade ($M_{\text{meninas}} = 15,69$, $M_{\text{meninos}} = 13,62$; $p = <0,001$). Os meninos apresentaram maiores pontuações nas forças autoregulação ($M_{\text{meninos}} = 13,72$; $M_{\text{meninas}} = 12,74$; $p = 0,017$), bravura ($M_{\text{meninos}} = 15,67$; $M_{\text{meninas}} = 14,67$; $p = 0,003$), criatividade ($M_{\text{meninos}} = 13,74$; $M_{\text{meninas}} = 12,76$; $p = 0,020$), esperança ($M_{\text{meninos}} = 17,07$; $M_{\text{meninas}} = 16,24$; $p = 0,035$), modéstia ($M_{\text{meninos}} = 15,63$; $M_{\text{meninas}} = 14,74$; $p = 0,006$), perdão ($M_{\text{meninos}} = 16,01$; $M_{\text{meninas}} = 15,08$; $p = 0,043$), prudência ($M_{\text{meninos}} = 14,75$; $M_{\text{meninas}} = 13,84$; $p = 0,045$) e vitalidade ($M_{\text{meninos}} = 14,47$; $M_{\text{meninas}} = 12,45$; $p = <0,001$).

No que se refere às diferenças de médias na autoestima e nos fatores de bem-estar subjetivo e idade (considerando cinco faixas etárias: 15,16,17,18 e 19 anos), foram feitas análises de diferenças de médias com medidas de variância (ANOVA). Os resultados da análise não indicaram diferença significativa na autoestima entre as idades na presente amostra. Em relação aos fatores do bem-estar subjetivo, satisfação com a vida e afeto negativo não apresentaram diferenças significativas. Entretanto, como apresentado na tabela 5, o afeto positivo apresentou uma diferença significativa $F(4, 316) = 2,422$, $p = <0,048$, de modo que os jovens de 16 anos apresentaram os menores índices e os de 19 anos apresentaram os maiores. A diferença foi substancialmente significativa para dividir as idades em grupos diferentes, na análise *Tukey* ($M_{16\text{anos}} = 42,80$; ($M_{19\text{anos}} = 49,50$)).

Tabela 5.

Diferença de média em relação a idade (Afetos positivos)

Idade	N	1	2
16	98	42,8061	
18	24	43,2917	43,2917
17	68	43,6912	43,6912
15	86	45,8721	45,8721
19	27		49,5185

Em relação a diferença de médias nas forças pessoais e idades foi encontrada diferença significativa somente para a força liderança ($M_{16\text{anos}} = 14,10$; $M_{19\text{anos}} = 14,20$; $M_{18\text{anos}} =$

14,70; $M_{15 \text{ anos}} = 15,20$; $M_{17 \text{ anos}} = 15,60$). Apesar da diferença significativa ela não foi suficientemente forte para separar as idades em conjuntos diferentes na análise Tukey.

Foram realizadas análises (test t) para verificar se seriam encontradas diferenças entre as médias dos participantes em relação ao curso que estavam matriculados (ensino médio ou técnico). Não foram encontradas diferenças significativas em relação à autoestima e o curso que os jovens estavam cursando. Em relação aos fatores do bem-estar subjetivo encontrou-se diferença significativa somente no afeto negativo, sendo que os jovens que cursam o ensino médio apresentaram maiores índices de afeto negativo $M = 35,27$ do que os jovens do ensino técnico $M = 30,70$, apresentando significância de $p = < 0,001$, conforme pode ser visto na tabela 6.

Tabela 6.

Diferenças de média em relação tipo de curso matriculado (ensino médio ou técnico)

	Tipo de Curso	N	Média	Desvio Padrão	t	P
Afetos positivos	Ensino Médio	164	43,79	11,33	-1,220	0,223
	Técnico	139	45,37	11,12		
Afetos negativos	Ensino Médio	163	35,36	11,14	3,497	0,001
	Técnico	134	30,70	11,17		
Satisfação com a vida	Ensino Médio	171	33,78	8,87	-1,194	0,234
	Técnico	145	34,94	8,20		
Autoestima	Ensino Médio	171	26,93	5,85	-0,709	0,479
	Técnico	145	27,41	6,26		

No que diz respeito às diferenças de média entre as forças pessoais e os cursos em que os participantes estavam matriculados, foram encontrados alguns resultados significativos. Os jovens matriculados no colegial técnico apresentaram índices maiores nas forças amor ($M_{\text{técnico}} = 17,60$; $M_{\text{ensino médio}} = 17,00$; $p = 0,047$), autoregulação ($M_{\text{técnico}} = 13,70$; $M_{\text{ensino médio}} = 12,30$; $p = < 0,041$), modéstia ($M_{\text{técnico}} = 15,30$; $M_{\text{ensino médio}} = 14,60$; $p = 0,014$), perseverança ($M_{\text{técnico}} = 17,00$; $M_{\text{ensino médio}} = 15,90$; $p = 0,001$), e prudência ($M_{\text{técnico}} = 14,80$; $M_{\text{ensino médio}} = 13,50$; $p = 0,001$).

Para o presente estudo 96 possibilidades de correlações eram possíveis, sendo que após

as análises, 81 delas foram significativas. As magnitudes das correlações variaram de fracas a moderadas. Todas as forças pessoais correlacionaram-se significativamente com pelo menos um dos fatores do bem-estar subjetivo (com exceção da força modéstia) e com a autoestima (com exceção de autenticidade, imparcialidade, pensamento crítico e perdão), conforme pode ser visto na tabela 7.

Tabela 7.

Correlação entre Forças, Bem-estar subjetivo e autoestima

Forças	Autoestima	Afetos positivos	Afetos negativos	Satisfação com a vida
Amor	0,15**	0,25**	0,21**	0,30**
Amor pelo aprendizado	0,34**	0,45**	0,20**	0,32**
Apreciação ao belo	0,11*	0,16**	-0,092	0,25**
Autenticidade	0,07	0,20**	-0,084	0,12*
Autorregulação	0,48**	0,40**	-0,45**	0,40**
Bondade	0,14*	0,30**	-0,13*	0,28**
Bravura	0,35**	0,38**	-0,24**	0,28**
Cidadania	0,22**	0,32**	-0,16**	0,28**
Criatividade	0,34**	0,33**	-0,11	0,18**
Curiosidade	0,30**	0,41**	-0,22**	0,32**
Esperança	0,65**	0,61**	-0,51**	0,55**
Espiritualidade	0,23**	0,31**	-0,20**	0,32**
Gratidão	0,47**	0,53**	-0,34**	0,57**
Humor	0,20**	0,23**	-0,16**	0,18**
Imparcialidade	0,01	0,09	-0,08	0,12*
Inteligência Emocional	0,42**	0,46**	-0,19**	0,38**
Liderança	0,35**	0,38**	-0,19**	0,33**
Modéstia	-0,12*	0,06	-0,07	0,07
Pensamento Crítico	0,04	-0,06	0,13*	0,07
Perdão	0,01	0,21**	-0,27**	0,22**
Forças	Autoestima	Afetos positivos	Afetos negativos	Satisfação com a vida
Perseverança	0,42**	0,49**	-0,40**	0,41**
Prudência	0,32**	0,36**	-0,22**	0,37**
Sensatez	0,45**	0,47**	-0,28	0,40**
Vitalidade	0,61**	0,65**	-0,48**	0,53**

Nota: ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Afetos positivos correlacionou-se significativamente com quase todas as forças com exceção de imparcialidade, modéstia e pensamento crítico. As magnitudes variaram de $r = 0,16$ (correlação com apreciação com o belo) a $r = 0,65$ (correlação com vitalidade). As correlações mais fortes para afetos positivos foram para as forças gratidão ($r = 53$), esperança ($r = 61$) e vitalidade ($r = 65$). No que diz respeito aos afetos negativos foram encontradas 16

correlações negativas significativas, de fracas a moderadas, sendo as maiores magnitudes para: perseverança ($r = -40$), autorregulação ($r = -45$), vitalidade ($r = -48$) e esperança ($r = -51$). Afetos negativos correlacionou-se de forma positiva e significativa com 3 forças a saber amor, amor pelo aprendizado e pensamento crítico.

Em relação ao aspecto cognitivo do bem-estar subjetivo, a saber, a satisfação com a vida, o estudo indicou que 22 forças se correlacionaram significativamente e de forma positiva, sendo que as correlações foram de fracas a moderadas. Entre as moderadas, merecem destaque: vitalidade ($r = 0,53$), esperança ($r = 55$) e gratidão ($r = 57$).

Os resultados das análises indicaram 20 correlações significativas entre as forças pessoais e a autoestima. As correlações positivas foram de fracas a moderadas, sendo as mais altas: esperança ($r = 65$) e vitalidade ($r = 61$). Somente uma força, a modéstia, correlacionou-se significantemente de forma negativa com a autoestima ($r = -12$), apesar de uma correlação fraca a autora achou pertinente incluir este resultado nos achados desta pesquisa.

Também foi realizada análise de correlação de Pearson para verificar a relação entre autoestima e os fatores do bem-estar subjetivo. Os três componentes do bem-estar correlacionaram-se significantemente com autoestima conforme pode ser visto na tabela 8.

Tabela 8.

Correlação entre bem-estar -estar subjetivo e autoestima

	Autoestima
Afetos positivos	0,67
Afetos negativos	-0,56
Satisfação com a vida	0,68

Nota: Todas as correlações foram significativas, com $p < 0,01$

A fim de atingir outro objetivo deste estudo, a saber, quais forças explicam a autoestima, procedeu-se à análise de regressão. Os resultados demonstraram um $R^2_{ajustado} = 0,58$, indicando que 58% da autoestima, nesta amostra, pode ser explicada significantemente ($p = < 0,001$) pelas forças autorregulação, esperança, gratidão, modéstia e vitalidade.

Por fim, para entender como a autoestima explica os componentes do bem-estar

subjetivo análises de regressão foram realizadas. Em relação aos afetos, os resultados apontaram para um $R^2_{\text{ajustado}} = 0,45$, indicando que 45% dos afetos positivos pode ser explicada pela autoestima ($F(1,301 = 248,180, p < 0,000)$) e um $R^2_{\text{ajustado}} = 0,32$, indicando que 32% dos afetos negativos pode ser explicado pela autoestima ($F(1,295 = 137,345, p < 0,000)$). Por fim em relação ao aspecto cognitivo do bem-estar subjetivo, os resultados apontaram para um $R^2_{\text{ajustado}} = 0,46$, demonstrando que 46% da satisfação com vida pode ser explicada pela autoestima ($F(1,314 = 268,923, p < 0,000)$).

Discussão

Esta pesquisa teve por objetivo verificar a relação entre as forças pessoais, os componentes do bem-estar subjetivo e a autoestima em uma amostra de adolescentes brasileiros em período escolar. Ainda, observar se houve diferenças significativas entre o sexo, a idade e o tipo de curso em que os jovens estavam matriculados e por fim propor um modelo para os construtos.

As forças mais endossadas na presente amostra foram gratidão, apreciação ao belo, amor, bondade e imparcialidade e as menos endossadas foram pensamento crítico, vitalidade, autorregulação e criatividade. Estes resultados corroboram parcialmente os achados por Mccgrath (2014) em estudo transcultural com 75 países e Noronha e Barbosa (2020) no qual, na amostra brasileira, gratidão e bondade estavam entre as forças mais endossadas e autorregulação uma das menos salientes. A força gratidão também foi uma das mais endossadas por adolescentes, no estudo de García-Álvarez et al., (2020).

Apesar das similaridades o resultado da amostra em tela chama a atenção por algumas particularidades, como por exemplo a força apreciação ao belo ter sido uma das mais endossadas. Estudos anteriores (Brown et al., 2020; Park & Peterson, 2006; Rashid et al., 2013) apontam que algumas forças como a apreciação do belo têm uma trajetória de desenvolvimento, sendo assim, são menos endossadas na população jovem e são incorporadas ao longo do tempo

com a maturação cognitiva do indivíduo. Outro ponto a ser ressaltado é que a força vitalidade foi uma das menos endossadas, sendo geralmente mais endossada por jovens (Park & Peterson, 2006; Toner et al., 2012). A vitalidade é uma força relacionada não somente a produtividade em termos pessoais como também a uma capacidade contagiosa de energizar as pessoas a sua volta e como demonstrado pela literatura tem uma associação positiva com a satisfação com a vida, sendo importante para o bom funcionamento do indivíduo (Noronha & Martins, 2016). Na mesma direção, a criatividade geralmente vai aumentando e chega ao seu pico no final dos 30 ou 40 anos, para então, diminuir gradualmente (Noronha & Barbosa, 2018), o que nesta amostra não foi encontrado. Há que se levar em conta que o estudo foi realizado durante a pandemia de Covid-19 e este evento estressor pode ter levado aos adolescentes a desenvolverem novos recursos internos, como desenvolver algumas forças pessoais para conseguirem lidar melhor com a situação em que estão vivendo, como mencionado por Niemic (2018). Peterson & Seligman (2003) apontam para mudanças expressivas nas pontuações de várias forças pessoais na população americana, a saber, esperança, bondade e liderança, após o ataque de 11 de setembro.

As análises de variância relacionadas ao sexo apresentaram resultados significativos em quase todos os construtos, corroborando as hipóteses da pesquisa. Nos componentes do bem-estar subjetivo, os meninos pontuaram mais alto para afetos positivos e satisfação com a vida e as meninas substancialmente mais alto que os meninos em afetos negativos. Achados neste sentido foram apontados por Segabinizazi et al. (2012) e Silva e Dell Aglio (2018). Na mesma direção, estudos anteriores (Hutz & Zanon, 2011) apontam uma diferença significativa na autoestima, com os meninos pontuando mais alto do que as meninas o que também foi encontrado na presente pesquisa. É importante que estes dados sejam levados em conta para elaboração de possíveis planos de intervenção ou mesmo políticas públicas que levem em conta este viés da população jovem feminina.

Quanto às forças pessoais, os achados se revelam parcialmente em consonância com os estudos anteriores. No presente estudo as meninas tiveram médias superiores somente nas forças apreciação do belo e espiritualidade, corroborando parcialmente o estudo brasileiro de Dametto e Noronha (2019), no qual as meninas pontuaram mais alto em apreciação do belo, autenticidade e bondade. Entretanto em estudos anteriores (Blanca et al., 2018; Brown et al., 2020; Ruch et al., 2014) as meninas tiveram médias superiores na maioria das forças. Na metaanálise realizada por Heintz et al. (2017) a força apreciação do belo também foi superior nas mulheres, juntamente com amor, bondade e gratidão. Na força autorregulação os meninos pontuaram mais alto corroborando com estudos anteriores (Brown et al., 2020; Dametto & Noronha, 2017; Littman – Ovidia & Lavy, 2012; Ruch et al., 2014; Toner et al., 2012), entretanto, os resultados desta amostra indicaram também diferença significativa em outras forças como bravura, criatividade, esperança, modéstia, perdão, prudência e vitalidade.

Apesar de apresentarem diferenças significativas, os tamanhos dos efeitos para diferença de sexo nas forças pessoais são pequenos e quando computado entre as 24 forças pessoais, passa a ser nulo o que sustenta a hipótese que meninas e meninos não diferem substancialmente em suas características básicas da personalidade, bem como em seu funcionamento psicológico positivo. Ainda, os autores ressaltam que as divergências de resultados entre os estudos podem ser causadas pela diferença entre as amostras e diferente tipo de instrumentos utilizados para avaliar as forças pessoais. (Heintz et al., 2017).

As análises de variância relacionada a idade demonstraram que nesta amostra não houve diferenças significativas para a autoestima. Sugere-se que outros estudos sejam realizados com amostras maiores para verificar a interação entre idade e autoestima. Em relação aos componentes do bem-estar subjetivo somente os afetos positivos indicaram diferenças significativas, no qual os adolescentes de 19 anos apresentaram os maiores níveis de afetos positivos, divergindo de estudo anterior (Segabinazi et al., 2012) no qual não foram encontradas diferenças

significativas. Reid (2004) ressalta que diversas variáveis mediadoras podem interferir na relação entre a idade e os afetos percebidos, como exemplo, a autoestima e qualidade nas relações interpessoais.

No que diz respeito à análise de variância das forças pessoais e idade, somente a força liderança apresentou resultado significativo, entretanto, não foi encontrado um padrão já que as idades não estavam em ordem crescente ou decrescente e, portanto, não é possível afirmar, nesta amostra, que os adolescentes mais novos ou mais velhos tenham esta força mais desenvolvida. Brown et al. (2020) afirmam que variações sistemáticas nas forças pessoais são esperadas na adolescência antes de se estabilizarem na vida adulta. Como o estudo das forças pessoais é relativamente novo sugere-se que mais estudos sejam feitos com amostras diversificadas e mais abrangentes territorialmente para que se possa estabelecer um padrão de comparação com estudos anteriores.

Em relação às diferenças entre os construtos quanto ao tipo de curso que os alunos estavam matriculados somente afeto negativo apresentou diferença significativa, com os alunos do ensino técnico apresentando menores *scores* que os alunos do ensino médio. Segundo Fontes e Duarte (2019), os alunos do ensino técnico têm alta motivação intrínseca para atingir seus objetivos, se dedicar aos seus estudos e agem bem sob pressão podendo ser este o motivo de apresentarem menores índices de afetos negativos.

O estudo apontou também para diferenças significativas nas forças amor, autorregulação, modéstia, perseverança e prudência onde os alunos do ensino técnico tiveram maiores pontuações. As forças mais endossadas por estes alunos estão relacionadas com bons desfechos, como a perseverança e autorregulação que estão relacionadas a conquistas (Niemic, 2018), amor que está relacionado a capacidade de enfrentar estresse e funcionamento social positivo, prudência com locus de controle interno, altas realizações e desempenho e, por fim, modéstia com autocontrole e capacidade de cumprir metas de autodesenvolvimento (Niemic,

2019). A autora hipotetiza que os alunos que estão cursando ensino médio técnico tenham passado por situações que demandaram que os mesmos desenvolvessem mais estas forças (Niemic, 2012), como por exemplo terem que apresentar bom rendimento para serem aprovados no teste de admissão do ensino médio técnico (Gomes et al., 2020). Como o tema possui poucas referências que permitam a comparação é importante que outros estudos sejam realizados para verificar se o presente resultado se mostra presente com grupos diversificados (outras características demográficas e outras regiões do país).

As relações entre as forças pessoais e os componentes do bem-estar subjetivo tiveram parcialmente seus resultados corroborados por estudos anteriores. Afetos positivos correlacionou-se significativamente com 21 das forças pessoais, parcialmente como encontrado por Dametto e Noronha (2019a) e Oliveira e Noronha (2016) que encontraram 21 e 24 respectivamente. As forças com maiores magnitudes foram vitalidade, esperança, gratidão e perseverança, exatamente como encontrado por Dametto e Noronha, 2019a, em amostra de adolescentes brasileiros. No estudo de Oliveira & Noronha (2016) a força vitalidade também teve a maior magnitude de correlação, seguida de amor ao aprendizado, perseverança, amor e cidadania. Ressalta-se que este estudo foi realizado com população adulta de universitários o que pode ter colaborado para os resultados parcialmente divergentes. Os resultados suportam a idéia de que a vitalidade se apresenta como um importante componente para a experiencição de afetos positivos e quanto maior for a vitalidade mais entusiasmado, ativo e alerta o indivíduo irá se sentir (Diener et al., 2018).

No que tange os afetos negativos, as maiores associações, de forma negativa, foram para as forças esperança, vitalidade, autorregulação, perseverança e gratidão. Nos estudos anteriores (Dametto & Noronha, 2019a; Oliveira & Noronha, 2016), a maior correlação deu-se com autorregulação, força que no presente estudo também apresentou uma correlação significativa. Sobre esta divergência, a autora levanta a hipótese que o período da pandemia de

COVID – 19, no qual os voluntários e toda a população estão atravessando, pode ter ressaltado a importância do endosso da força esperança, que é descrita por nos conectar de maneira positiva ao futuro, e tornar os indivíduos mais resilientes contra as dificuldades no caminho, servindo como fator protetivo (Blanca et al., 2017; Niemiec, 2018; Noronha & Dametto, 2016; Peterson et al., 2007). Neste sentido, o estudo aponta que para esta amostra, quanto mais esperança o sujeito endossa menor é seu nível de afetos negativos.

Em relação a satisfação com a vida, referente ao aspecto cognitivo do bem-estar subjetivo, a pesquisa indicou que 22 forças se correlacionaram significativamente e de forma positiva, demonstrando que na amostra em tela as forças se relacionam positivamente com a satisfação com a vida e suportam a hipótese de que as forças tem também um papel importante e significativo para este período que os adolescentes estão atravessando, contribuindo para uma vida mais satisfatória (Blanca et al., 2017; Brown et al., 2020; Carrasco et al., 2016, Ruch et al., 2014). No presente estudo as forças gratidão, esperança, vitalidade e perseverança (autorregulação; sensatez) tiveram as maiores magnitudes. Este resultado corrobora parcialmente os achados de estudos anteriores (Park et al., 2006; Peterson et al., 2007; Ruch et al., 2014; Van Eeden et al. 2008) entretanto tais pesquisas trazem a força amor entre as maiores associações e na presente amostra esta força apresentou uma magnitude fraca ($r=0,30$), vindo atrás de diversas outras forças. Blanca et al. (2017) encontraram resultados parecidos, com as forças amor, esperança, autenticidade e perseverança sendo as mais altas associações.

Em relação ao contexto brasileiro, os resultados estão em conformidade com os achados por Dametto e Noronha (2019a), Noronha e Martins (2016) e Oliveira et al. (2016). Nos estudos com população adulta, Noronha e Martins (2016) encontraram vitalidade, gratidão, esperança, perseverança e amor, já Oliveira et al. (2016) vitalidade, amor, gratidão, esperança e amor pelo aprendizado e Dametto e Noronha (2019a), com amostra de

adolescentes, apontaram que as forças que apresentaram maiores magnitudes foram gratidão, esperança, vitalidade, perseverança e perdão. Ainda, as autoras indicam que força amor ficou abaixo de 0,30 não tendo alta correlação $r = -0,24$, corroborando o presente estudo.

Alguns pontos destes achados merecem destaque, como, que na presente amostra, quanto maior a gratidão, a esperança, a vitalidade, e a perseverança maior satisfação com a vida os sujeitos vão vivenciar. As forças gratidão, esperança e vitalidade são destaques na maioria dos estudos de relação com satisfação com a vida (Oliveira et al., 2016), assim como o amor, que nesta pesquisa não apresentou alta correlação, mas o resultado corroborou com estudo brasileiro com amostra similar. A força amor está relacionada a necessidade do ser humano de conexão e estabelecer relacionamentos (Blanca et al., 2018) e adolescentes nesta faixa etária estão desenvolvendo novos relacionamentos íntimos, principalmente com seus pares (Diener & Seligman, 2002). Sobre estes achados pode se levantar a hipótese de que adolescentes brasileiros valorizam outras forças em detrimento ao amor, quando avaliam a sua satisfação com a vida, sendo uma questão cultural. Para este estudo em específico pode-se aventar que, devido ao isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19 e o impedimento de encontros, até mesmo de ir para a escola, os adolescentes tiveram que passar a valorizar outras forças para conseguirem manter seus níveis de satisfação com a vida.

Outro ponto a ser ressaltado é que a força perseverança se destacou em sua relação com todos os componentes do bem-estar subjetivo. A força perseverança tem como essência, seguir em frente e vencer os obstáculos e é altamente relacionada com autocontrole, esperança, entusiasmo e bravura e, pode-se hipotetizar que, no momento atual da pandemia, esta é uma força necessária. Por fim, nota-se que a força modéstia não se correlacionou significativamente com nenhum dos componentes do bem-estar subjetivo o que corrobora estudos anteriores (Gander et al., 2018).

Poucos estudos apontam para a relação das forças com a autoestima, no presente

estudo, os resultados das análises indicaram 20 correlações significativas entre os construtos. As forças esperança, vitalidade, autorregulação e gratidão tiveram as maiores magnitudes e somente a força modéstia, correlacionou-se significantemente de forma negativa com a autoestima. Estudos anteriores corroboram que a esperança está associada à autoestima (Yang et al., 2016; Snyder et al., 2003) e vários pesquisadores, utilizando diferentes medidas de esperança, demonstraram que a esperança está relacionada ao bem-estar subjetivo como uma variável latente medida pela autoestima (Jackson et al., 2016).

Na presente amostra, a autoestima se relacionou de forma significativa com todos os componentes do bem-estar subjetivo, sendo de forma positiva com afetos positivos e satisfação com a vida e negativa com afetos negativos, corroborando a literatura. Na dimensão cognitiva do bem-estar subjetivo resultados similares foram encontrados por Freire e Tavares (2011).

Em relação à capacidade preditiva das forças sobre a autoestima, na amostra em tela, tiveram destaque as forças autorregulação, esperança, gratidão, modéstia e vitalidade, explicando 50% da autoestima. Diversos estudos corroboram que o desenvolvimento das forças pode aumentar os níveis de autoestima do indivíduo (Proctor et al., 2011; Toback et al., 2016; Wood et al., 2011) e que a autoestima pode ser uma mediadora para o nível de satisfação com a vida (Douglas e Dufy, 2014). Estes resultados demonstram que determinadas forças podem ter um impacto positivo na satisfação com a vida e autoestima de adolescentes e que devem ser consideradas para a elaboração de intervenções para esta população.

Considerações finais

Apesar de estudos similares terem sido conduzidos, eles ainda são poucos e não contemplam os três construtos apresentados neste trabalho. Os estudos sobre forças pessoais, os componentes do bem-estar subjetivo e autoestima em adolescentes em ambiente escolar são escassos no Brasil. Espera-se, portanto, que os resultados encontrados possam servir como base para comparação para que demais estudos sejam realizados com amostras maiores e que

contemplem maior diversidade tanto sócio-cultural como demográfica. É de extrema importância que a ciência psicológica estude estes construtos positivos em populações adolescentes e jovens que estão passando por tantas mudanças psicológicas e biológicas visando assim o maior bem-estar desta população e promovendo fatores protetivos. É de suma importância também que políticas públicas se baseiem nos achados científicos e sejam criadas visando o bem-estar desta população e o desenvolvimento próspero e saudável dos adolescentes e jovens.

Em relação aos limites desse estudo, há que se mencionar alguns pontos. Primeiro, as variáveis de interesse deste estudo foram mensuradas por escalas de autorelato, segundo a amostra foi composta majoritariamente por um grupo de estudantes de uma mesma região do país e que supostamente estão submetidas as mesmas normas culturais do local. Terceiro, o desenho do estudo foi transversal e os resultados são relativos a um ponto específico no tempo. Sugere-se, portanto, a realização de novos estudos com amostras com características mais variadas e também que haja mais investimento na comunidade científica para que estudos longitudinais possam ser realizados para que possa ser verificado o efeito do tempo na relação entre as variáveis e como elas se comportam com o avançar da adolescência.

Referências

- Albuquerque, A. S., & Tróccoli, B. T. (2004). Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 153-164. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000200008>
- Anjum, Afifa., & Amjad, N. (2020). Values in Action Inventory of Strengths (VIA-IS): Translation and Validation in Urdu Language. *Pakistan Journal of Psychological Research*, 35(1), 163-189. <https://doi.org/10.33824/PJPR.2020.35.1.10>

- Ayyash-Abdo H, & Alamuddin, R. (2007). Predictors of subjective well-being among college youth in Lebanon. *Journal Social Psychology, 147*(3), 265-84. <https://doi.org/10.3200/SOCP.147.3.265-284>.
- Bandeira, C. M., & Hutz, C. S. (2010). As implicações do bullying na autoestima de adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional, 14*(1), 131-138. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572010000100014>
- Baumeister, R. F., & Vohs, K. D. (2018). *Revisiting Our Reappraisal of the (Surprisingly Few) Benefits of High Self-Esteem. Perspectives on Psychological Science, 13*(2), 137–140. <https://doi.org/10.1177/1745691617701185>
- Bednar, R. L., & Peterson, S. R. (1995). *Self-esteem: Paradoxes and innovations in clinical theory and practice*. American Psychological Association.
- Blanca, M. J., Ferragut, M., Ortiz-Tallo, M., & Bendayan, R. (2018). Life satisfaction and character strengths in Spanish early adolescents. *Journal of Happiness Studies, 19*, 1247-1260. <https://doi.org/10.1007/s10902-017-9865-y>
- Brdar, I., & Kashdan, T. B. (2010). Character strengths and well-being in Croatia: An empirical investigation of structure and correlates. *Journal of Research in Personality, 44*(1), 151–154. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2009.12.001>
- Brown, M., Blanchard, T., & McGrath, R. E. (2020). Differences in self-reported character strengths across adolescence. *Journal of Adolescence, 79*, 1–10. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.12.008>
- Camargo, S. P. H., Abaid, J. L. W., & Giacomoni, C. H. (2011). Do que eles precisam para serem felizes? A felicidade na visão de adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional, 15*(2), 241-250. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572011000200006>
- Ciarrochi, J., Atkins, P. W. B., Hayes, L. L., Sahdra, B. K., & Parker, P. (2016). Contextual positive psychology: Policy recommendations for implementing positive psychology

- into schools. *Frontiers in Psychology*, 7(1561), 1-16.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01561>.
- Clifton, D. O., & Hodges, T. D. (2004). Strengths. In J. M. Burns (Ed.), *The encyclopedia of leadership*. Sage.
- Coleta, J. A. D., Lopes, J. E. F., & Coleta, M. F. D. (2012). Felicidade, bem-estar subjetivo e variáveis sociodemográficas em grupos de estudantes universitários. *Psico-USF*, 17(1), 129-139. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712012000100014>
- Conselho Nacional de Saúde, 2012.
https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html
- Coopersmith, S. (1989). *Coopersmith Self-Esteem Inventory*. Consulting Psychologists Press.
- Dahlsgaard, K., Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2005). Shared virtue: The convergence of valued human strengths across culture and history. *Review of General Psychology*, 9(3), 203-213. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.9.3.203>
- Dametto, D. M. (2017). *Construção e Estudos Psicométricos da Escala de Forças de Caráter para Adolescentes*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas.
- Dametto, D. M., & Noronha, A. P. P. (2019a). Character strengths and subjective well-being in adolescence. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 24(4), 340-348. <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20190034>
- Dametto, D. M., & Noronha, A. P. P. (2019b). Construction and Validation of the Character Strengths Scale for Youth (CSS-Youth). *Paidéia*, e2930. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2930>
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2019). *Estatística sem matemática para psicologia*. Tradução técnica: Lori Viali, 7ª ed. Penso.
- Diener E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542-75.

- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, *125*(2), 276–302. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.125.2.276>
- Diener, E. F., Lucas, R. E., & Oishi, S. (2005). Subjective well-being: the science of happiness and life satisfaction. In C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 63-73). Oxford University Press.
- Diener, E., Heintzelman, S. J., Kushlev, K., Tay, L., Wirtz, D., Lutes, L. D., & Oishi, S. (2017). Findings all psychologists should know from the new science on subjective well-being. *Canadian Psychology/Psychologie Canadienne*, *58*(2), 87–104. <https://doi.org/10.1037/cap0000063>
- Diener, E., Oishi, S. & Tay, L. (2018). Advances in subjective well-being research. *Nature Human Behavior*, *2*(4), 253–260. <https://doi.org/10.1038/s41562-018-0307-6>
- Dodgson, P. G., & Wood, J. V. (1998). Self-esteem and the cognitive accessibility of strengths and weaknesses after failure. *Journal of Personality and Social Psychology*, *75*(1), 178–197. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.75.1.178>
- Dolev-Amit, T., Rubin, A., & Zilcha-Mano, S. (2020). Is Awareness of Strengths Intervention Sufficient to Cultivate Wellbeing and Other Positive Outcomes? *Journal of Happiness Studies*, 1-22. <https://doi.org/10.1007/s10902-020-00245-5>
- Dunn, L. B., Iglewicz, A., & Moutier, C. (2008). A Conceptual Model of Medical Student Well-Being: Promoting Resilience and Preventing Burnout. *Academic Psychiatry*, *32*(1), 44–53. <https://doi.org/10.1176/appi.ap.32.1.44>
- Ferraz, R. B., Tavares, H., & Zilberman, M. L. (2007). Felicidade: uma revisão. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, *34*(5), 234-242. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000500005>

- Fonsêca, P. N. da, Silva, M. C. da, Couto, R. N., Silva, P. G. N. da, & Santos, J. L. F. dos. (2020). Engajamento escolar e sua relação com as forças de caráter dos adolescentes. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 10(1), 160-179. <https://doi.org/10.26864/pcs.v10.n1.8>
- Freire, T., & Tavares, D. (2011). Influência da autoestima, da regulação emocional e do gênero no bem-estar subjetivo e psicológico de adolescentes. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 38(5), 184-188. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832011000500003>
- García-Álvarez, D., Soler, M. J., & Cobo-Rendón, R. (2020). Programa Creciendo Fuertes para la promoción de fortalezas del carácter: una mirada desde sus estudiantes. *Revista De Estudios E Investigación En Psicología Y Educación*, 7(1), 84-97. <https://doi.org/10.17979/reipe.2020.7.1.6541>
- Gander, F., Hofmann, J., Proyer, R. T., & Ruch, W. (2020). Character Strengths – Stability, Change, and Relationships with Well-Being Changes. *Applied Research Quality Life*, 15, 349–367. <https://doi.org/10.1007/s11482-018-9690-4>
- Ghielen, S. T. S., van Woerkom, M., & Christina Meyers, M. (2017). Promoting positive outcomes through strengths interventions: A literature review. *The Journal of Positive Psychology*, 1–13. <https://doi.org/10.1080/17439760.2017.1365164>
- Gillham, J., Adams-Deutsch, Z., Werner, J., Reivich, K., Coulter-Heindl, V., Linkins, M., Seligman, M. E. P. (2011). *Character strengths predict subjective well-being during adolescence. The Journal of Positive Psychology*, 6(1), 31–44. <https://doi.org/10.1080/17439760.2010.536773>
- Govindji, R. & Linley, A. (2007). Strengths use, self-concordance and well-being: Implications for Strengths Coaching and coaching psychologists. *International Coaching Psychology Review*, 2(2), 143-153. <https://psycnet.apa.org/record/2007-19806-004>

- Grinhauz, A. S., & Solano, A. C. (2015). Un estudio exploratorio acerca de las fortalezas del carácter en niños argentinos [An exploratory study about character strengths in Argentinean children]. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 33(1), 45–56. <https://doi.org/10.12804/apl33.01.2015.04>
- Haddad Narafshan, M., & Noori, S. (2018). Enhancing Self- Esteem in Classroom Language Learning: The Potential of Implementing a Strength-Based Positive Psychology Intervention at Higher Education. *International Journal of Language Teaching and Education*, 2(3), 334-345. <https://doi.org/10.22437/ijolte.v2i3.5593>
- Harzer, C., & Ruch, W. (2016). Your strengths are calling: Preliminary results of a web-based strengths intervention to increase calling. *Journal of Happiness Studies*, 17, 2237–2256.
- Harzer, C., Ruch, W. (2013). The application of signature character strengths and positive experiences at work. *Journal Happiness Studies*, 14(3), 965-983. <https://doi.org/10.1007/s10902-012-9364-0>
- Heintz, S., Kramm, C., & Ruch, W. (2017). A meta-analysis of gender differences in character strengths and age, nation, and measure as moderators. *The Journal of Positive Psychology*, 1–10. <https://doi.org/10.1080/17439760.2017.1414297>
- Höfer, S., Gander, F., Höge, T., & Ruch, W. (2020). Character Strengths, Well-Being, and Health in Educational and Vocational Settings. *Applied Research Quality Life*, 15(2), 301-306. <https://doi.org/10.1007/s11482-018-9688-y>
- Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg: Revision of the adaptation, validation, and normatization of the Roserberg self-esteem scale. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 41-49.
- Hutz, C. S. (Org.) (2014). *Avaliação em Psicologia Positiva*. Artmed.

- Li, Y., Lan, J., & Ju, C. (2015). Self-esteem, gender, and the relationship between extraversion and subjective well-being. *Social Behavior and Personality: An International Journal*, 43(8), 1243–1254. <https://doi.org/10.2224/sbp.2015.43.8.1243>
- Linley, A. (2008). *Average to A+: Realising strengths in yourself and others*. CAPP Press.
- Littman-Ovadia, H., & Lavy, S. (2012). Character strengths in Israel: Hebrew adaptation of the VIA Inventory of Strengths. *European Journal of Psychological Assessment*, 28(1), 41–50. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000089>
- Lopez, S. J., Hodges, T., & Harter, J. (2005). *Clifton StrengthsFinder technical report: Development and validation*. The Gallup Organization.
- Macdonald, C., Bore, M., & Munro, D. (2008). Values in action scale and the Big 5: An empirical indication of structure. *Journal of Research in Personality*, 42, 787-799. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2007.10.003>.
- Martínez-Martí, M. L., & Ruch, W. (2016). Character strengths predict resilience over and above positive affect, self-efficacy, optimism, social support, self-esteem, and life satisfaction. *The Journal of Positive Psychology*, 12(2), 110–119. <https://doi.org/10.1080/17439760.2016.1163403>
- McGrath, R. E. (2012). Scale and Item-Level Factor Analyses of the VIA Inventory of Strengths. *Assessment*, 21(1), 4–14. <https://doi.org/10.1177/1073191112450612>
- McGrath, R. E. (2014). Measurement Invariance in Translations of the VIA Inventory of Strengths. *European Journal of Psychological Assessment*, 32(3), 187-194. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000248>
- McGrath, R. E. (2014). Integrating psychological and cultural perspectives on virtue: The hierarchical structure of character strengths. *The Journal of Positive Psychology*, 10(5), 407–424. <https://doi.org/10.1080/17439760.2014.994222>

- McGrath, R. E. (2019). *The VIA Assessment Suite for Adults: Development and initial evaluation, revised edition*. Cincinnati, OH: VIA Institute on Character.
- McGrath, R. E., Greenberg, M. J., & Hall-Simmonds, A. (2017). Scarecrow, Tin Woodsman, and Cowardly Lion: The three-factor model of virtue. *The Journal of Positive Psychology, 13*(4), 373–392. <https://doi.org/10.1080/17439760.2017.1326518>
- McGrath, R. E., & Walker, D. I. (2016). Factor structure of character strengths in youth: Consistency across ages and measures. *Journal of Moral Education, 45*(4), 400–418. <https://doi.org/10.1080/03057240.2016.1213709>
- Meyers, M. C., & van Woerkom, M. (2016). Effects of a strength's intervention on general and work-related well-being: The mediating role of positive affect. *Journal of Happiness Studies, 18*, 671–689.
- Mruk, C. (2013). *Self-esteem and positive psychology: Research, theory, and practice* (4th ed.). Springer Publishing Company.
- Neto, J., Neto, F., & Furnham, A. (2014). Gender and Psychological Correlates of Self-rated Strengths Among Youth. *Social Indicators Research, 118*(1), 315–327. <https://doi.org/10.1007/s11205-013-0417-5>
- Niemiec, Ryan & Pearce, Ruth. (2021). The Practice of Character Strengths: Unifying Definitions, Principles, and Exploration of What's Soaring, Emerging, and Ripe With Potential in Science and in Practice. *Frontiers in Psychology, 11*. 590220. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.590220>.
- Ng, V., Cao, M., Marsh, H. W., Tay, L., & Seligman, M. E. P. (2016). The factor structure of the Values in Action Inventory of Strengths (VIA-IS): An item-level Exploratory Structural Equation Modeling (ESEM) bifactor analysis. *Psychological Assessment, 29*(8). <https://doi.org/10.1037/pas0000396>

- Noronha, A. P. P., & Barbosa, A. J. G. (2016). Forças e virtudes: Escala de Forças de Caráter. In C. S. Hutz (Org.), *Avaliação em Psicologia Positiva: Técnicas e Medidas* (pp. 21-43). CETEPP.
- Noronha, A. P. P., & Batista, H. H. V. (2020). Análise da estrutura interna da Escala de Forças de Caráter. *Ciencias Psicológicas*, *14*(1), e2150.
<https://doi.org/10.22235/cp.v14i1.2150>
- Noronha, A. P. P., & Martins, D. F. (2016). Associações entre forças de caráter e satisfação com a vida: estudo com universitários. *Acta Colombiana de Psicologia*, *19*(2), 83-89.
- Noronha, A.P., Nogueira Silva, E., & Rueda, F.J. M. (2018). Relationships between character strengths and perception of social support. *Ciencias Psicológicas*, *12*(2), 187-193.
<https://doi.org/10.22235/cp.v12i2.1681>.
- Noronha, A. P. P., Dellazzana-Zanon, L. L., & Zanon C. (2015). Internal Structure of the Strengths and Virtues Scale in Brazil. *Psico-USF*, *20*(2), 229-235.
<https://doi.org/10.1590/1413-82712015200204>
- Oliveira, C., Nunes, M. F. O., Legal, E., & Noronha, A. P. P. (2016). Bem- Estar Subjetivo: estudo de correlação com as Forças de Caráter. *Avaliação Psicológica*, *15*(3), 177-185.
- Park, N., & Peterson, C. (2008). Positive psychology and character strengths: Application to strengths-based school counseling. *Professional School Counseling*, *12*, 85–92.
<https://doi.org/10.1177/2156759X0801200214>
- Park, N., & Peterson, C. (2009). *Character Strengths: Research and Practice*. *Journal of College and Character*, *10*(4). <https://doi.org/10.2202/1940-1639.1042>
- Park, N., Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2004). Strengths of Character and Well-Being. *Journal of Social and Clinical Psychology*, *23*(5), 603–619.
<https://doi.org/10.1521/jscp.23.5.603.50748>

- Park, N., Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2006). Character strengths in fifty-four nations and the fifty US states. *The Journal of Positive Psychology, 1*(3), 118-129. <https://doi.org/10.1080/17439760600619567>
- Pavot, W. G., Diener, E., Colvin, C. R., & Sandvik, E. (1991). Further validation of the Satisfaction with Life Scale: Evidence for the cross-method convergence of well-being measures. *Journal of Personality Assessment, 57*(1), 149–161. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa5701_17
- Petkari, E., & Ortiz-Tallo, M. (2016). *Towards Youth Happiness and Mental Health in the United Arab Emirates: The Path of Character Strengths in a Multicultural Population. Journal of Happiness Studies, 19*(2), 333-350. <https://doi.org/10.1007/s10902-016-9820-3>
- Peterson, C., Park N., Pole N. & Seligman, M. E. P (2008). Strengths of character and posttraumatic growth. *Journal of Traumatic Stress: Official Publication of the International Journal of Traumatic Stress, 21*(2), 214-217. <https://doi.org/10.1002/jts.20332>
- Peterson, C. (2006). *A primer in positive psychology*. Oxford University Press.
- Peterson, C., Ruch, W., Beermann, U., Park, N., & Seligman, M. E. P. (2007) Strengths of character, orientations to happiness, and life satisfaction, *The Journal of Positive Psychology, 2*(3), 149-156. <https://doi.org/10.1080/17439760701228938>
- Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2004). *Character strengths and virtues: A handbook and classification*. Oxford University Press.
- Proctor, C., Tsukayama, E., Wood, A. M., Maltby, J., Eades, J. F., & Linley, P. A. (2011). Strengths Gym: The impact of a character strengths-based intervention on the life satisfaction and well-being of adolescents. *The Journal of Positive Psychology, 6*(5), 377–388. <https://doi.org/10.1080/17439760.2011.594079>

- Quinlan, D. M., Swain, N., Cameron, C., & Vella-Brodrick, D. A. (2015). How 'other people matter' in a classroom-based strengths intervention: Exploring interpersonal strategies and classroom outcomes. *The Journal of Positive Psychology, 10*, 77–89.
- Reis, H. T., Sheldon, K. M., Gable, S. L., Roscoe, J., & Ryan, R. M. (2000). Daily well-being: The role of autonomy, competence, and relatedness. *Personality and Social Psychology Bulletin, 26*(4), 419–435. <https://doi.org/10.1177/0146167200266002>
- Reppold, C. T., Zanini, D. S., Campos, D. C., Faria, M. R. G. V. de, & Tocchetto, B. S. (2019). Felicidade como Produto: Um Olhar Crítico sobre a Ciência da Psicologia Positiva. *Avaliação Psicológica, 18*(4), 333-342. <https://doi.org/10.15689/ap.2019.1804.18777.01>
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton University Press
- Ruch, W., Weber, M., Park, N., & Peterson, C. (2014). Character strengths in children and adolescents: Reliability and initial validity of the German Values in Action Inventory of Strengths for Youth (German VIA-Youth). *European Journal of Psychological Assessment, 30*(1), 57-64. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000169>
- Salcedo, R. E., & Ye Y. (2020). The Relationship Between Students' Perception Towards their Own Character Strengths and their Academic Achievement at Science-Based Technology Vocational College-Chonburi, Thailand. *Scholar: Human Sciences, 12*(1), 37-37.
- Sbicigo, J. B., Bandeira, D. R., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna. *Psico-USF, 15*(3), 395-403. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000300012>
- Segabinazi, J. D., Zortea, M., Zanon, C., Bandeira, D. R., Giacomoni, C. H., & Hutz, C. S. (2012). Escala de afetos positivos e negativos para adolescentes: adaptação, normatização e evidências de validade. *Avaliação Psicológica, 11*(1), 1-12.

- Segabinazi, J.D., Zortea M., & Giacomoni C. H. (2014). Avaliação de Bem-estar subjetivo em adolescentes. In: In C. Hutz (Org.) *Avaliação em psicologia positiva*. (pp. 50-43). Artmed.
- Seibel, B. L., Sousa, D., & Koller, S. H. (2015). Adaptação Brasileira e Estrutura Fatorial da Escala 240-item VIA Inventory of Strengths. *Psico-USF*, 20(3), 371-383. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200301>
- Seligman, M. E. (2011). *Florescer: Uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar*. Objetiva.
- Seligman, M. E. P. (2002) Positive Psychology, Positive Prevention, and Positive Therapy. In: Snyder, C. R. & Lopez, S. J. (Eds.). *Handbook of positive psychology*. Oxford University Press.
- Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2014). Positive psychology: An introduction. In M. Seligman & M. Csikszentmihalyi (Eds.), *Flow and the foundations of positive psychology* (pp. 279– 298). Springer.
- Seligman, M. E. P., Steen, T. A., Park, N., & Peterson, C. (2005). Positive Psychology Progress: Empirical Validation of Interventions. *American Psychologist*, 60(5), 410–421. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.60.5.410>
- Shoshani, A. (2018). Young children's character strengths and emotional well-being: Development of the Character Strengths Inventory for Early Childhood (CSI-EC). *The Journal of Positive Psychology*, 1–17. <https://doi.org/10.1080/17439760.2018.1424925>
- Silva, D. G. da & Dell'Aglio, D. D. (2018). Avaliação do Bem-estar subjetivo em adolescentes: Relações com sexo e faixa etária. *Revista Análises Psicológica*, 2(XXXVI), 133 – 143. <https://doi.org/10.14417/ap.1218>

- Siqueira, M. M. M., & Padovam, V. A. R. (2008). Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 24*(2), 201-209. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000200010>
- Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2009). *Psicologia positiva: Uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Artmed.
- Solano, A. C., & Cosentino, A. C. (2018). IVyF abreviado —IVyFabre—: análisis psicométrico y de estructura factorial en Argentina. *Avances en Psicología Latinoamericana/Bogotá (Colombia), 36*(3), 619-637. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.4681>
- Toback, R. L., Graham-Bermann, S. A., & Patel, P. D. (2016). Outcomes of a Character Strengths–Based Intervention on Self-Esteem and Self-Efficacy of Psychiatrically Hospitalized Youths. *Psychiatric Services, 67*(5), 574–577. <https://doi.org/10.1176/appi.ps.201500021>
- Toner, E., Haslam, N., Robinson, J., & Williams, P. (2012). Character strengths and wellbeing in adolescence: Structure and correlates of the Values in Action Inventory of Strengths for Children. *Personality and Individual Differences, 52*(5), 637–642. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.12.014>
- Van Eeden, C., Wissing, M. P., Dreyer, J., Park, N., & Peterson, C. (2008). Validation of the Values in Action Inventory of Strengths for Youth (VIA-Youth) Among South African learners. *Journal of Psychology in Africa, 18*(1), 143–154. <https://doi.org/10.1080/14330237.2008.10820181>
- Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology, 54*(6), 1063–1070. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.54.6.1063>

- Woyciekoski, C., Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2014). As contribuições da personalidade e dos eventos de vida para o bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(4), 401-409.
- Wood, A. M., Linley, P. A., Maltby, J., Kashdan, T. B., & Hurling, R. (2011). Using personal and psychological strengths leads to increases in well-being over time: A longitudinal study and the development of the strengths use questionnaire. *Personality and Individual Differences*, 50(1), 15–19. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.08.004>
- Zanon, C., Bastianello, Micheline Roat, Pacico, Juliana Cerentini, & Hutz, Claudio Simon. (2013). Desenvolvimento e validação de uma escala de afetos positivos e negativos. *Psico-USF*, 18(2), 193-201. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000200003>

A título de análises futuras

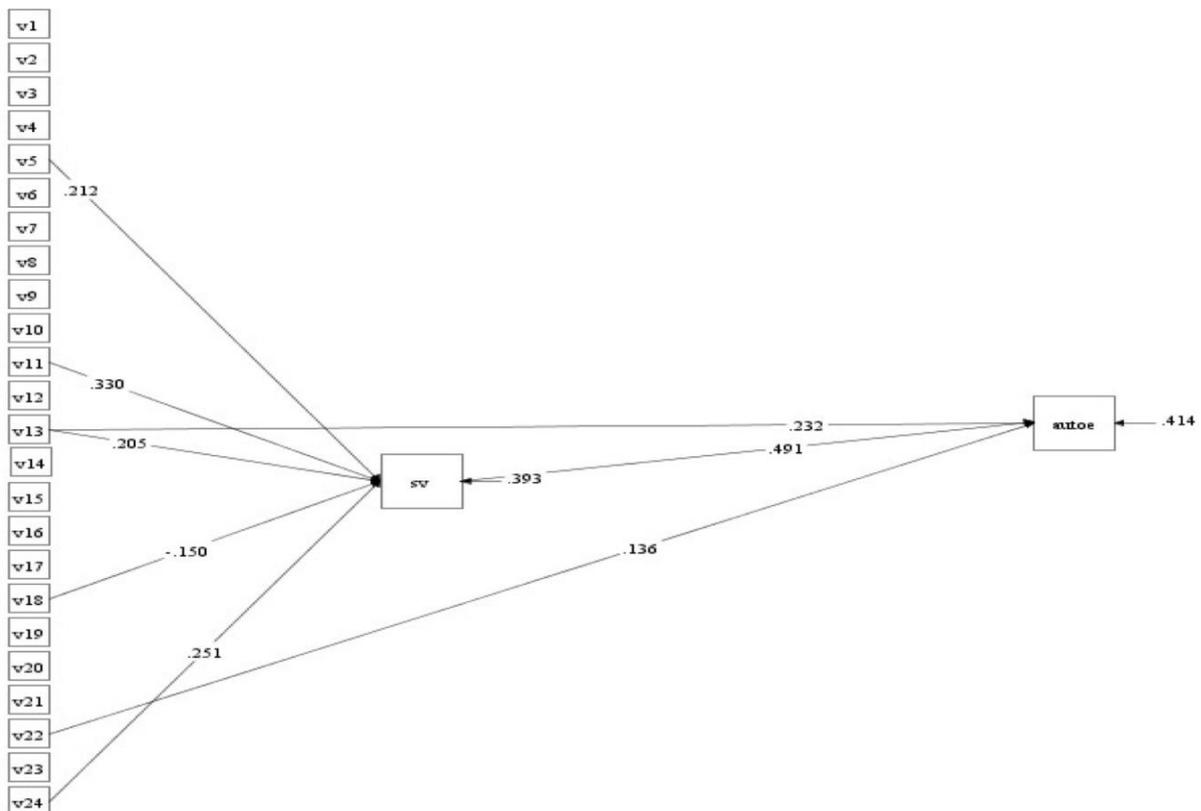
Preâmbulo

Os dados coletados nesta dissertação permitiram realizar algumas análises que serão oportunamente aprimoradas e transformadas em outros artigos:

1 - Path Analyses (qual o caminho entre forças, autoestima e bem-estar subjetivo? Uma análise prévia já foi rodada, entretanto a literatura sugere que outros caminhos podem existir e há um grande interesse em testar estes outros modelos de mediação e moderação na amostra deste estudo). Abaixo duas bibliografias que levantam outras possibilidades sobre o caminho dos construtos.

Em uma investigação para examinar os mediadores e moderadores entre o uso das forças pessoais e satisfação com a vida, Douglass e Duffy (2014), utilizaram uma amostra de 224 indivíduos ($M= 19,4$, $DP=1,8$ anos), sendo 64,7% mulheres. A conclusão do estudo indica que o uso das forças pessoais está associado a satisfação com a vida, com relações fortes e positivas (os autores não citaram os coeficientes). Esta relação é mediada pela autoestima e o caminho entre autoestima e satisfação com a vida é moderado por níveis baixos a moderados de afetos positivos. Resultados semelhantes foram encontrados por Meyer e van Woerkom (2016) no ambiente organizacional, onde emoções positivas foram os moderadores entre intervenções em forças pessoais e satisfação com a vida

Modelo encontrado: Realizou-se um *path analyses* para verificar modelo que melhor explica o caminho entre os construtos, para a amostra em tela. Segundo Valentini et al. (2018) deve-se considerar uma variável independente, que prediz as outras variáveis. Como não foram encontrados modelos considerando as três variáveis nos achados literários, foram testados diversos modelos, considerando as forças pessoais como variável independente e a autoestima, satisfação com a vida, afetos positivos e negativos como dependentes. O modelo encontrado pode ser visto na figura 1.



O modelo indica que cinco, das 24 forças predizem a satisfação com a vida, sendo elas: autorregulação ($b = 0,21$; $p = 0,01$), esperança ($b = 0,33$; $p = 0,01$), gratidão ($b = 0,21$; $p = 0,01$), modéstia ($b = -0,15$; $p = 0,01$) e vitalidade ($b = 0,25$; $p = 0,01$). O modelo também aponta que duas forças predizem diretamente a autoestima, a saber: gratidão ($b = 0,23$; $p = 0,01$) e prudência ($b = 0,14$; $p = 0,01$). Por fim, foi encontrado no modelo uma relação de predição mútua entre os construtos, nos quais, satisfação com a vida interfere na autoestima ($b = 0,49$; $p = 0,01$) e autoestima prediz satisfação com a vida ($b = 0,30$; $p = 0,01$)

Discussão preliminar

O modelo encontrado nesta pesquisa corrobora a literatura no que tange que nem todas as forças têm o mesmo impacto ou se relacionam da mesma forma com outros construtos e que há uma relação de interferência mútua entre os construtos positivos. É cada vez mais estudado o impacto de cada força isoladamente em desfechos positivos (Alvaréz Garcia et al., 2020),

principalmente para a maior eficácia de intervenções em forças pessoais. Conforme encontrado neste estudo, as forças autorregulação, esperança, gratidão e vitalidade tem poder preditivo para a satisfação com a vida de adolescentes. A força modéstia apresentou uma predição negativa, apontando que quanto menos modéstia maior será a satisfação com a vida dos sujeitos.

Em relação a autoestima, na amostra em tela, encontrou-se que duas forças a predizem, sendo elas gratidão e prudência. Diversos estudos corroboram que o desenvolvimento de determinadas forças pode aumentar os níveis de autoestima do indivíduo (Proctor et al., 2011; Toback et al., 2016; Wood et al., 2011) e que a autoestima pode ser uma mediadora para o nível de satisfação com a vida (Douglas e Dufy, 2014). No estudo em questão encontrou-se uma relação mútua entre satisfação com a vida e autoestima. Estes resultados demonstram que determinadas forças podem ter um impacto positivo na satisfação com a vida e autoestima de adolescentes e que devem ser consideradas para a elaboração de intervenções para esta população.

Considerações finais

A presente pesquisa teve como principal objetivo verificar as associações entre forças pessoais, autoestima e bem-estar subjetivo em adolescentes em período escolar. Para tanto, foi necessário separar a dissertação em dois estudos. No primeiro, teve-se como objetivo buscar evidências de validade interna para a Escala de Forças de Caráter – Adolescentes, através de análises fatoriais confirmatórias. Os resultados demonstraram que o modelo com melhor ajuste foi o de 24 fatores, considerando cada força pessoal como um fator. Algumas cargas fatoriais carregaram abaixo de 0,30 para itens de determinados fatores indicando que uma revisão de conteúdo pode contribuir com as capacidades psicométricas da EFC-A. Ressalta-se, entretanto, a relevância desse instrumento e deste estudo para o avanço da área de avaliação psicológica positiva no Brasil, haja visto, que este é o único instrumento para medir as forças pessoais em adolescentes em território nacional e este é o terceiro estudo realizado com esta escala. Sugere-se, portanto, que futuros estudos sejam realizados com amostras maiores e considerando maior diversidade populacional. Como agenda de pesquisa pode-se pensar também em uma escala de forças para adolescentes reduzida considerando que a escala tem 120 itens, sendo uma limitação do estudo e uma escala com menos itens poderia facilitar o engajamento na obtenção de respostas.

O segundo artigo teve como objetivo analisar as relações entre forças de caráter, bem-estar subjetivo e autoestima em adolescentes. Mais especificamente, verificar quais forças de caráter estavam mais positivamente relacionadas com o bem-estar subjetivo; investigar o poder explicativo das forças sobre a autoestima e da autoestima sobre o bem-estar subjetivo; e identificar se houve influência da idade, sexo e curso que os adolescentes estavam matriculados nos construtos estudados. Os resultados apontaram para diferenças significativas entre os sexos nos construtos autoestima e afetos positivos, com os meninos pontuando mais alto que as meninas e nos afetos negativos, com as meninas pontuando mais alto que os meninos. Em

relação à diferença de idade, as análises indicaram diferença significativa para o afeto positivo e, em relação ao curso que os alunos estavam matriculados (ensino médio ou ensino técnico), encontrou-se diferença significativa para os afetos negativos, sendo que os alunos do ensino médio apresentaram maiores médias. As forças se correlacionaram de forma moderada a fraca com os construtos investigados neste estudo e os três componentes do bem-estar subjetivo correlacionaram-se significativamente com autoestima. As forças autorregulação, esperança, gratidão, modéstia e vitalidade explicaram 58% da autoestima.

Os resultados encontrados no estudo 2 corroboram a importância dos estudos em forças pessoais em adolescentes em período escolar. Contudo, o estudo apresenta algumas limitações como o número reduzido de voluntários ($n=316$) e a concentração geográfica desta população. Nessa direção, recomenda-se que futuros estudos sejam realizados com amostras maiores de diversas regiões do país a fim de entender se estas associações entre os construtos podem variar de acordo com a cultura da região. Sugere-se que parcerias com pesquisadores e instituições de diferentes localidades sejam realizadas com o objetivo de facilitar estas investigações.

Importante ressaltar que os objetivos iniciais propostos foram atingidos e que esta dissertação possa ter contribuído positivamente para a área de avaliação psicológica e psicologia positiva no Brasil. Os resultados obtidos neste estudo podem servir de comparação para outros estudos regionais entre forças, entretanto não podem ser generalizados para a população adolescente do Brasil devido às limitações geográficas da amostra. O estudo das forças pessoais no Brasil está em evolução e a autora acredita que novos estudos devem ser realizados com o enfoque em aprimoramento da EFC-A e em intervenções em forças pessoais, buscando o desenvolvimento próspero e saudável dos jovens e adolescentes.

Referências

- Albuquerque, A. S., & Tróccoli, B. T. (2004). Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 153-164. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000200008>
- Anjum, Afifa., & Amjad, N. (2020). Values in Action Inventory of Srtengths (VIA-IS): Translation and Validation in Urdu Language. *Pakistan Journal of Psychological Research*, 35(1), 163-189. <https://doi.org/10.33824/PJPR.2020.35.1.10>
- Ayyash-Abdo H, & Alamuddin, R. (2007). Predictors of subjective well-being among college youth in Lebanon. *Journal Social Psychology*, 147(3), 265-84. <https://doi.org/10.3200/SOCP.147.3.265-284>.
- Bandeira, C. M., & Hutz, C. S. (2010). As implicações do bullying na autoestima de adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 14(1), 131-138. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572010000100014>
- Baumeister, R. F., & Vohs, K. D. (2018). *Revisiting Our Reappraisal of the (Surprisingly Few) Benefits of High Self-Esteem. Perspectives on Psychological Science*, 13(2), 137–140. <https://doi.org/10.1177/1745691617701185>
- Bednar, R. L., & Peterson, S. R. (1995). *Self-esteem: Paradoxes and innovations in clinical theory and practice*. American Psychological Association.
- Blanca, M. J., Ferragut, M., Ortiz-Tallo, M., & Bendayan, R. (2018). Life satisfaction and character strengths in Spanish early adolescents. *Journal of Happiness Studies*, 19, 1247-1260. <https://doi.org/10.1007/s10902-017-9865-y>
- Brdar, I., & Kashdan, T. B. (2010). Character strengths and well-being in Croatia: An empirical investigation of structure and correlates. *Journal of Research in Personality*, 44(1), 151–154. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2009.12.001>

- Brown, M., Blanchard, T., & McGrath, R. E. (2020). Differences in self-reported character strengths across adolescence. *Journal of Adolescence*, 79, 1–10. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.12.008>
- Camargo, S. P. H., Abaid, J. L. W., & Giacomoni, C. H. (2011). Do que eles precisam para serem felizes? A felicidade na visão de adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 15(2), 241-250. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572011000200006>
- Carvalho, C. H. A., & Cordeiro, B. A. C. (2021). O desenvolvimento da autoestima na infância: a relação da baixa autoestima com a dificuldade escolar. *Revista Multidisciplinar Em Saúde*, 2(3), 06. <https://doi.org/10.51161/rem/s/1669>
- Ciarrochi, J., Atkins, P. W. B., Hayes, L. L., Sahdra, B. K., & Parker, P. (2016). Contextual positive psychology: Policy recommendations for implementing positive psychology into schools. *Frontiers in Psychology*, 7(1561), 1-16. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01561>.
- Clifton, D. O., & Hodges, T. D. (2004). Strengths. In J. M. Burns (Ed.), *The encyclopedia of leadership*. Sage.
- Coleta, J. A. D., Lopes, J. E. F., & Coleta, M. F. D. (2012). Felicidade, bem-estar subjetivo e variáveis sociodemográficas em grupos de estudantes universitários. *Psico-USF*, 17(1), 129-139. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712012000100014>
- Conselho Nacional de Saúde, 2012. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html
- Coopersmith, S. (1989). *Coopersmith Self-Esteem Inventory*. Consulting Psychologists Press.
- Dahlsgaard, K., Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2005). Shared virtue: The convergence of valued human strengths across culture and history. *Review of General Psychology*, 9(3), 203-213. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.9.3.203>

- Dametto, D. M. (2017). *Construção e Estudos Psicométricos da Escala de Forças de Caráter para Adolescentes*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas.
- Dametto, D. M., & Noronha, A. P. P. (2019a). Character strengths and subjective well-being in adolescence. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 24(4), 340-348. <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20190034>
- Dametto, D. M., & Noronha, A. P. P. (2019b). Construction and Validation of the Character Strengths Scale for Youth (CSS-Youth). *Paidéia*, e2930. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2930>
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2019). *Estatística sem matemática para psicologia*. Tradução técnica: Lori Viali, 7ª ed. Penso.
- Diener E. 1984. Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542–75.
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125(2), 276–302. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.125.2.276>
- Diener, E. F., Lucas, R. E., & Oishi, S. (2005). Subjective well-being: the science of happiness and life satisfaction. In C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 63-73). Oxford University Press.
- Diener, E., Heintzelman, S. J., Kushlev, K., Tay, L., Wirtz, D., Lutes, L. D., & Oishi, S. (2017). Findings all psychologists should know from the new science on subjective well-being. *Canadian Psychology/Psychologie Canadienne*, 58(2), 87–104. <https://doi.org/10.1037/cap0000063>
- Diener, E., Oishi, S. & Tay, L. (2018). Advances in subjective well-being research. *Nature Human Behavior*, 2(4), 253–260. <https://doi.org/10.1038/s41562-018-0307-6>

- Dodgson, P. G., & Wood, J. V. (1998). Self-esteem and the cognitive accessibility of strengths and weaknesses after failure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(1), 178–197. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.75.1.178>
- Dolev-Amit, T., Rubin, A., & Zilcha-Mano, S. (2020). Is Awareness of Strengths Intervention Sufficient to Cultivate Wellbeing and Other Positive Outcomes? *Journal of Happiness Studies*, 1-22. <https://doi.org/10.1007/s10902-020-00245-5>
- Dunn, L. B., Iglewicz, A., & Moutier, C. (2008). A Conceptual Model of Medical Student Well-Being: Promoting Resilience and Preventing Burnout. *Academic Psychiatry*, 32(1), 44–53. <https://doi.org/10.1176/appi.ap.32.1.44>
- Ferraz, R. B., Tavares, H., & Zilberman, M. L. (2007). Felicidade: uma revisão. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 34(5), 234-242. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000500005>
- Fonsêca, P. N. da, Silva, M. C. da, Couto, R. N., Silva, P. G. N. da, & Santos, J. L. F. dos. (2020). Engajamento escolar e sua relação com as forças de caráter dos adolescentes. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 10(1), 160-179. <https://doi.org/10.26864/pcs.v10.n1.8>
- Freire, T., & Tavares, D. (2011). Influência da autoestima, da regulação emocional e do gênero no bem-estar subjetivo e psicológico de adolescentes. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 38(5), 184-188. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832011000500003>
- García-Álvarez, D., Soler, M. J., & Cobo-Rendón, R. (2020). Programa Creciendo Fuertes para la promoción de fortalezas del carácter: una mirada desde sus estudiantes. *Revista De Estudios E Investigación En Psicología Y Educación*, 7(1), 84-97. <https://doi.org/10.17979/reipe.2020.7.1.6541>

- Gander, F., Hofmann, J., Proyer, R. T., & Ruch, W. (2020). Character Strengths – Stability, Change, and Relationships with Well-Being Changes. *Applied Research Quality Life, 15*, 349–367. <https://doi.org/10.1007/s11482-018-9690-4>
- Ghielen, S. T. S., van Woerkom, M., & Christina Meyers, M. (2017). Promoting positive outcomes through strengths interventions: A literature review. *The Journal of Positive Psychology, 1*–13. <https://doi.org/10.1080/17439760.2017.1365164>
- Gillham, J., Adams-Deutsch, Z., Werner, J., Reivich, K., Coulter-Heindl, V., Linkins, M., ... Seligman, M. E. P. (2011). *Character strengths predict subjective well-being during adolescence. The Journal of Positive Psychology, 6*(1), 31–44. <https://doi.org/10.1080/17439760.2010.536773>
- Govindji, R. & Linley, A. (2007). Strengths use, self-concordance and well-being: Implications for Strengths Coaching and coaching psychologists. *International Coaching Psychology Review, 2*(2), 143-153. <https://psycnet.apa.org/record/2007-19806-004>
- Grinhauz, A. S., & Solano, A. C. (2015). Un estudio exploratorio acerca de las fortalezas del carácter en niños argentinos [An exploratory study about character strengths in Argentinean children]. *Avances en Psicología Latinoamericana, 33*(1), 45–56. <https://doi.org/10.12804/apl33.01.2015.04>
- Haddad Narafshan, M., & Noori, S. (2018). Enhancing Self- Esteem in Classroom Language Learning: The Potential of Implementing a Strength-Based Positive Psychology Intervention at Higher Education. *International Journal of Language Teaching and Education, 2*(3), 334-345. <https://doi.org/10.22437/ijolte.v2i3.5593>
- Harzer, C., & Ruch, W. (2016). Your strengths are calling: Preliminary results of a web-based strengths intervention to increase calling. *Journal of Happiness Studies, 17*, 2237–2256.

- Harzer, C., Ruch, W. (2013). The application of signature character strengths and positive experiences at work. *Journal Happiness Studies*, 14(3), 965-983. <https://doi.org/10.1007/s10902-012-9364-0>
- Heintz, S., Kramm, C., & Ruch, W. (2017). A meta-analysis of gender differences in character strengths and age, nation, and measure as moderators. *The Journal of Positive Psychology*, 1–10. <https://doi.org/10.1080/17439760.2017.1414297>
- Höfer, S., Gander, F., Höge, T., & Ruch, W. (2020). Character Strengths, Well-Being, and Health in Educational and Vocational Settings. *Applied Research Quality Life*, 15(2), 301-306. <https://doi.org/10.1007/s11482-018-9688-y>
- Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg: Revision of the adaptation, validation, and normalization of the Roserberg self-esteem scale. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 41-49.
- Hutz, C. S. (Org.) (2014). *Avaliação em Psicologia Positiva*. Artmed.
- Li, Y., Lan, J., & Ju, C. (2015). Self-esteem, gender, and the relationship between extraversion and subjective well-being. *Social Behavior and Personality: An International Journal*, 43(8), 1243–1254. <https://doi.org/10.2224/sbp.2015.43.8.1243>
- Linley, A. (2008). *Average to A+: Realising strengths in yourself and others*. CAPP Press.
- Littman-Ovadia, H., & Lavy, S. (2012). Character strengths in Israel: Hebrew adaptation of the VIA Inventory of Strengths. *European Journal of Psychological Assessment*, 28(1), 41–50. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000089>
- Lopez, S. J., Hodges, T., & Harter, J. (2005). *Clifton StrengthsFinder technical report: Development and validation*. The Gallup Organization.
- Macdonald, C., Bore, M., & Munro, D. (2008). Values in action scale and the Big 5: An empirical indication of structure. *Journal of Research in Personality*, 42, 787-799. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2007.10.003>

- Martínez-Martí, M. L., & Ruch, W. (2016). Character strengths predict resilience over and above positive affect, self-efficacy, optimism, social support, self-esteem, and life satisfaction. *The Journal of Positive Psychology, 12*(2), 110–119. <https://doi.org/10.1080/17439760.2016.1163403>
- McGrath, R. E. (2012). Scale and Item-Level Factor Analyses of the VIA Inventory of Strengths. *Assessment, 21*(1), 4–14. <https://doi.org/10.1177/1073191112450612>
- McGrath, R. E. (2014). Measurement Invariance in Translations of the VIA Inventory of Strengths. *European Journal of Psychological Assessment, 32*(3), 187-194. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000248>
- McGrath, R. E. (2014). Integrating psychological and cultural perspectives on virtue: The hierarchical structure of character strengths. *The Journal of Positive Psychology, 10*(5), 407–424. <https://doi.org/10.1080/17439760.2014.994222>
- McGrath, R. E. (2019). The VIA Assessment Suite for Adults: Development and initial evaluation, revised edition. *Cincinnati, OH: VIA Institute on Character.*
- McGrath, R. E., Greenberg, M. J., & Hall-Simmonds, A. (2017). Scarecrow, Tin Woodsman, and Cowardly Lion: The three-factor model of virtue. *The Journal of Positive Psychology, 13*(4), 373–392. <https://doi.org/10.1080/17439760.2017.1326518>
- McGrath, R. E., & Walker, D. I. (2016). Factor structure of character strengths in youth: Consistency across ages and measures. *Journal of Moral Education, 45*(4), 400–418. <https://doi.org/10.1080/03057240.2016.1213709>
- Meyers, M. C., & van Woerkom, M. (2016). Effects of a strength’s intervention on general and work-related well-being: The mediating role of positive affect. *Journal of Happiness Studies, 18*, 671–689.
- Mruk, C. (2013). *Self-esteem and positive psychology: Research, theory, and practice* (4th ed.). Springer Publishing Company.

- Neto, J., Neto, F., & Furnham, A. (2014). Gender and Psychological Correlates of Self-rated Strengths Among Youth. *Social Indicators Research*, *118*(1), 315-327. <https://doi.org/10.1007/s11205-013-0417-5>
- Ng, V., Cao, M., Marsh, H. W., Tay, L., & Seligman, M. E. P. (2016). The factor structure of the Values in Action Inventory of Strengths (VIA-IS): An item-level Exploratory Structural Equation Modeling (ESEM) bifactor analysis. *Psychological Assessment*, *29*(8). <https://doi.org/10.1037/pas0000396>
- Noronha, A. P. P., & Barbosa, A. J. G. (2016). Forças e virtudes: Escala de Forças de Caráter. In C. S. Hutz (Org.), *Avaliação em Psicologia Positiva: Técnicas e Medidas* (pp. 21-43). CETEPP.
- Noronha, A. P. P., & Batista, H. H. V. (2020). Análise da estrutura interna da Escala de Forças de Caráter. *Ciencias Psicológicas*, *14*(1), e2150. <https://doi.org/10.22235/cp.v14i1.2150>
- Noronha, A. P. P., & Martins, D. F. (2016). Associações entre forças de caráter e satisfação com a vida: estudo com universitários. *Acta Colombiana de Psicologia*, *19*(2), 83-89.
- Noronha, A.P., Nogueira Silva, E., & Rueda, F.J. M. (2018). Relationships between character strengths and perception of social support. *Ciencias Psicológicas*, *12*(2), 187-193. <https://doi.org/10.22235/cp.v12i2.1681>.
- Noronha, A. P. P., Dellazzana-Zanon, L. L., & Zanon C. (2015). Internal Structure of the Strengths and Virtues Scale in Brazil. *Psico-USF*, *20*(2), 229-235. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200204>
- Oliveira, C., Nunes, M. F. O., Legal, E., & Noronha, A. P. P. (2016). Bem-Estar Subjetivo: estudo de correlação com as Forças de Caráter. *Avaliação Psicológica*, *15*(3), 177-185.

- Park, N., & Peterson, C. (2008). Positive psychology and character strengths: Application to strengths-based school counseling. *Professional School Counseling, 12*, 85–92.
<https://doi.org/10.1177/2156759X0801200214>
- Park, N., & Peterson, C. (2009). *Character Strengths: Research and Practice. Journal of College and Character, 10*(4). <https://doi.org/10.2202/1940-1639.1042>
- Park, N., Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2004). Strengths of Character and Well-Being. *Journal of Social and Clinical Psychology, 23*(5), 603–619.
<https://doi.org/10.1521/jscp.23.5.603.50748>
- Park, N., Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2006). Character strengths in fifty-four nations and the fifty US states. *The Journal of Positive Psychology, 1*(3), 118-129.
<https://doi.org/10.1080/17439760600619567>
- Pavot, W. G., Diener, E., Colvin, C. R., & Sandvik, E. (1991). Further validation of the Satisfaction with Life Scale: Evidence for the cross-method convergence of well-being measures. *Journal of Personality Assessment, 57*(1), 149–161. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa5701_17
- Petkari, E., & Ortiz-Tallo, M. (2016). *Towards Youth Happiness and Mental Health in the United Arab Emirates: The Path of Character Strengths in a Multicultural Population. Journal of Happiness Studies, 19*(2), 333-350. <https://doi.org/10.1007/s10902-016-9820-3>
- Peterson, C., Park N., Pole N. & Seligman, M. E. P (2008). Strengths of character and posttraumatic growth. *Journal of Traumatic Stress: Official Publication of the International Journal of Traumatic Stress, 21*(2), 214-217.
<https://doi.org/10.1002/jts.20332>
- Peterson, C. (2006). *A primer in positive psychology*. Oxford University Press.

- Peterson, C., Ruch, W., Beermann, U., Park, N., & Seligman, M. E. P. (2007) Strengths of character, orientations to happiness, and life satisfaction, *The Journal of Positive Psychology*, 2(3), 149-156. <https://doi.org/1080/17439760701228938>
- Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2004). *Character strengths and virtues: A handbook and classification*. Oxford University Press.
- Proctor, C., Tsukayama, E., Wood, A. M., Maltby, J., Eades, J. F., & Linley, P. A. (2011). Strengths Gym: The impact of a character strengths-based intervention on the life satisfaction and well-being of adolescents. *The Journal of Positive Psychology*, 6(5), 377–388. <https://doi.org/10.1080/17439760.2011.594079>
- Quinlan, D. M., Swain, N., Cameron, C., & Vella-Brodrick, D. A. (2015). How ‘other people matter’ in a classroom-based strengths intervention: Exploring interpersonal strategies and classroom outcomes. *The Journal of Positive Psychology*, 10, 77–89.
- Reis, H. T., Sheldon, K. M., Gable, S. L., Roscoe, J., & Ryan, R. M. (2000). Daily well-being: The role of autonomy, competence, and relatedness. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26(4), 419–435. <https://doi.org/10.1177/0146167200266002>
- Reppold, C. T., Zanini, D. S., Campos, D. C., Faria, M. R. G. V. de, & Tocchetto, B. S. (2019). Felicidade como Produto: Um Olhar Crítico sobre a Ciência da Psicologia Positiva. *Avaliação Psicológica*, 18(4), 333-342. <https://doi.org/10.15689/ap.2019.1804.18777.01>
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton University Press
- Ruch, W., Weber, M., Park, N., & Peterson, C. (2014). Character strengths in children and adolescents: Reliability and initial validity of the German Values in Action Inventory of Strengths for Youth (German VIA-Youth). *European Journal of Psychological Assessment*, 30(1), 57-64. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000169>

- Salcedo, R. E., & Ye Y. (2020). The Relationship Between Students' Perception Towards their Own Character Strengths and their Academic Achievement at Science-Based Technology Vocational College-Chonburi, Thailand. *Scholar: Human Sciences*, 12(1), 37-37.
- Sbicigo, J. B., Bandeira, D. R., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna. *Psico-USF*, 15(3), 395-403. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000300012>
- Segabinazi, J. D., Zortea, M., Zanon, C., Bandeira, D. R., Giacomoni, C. H., & Hutz, C. S. (2012). Escala de afetos positivos e negativos para adolescentes: adaptação, normatização e evidências de validade. *Avaliação Psicológica*, 11(1), 1-12.
- Segabinazi, J.D., Zortea M., & Giacomoni C. H. (2014). Avaliação de Bem-estar subjetivo em adolescentes. In: In C. Hutz (Org.) *Avaliação em psicologia positiva*. (pp. 50-43). Artmed.
- Seibel, B. L., Sousa, D., & Koller, S. H. (2015). Adaptação Brasileira e Estrutura Fatorial da Escala 240-item VIA Inventory of Strengths. *Psico-USF*, 20(3), 371-383. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200301>
- Seligman, M. E. (2011). *Florescer: Uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar*. Objetiva.
- Seligman, M. E. P. (2002) Positive Psychology, Positive Prevention, and Positive Therapy. In: Snyder, C. R. & Lopez, S. J. (Eds.). *Handbook of positive psychology*. Oxford University Press.
- Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2014). Positive psychology: An introduction. In M. Seligman & M. Csikszentmihalyi (Eds.), *Flow and the foundations of positive psychology* (pp. 279– 298). Springer.

- Seligman, M. E. P., Steen, T. A., Park, N., & Peterson, C. (2005). Positive Psychology Progress: Empirical Validation of Interventions. *American Psychologist*, *60*(5), 410–421. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.60.5.410>
- Shoshani, A. (2018). Young children's character strengths and emotional well-being: Development of the Character Strengths Inventory for Early Childhood (CSI-EC). *The Journal of Positive Psychology*, 1–17. [10.1080/17439760.2018.1424925](https://doi.org/10.1080/17439760.2018.1424925)
- Silva, D. G. da & Dell'Aglio, D. D. (2018). Avaliação do Bem-estar subjetivo em adolescentes: Relações com sexo e faixa etária. *Revista Análises Psicológica*, *2*(XXXVI), 133 – 143. <https://doi.org/10.14417/ap.1218>
- Siqueira, M. M. M., & Padovam, V. A. R. (2008). Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *24*(2), 201–209. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000200010>
- Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2009). *Psicologia positiva: Uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Artmed.
- Solano, A. C., & Cosentino, A. C. (2018). IVyF abreviado —IVyFabre—: análisis psicométrico y de estructura factorial en Argentina. *Avances en Psicología Latinoamericana/Bogotá (Colombia)*, *36*(3), 619–637. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.4681>
- Toback, R. L., Graham-Bermann, S. A., & Patel, P. D. (2016). Outcomes of a Character Strengths–Based Intervention on Self-Esteem and Self-Efficacy of Psychiatrically Hospitalized Youths. *Psychiatric Services*, *67*(5), 574–577. <https://doi.org/10.1176/appi.ps.201500021>
- Toner, E., Haslam, N., Robinson, J., & Williams, P. (2012). Character strengths and wellbeing in adolescence: Structure and correlates of the Values in Action Inventory of Strengths

- for Children. *Personality and Individual Differences*, 52(5), 637–642.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.12.014>
- Van Eeden, C., Wissing, M. P., Dreyer, J., Park, N., & Peterson, C. (2008). Validation of the Values in Action Inventory of Strengths for Youth (VIA-Youth) Among South African learners. *Journal of Psychology in Africa*, 18(1), 143–154.
<https://doi.org/10.1080/14330237.2008.10820181>
- Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54(6), 1063–1070. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.54.6.1063>
- Woyciekoski, C., Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2014). As contribuições da personalidade e dos eventos de vida para o bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(4), 401-409.
- Wood, A. M., Linley, P. A., Maltby, J., Kashdan, T. B., & Hurling, R. (2011). Using personal and psychological strengths leads to increases in well-being over time: A longitudinal study and the development of the strengths use questionnaire. *Personality and Individual Differences*, 50(1), 15–19. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.08.004>
- Zanon, C., Bastianello, M. R., Pacico, J. C. & Hutz, C. S. (2013). Desenvolvimento e validação de uma escala de afetos positivos e negativos. *Psico-USF*, 18(2), 193-201. <https://doi.org/10.1590/S141382712013000200003>

Anexos

Anexo I - Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) – (menores de 18 anos)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (1ª via) – Para menores de 18 anos

Associação entre Forças Pessoais, Bem-estar Subjetivo e Autoestima em Jovens

Eu, responsável legal do(a) participante, dou meu consentimento livre e esclarecido para que ele(a) participe como voluntário do projeto de pesquisa citado acima, sob a responsabilidade da pesquisadora Ana Paula Ozório Cavallaro do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco, sob orientação da Prof. Dra. Ana Paula Porto Noronha.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

A pesquisa tem como um dos objetivos estudar as relações entre as forças pessoais, bem-estar subjetivo e autoestima em jovens em período escolar. A autora acredita que compreender o comportamento destes construtos e expandir o conhecimento sobre como eles podem impactar positivamente esta população, pode contribuir, para a elaboração de estratégias protetivas e para o desenvolvimento saudável e próspero dos jovens e adolescentes

Durante o estudo serão aplicados um questionário sociodemográfico, a Escala de Forças de Caráter para Adolescentes, a Escala de Auto Estima de Rosemberg, a Escala de Afetos Positivos e Afetos Negativos para Adolescentes, e a Escala Global de Satisfação de Vida de para Adolescentes. O tempo estimado para aplicação dos instrumentos é de 30 minutos.

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a sua participação na referida pesquisa;

A resposta a este instrumento não causa riscos conhecidos à saúde física e mental do colaborador, porém podem vir a causar algum desconforto mental;

O participante estará livre para interromper a sua participação, não havendo qualquer prejuízo decorrente da decisão;

Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;

Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco, situado à Av. São Francisco de Assis, nº 218, cidade Universitária, CEP: 12916-900, Bragança Paulista/São Paulo, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 24548981; e e-mail: comitê.etica@saofrancisco.edu.br;

Poderei entrar em contato com a responsável pelo estudo, Ana Paula Ozório Cavallaro, sempre que julgar necessário pelo e-mail <anapaula_cavallaro@yahoo.com.br> ou telefone (61)981424747.

Eu, responsável legal do(a) participante, declaro que li e concordo com sua participação.

Eu, responsável legal do(a) participante, declaro que li e não concordo com sua participação.

Anexo II - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) – (menores de 18 anos)**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (1ª via) – Para menores de 18 anos****Associação entre Forças Pessoais, Bem-estar Subjetivo e Autoestima em Jovens**

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Associação entre Forças Pessoais, Bem-estar Subjetivo e Autoestima em Jovens”. O estudo tem como um dos objetivos estudar as relações entre as forças pessoais, bem-estar subjetivo e autoestima em jovens em período escolar. A autora acredita que compreender o comportamento destes construtos e expandir o conhecimento sobre como eles podem impactar positivamente esta população, pode contribuir, para a elaboração de estratégias protetivas e para o desenvolvimento saudável e próspero dos jovens e adolescentes.

Para participar deste estudo você precisará responder instrumentos com questões sobre suas forças pessoais, bem-estar subjetivo e autoestima.. Você foi escolhido(a) em participar porque ajudará a entender mais sobre estas questões.

Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Para participar deste estudo, o seu responsável deverá autorizar. Você (ou o seu responsável) poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo. A sua participação é voluntária e os pesquisadores garantem que irão tratar a sua identidade e seus dados com padrões de sigilo.

Eu, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável, declaro que concordo em participar deste estudo.

Eu declaro que li e concordo em participar.

Eu declaro que li e não concordo em participar.

Anexo III - Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) – (maiores de 18 anos)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (1ª via)****Associação entre Forças Pessoais, Bem-estar Subjetivo e Autoestima em Jovens
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Ao aceitar este termo, declaro ter 18 anos ou mais e dou meu consentimento livre e esclarecido para participar do estudo como voluntário(a) do projeto de pesquisa citado acima, sob a responsabilidade da pesquisadora Ana Paula Ozório Cavallaro do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco, sob orientação da Prof. Dra. Ana Paula Porto Noronha. Aceitando este Termo de Consentimento, declaro estar ciente que:

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

A pesquisa tem como um dos objetivos estudar as relações entre as forças pessoais, bem-estar subjetivo e autoestima em jovens em período escolar. A autora acredita que compreender o comportamento destes construtos e expandir o conhecimento sobre como eles podem impactar positivamente esta população, pode contribuir, para a elaboração de estratégias protetivas e para o desenvolvimento saudável e próspero dos jovens e adolescentes

Durante o estudo serão aplicados um questionário sociodemográfico, a Escala de Forças de Caráter para Adolescentes, a Escala de Auto Estima de Rosemberg, a Escala de Afetos Positivos e Afetos Negativos para Adolescentes, e a Escala Global de Satisfação de Vida de para Adolescentes, durando cerca de 25 minutos;

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre minha participação na pesquisa referida;

A resposta a estes instrumentos não causa riscos conhecidos à minha saúde física e mental, porém podem vir a causar algum desconforto mental;

Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo;

Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos do trabalho exposto acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;

Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco, situado à Av. São Francisco de Assis, nº 218, cidade Universitária, CEP: 12916-900, Bragança Paulista/São Paulo, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 24548981; e e-mail: comitê.etica@saofrancisco.edu.br;

Poderei entrar em contato com a responsável pelo estudo, Ana Paula Ozório Cavallaro, sempre que julgar necessário pelo e-mail <anapaula_cavallaro@yahoo.com.br> ou telefone (61)981424747.

Declaro ter 18 anos ou mais de idade e desejo participar da pesquisa.

Não tenho 18 anos ou mais de idade ou não desejo participar da pesquisa.

Anexo VIII – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisas



UNIVERSIDADE SÃO
FRANCISCO-SP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ASSOCIAÇÃO ENTRE FORÇAS PESSOAIS, BEM-ESTAR SUBJETIVO E AUTOESTIMA EM JOVENS

Pesquisador: ANA PAULA OZORIO CAVALLARO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 37618720.8.0000.5514

Instituição Proponente: Universidade São Francisco-SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.334.570

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa de mestrado do programa de pós graduação stricto sensu em Psicologia da USF.

O estudo tem por objetivo investigar as relações entre forças de caráter, bem-estar subjetivo e autoestima em adolescentes. Mais especificamente verificar quais forças de caráter estão mais positivamente relacionadas com autoestima e bem-estar subjetivo, investigar o poder explicativo das forças sobre o bem-estar subjetivo e sobre a autoestima e identificar se há influência da idade e do sexo nos construtos estudados.

Serão utilizados os seguintes instrumentos:

- Questionário sociodemográfico (elaborado pela autora)
- Escala de Forças de Caráter para Adolescentes -EFC
- Escala de Auto Estima de Rosenberg
- Escala de Afetos Positivos e Afetos Negativos para Adolescentes - EAPN – A
- Escala Global de Satisfacao de Vida de para Adolescentes - EGSV – A

Participarão do estudo 450 jovens, com idades entre 15 e 19 anos, de ambos os sexos, alunos de uma escola técnica do interior de São Paulo, na cidade de Itatiba. O projeto será submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade São Francisco e as coletas se iniciarão somente após a aprovação. A coleta de dados acontecerá virtualmente devido às medidas de enfrentamento da pandemia do Covid-19, seguindo assim as orientações

Endereço: Av. São Francisco de Assis, 218, sala 35, prédio central

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 12.916-900

UF: SP

Município: BRAGANCA PAULISTA

Telefone: (11)2454-8302

E-mail: comiteetica@usf.edu.br



UNIVERSIDADE SÃO
FRANCISCO-SP



Continuação do Parecer: 4.334.570

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa está bem escrito e estruturado. Seu método é coerente com seus objetivos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados a folha de rosto, o TCLE, o projeto, instrumentos, carta de autorização da instituição e cronograma de pesquisa. Todos os documentos estão de acordo com os critérios éticos do CEP.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A autora fez todas as adequações indicadas no primeiro parecer. Desse modo o projeto foi considerado aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

APÓS DISCUSSÃO EM REUNIÃO DO DIA 08/10/2020, O COLEGIADO DELIBEROU PELA APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISAS. APÓS A CONCLUSÃO DO PROJETO É OBRIGATÓRIO O ENVIO DO RELATÓRIO FINAL PARA ENCERRAMENTO DO PROJETO.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1628322.pdf	23/09/2020 10:26:24		Aceito
Outros	Carta_resposta_CEP_alteracoes.pdf	23/09/2020 10:25:01	ANA PAULA OZORIO CAVALLARO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_maiores_18anos_versaoII.pdf	23/09/2020 10:16:02	ANA PAULA OZORIO CAVALLARO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_APOC_VA_ComiteEtica_versao_II.pdf	23/09/2020 10:06:01	ANA PAULA OZORIO CAVALLARO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_menores_18anos_versao_II.pdf	23/09/2020 10:01:33	ANA PAULA OZORIO CAVALLARO	Aceito
Cronograma	Cronograma_Pesquisa_versao_II.pdf	23/09/2020 10:00:48	ANA PAULA OZORIO CAVALLARO	Aceito

Endereço: Av. São Francisco de Assis, 218, sala 35, prédio central
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 12.916-900
UF: SP **Município:** BRAGANCA PAULISTA
Telefone: (11)2454-8302 **E-mail:** comiteetica@usf.edu.br



UNIVERSIDADE SÃO
FRANCISCO-SP



Continuação do Parecer: 4.334.570

propostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para manter o distanciamento social e/ou quarentena, considerando a gravidade da situação.

Após a coleta, análises e a fim de encontrar os objetivos iniciais propostos por esta pesquisa, diferentes procedimentos de análises estatísticas serão utilizados através do programa de estatística Jamovi.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral: O objetivo da presente pesquisa é estudar as relações entre forças de caráter, bem-estar subjetivo e autoestima em adolescentes.

Objetivos específicos:

- a) Investigar a estrutura fatorial da EFC- A – Escala de Forças de Caráter em Adolescentes, por meio de análises fatoriais exploratórias;
- b) Verificar quais forças de caráter estão mais positivamente relacionadas com autoestima e bem-estar subjetivo;
- c) Investigar o poder explicativo das forças sobre o bem-estar subjetivo e sobre a autoestima;
- d) Avaliar se há diferença entre sexos nas forças pessoais, autoestima e bem-estar subjetivo;
- e) Investigar eventuais diferenças entre as forças pessoais, autoestima e bem-estar subjetivo e as idades dos adolescentes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: A princípio esta pesquisa apresenta um risco mínimo ao participante, visto a natureza relativamente simples das tarefas a serem executadas pelos adolescentes no processo de resposta aos instrumentos. Entretanto, pode haver a possibilidade de que as respostas aos instrumentos utilizados possam gerar lembranças desagradáveis. Caso isso aconteça, a pesquisadora fará o encaminhamento necessário para a resolução do conflito e o colaborador pode encerrar, a qualquer instante sua participação.

Benefícios: O intuito desta pesquisa é estudar mais profundamente as relações entre três construtos (forças pessoais, autoestima e bem-estar subjetivo), que conforme a literatura estudada até agora, se mostraram importantes para o desenvolvimento saudável e próspero dos jovens e adolescentes e ainda desenvolver um novo estudo, através de uma análise fatorial exploratória, do instrumento EFC-A, visando contribuir para o desenvolvimento da avaliação psicológica positiva no Brasil e para a área de conhecimento.

Endereço: Av. São Francisco de Assis, 218, sala 35, prédio central
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 12.916-900
UF: SP **Município:** BRAGANCA PAULISTA
Telefone: (11)2454-8302 **E-mail:** comiteetica@usf.edu.br



UNIVERSIDADE SÃO
FRANCISCO-SP



Continuação do Parecer: 4.334.570

Outros	Instrumentos_Projeto_APOC.pdf	09/09/2020 17:39:05	ANA PAULA OZORIO CAVALLARO	Aceito
Outros	Autorizacao_Instituicao_Projeto_APOC.jpg	09/09/2020 17:38:48	ANA PAULA OZORIO CAVALLARO	Aceito
Outros	Carta_instituicao_APOC_Project.pdf	09/09/2020 17:38:24	ANA PAULA OZORIO CAVALLARO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de <u>Ausência</u>	TALE_menores_18anos.pdf	09/09/2020 17:37:21	ANA PAULA OZORIO CAVALLARO	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto_Projeto_APOC.pdf	09/09/2020 17:35:47	ANA PAULA OZORIO CAVALLARO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRAGANCA PAULISTA, 13 de Outubro de 2020

Assinado por:

CARLOS EDUARDO PULZ ARAUJO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. São Francisco de Assis, 218, sala 35, prédio central

Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 12.916-900

UF: SP **Município:** BRAGANCA PAULISTA

Telefone: (11)2454-8302

E-mail: comiteetica@usf.edu.br

Apêndices

Apêndice 1 – Questionário Sociodemográfico

1 - Nome _____

2 – Idade _____

3 – Sexo () Feminino () Masculino () Prefiro não identificar

4 – Série () 1^o ano () 2^o ano () 3^o ano

5 – Mora com – () pais () cuidadores () tios(as) () avós

() outros (as) _____

6 – Está cursando curso técnico? () Sim () Não

7 – Caso sim, qual curso? _____

8 - Voce trabalha? – () Sim () Não

9 – Voce sabe quais sao seus pontos fortes, suas virtudes? () Sim () Não

10 – Gostaria que a escola tivesse programas para desenvolver seus pontos fortes?

() Sim () Não

Apêndice 2 – Carta para a Instituição

Carta de Informação à Instituição

Ao

Prezado Sr. Cristiano Augusto Oliveira

Diretor da ETEC Rosa Perrone Scavone

Eu, Ana Paula Ozório Cavallaro, aluna do Programa de Pós Graduação Stricto sensu em Psicologia, da Universidade São Francisco USF, pretendo realizar, como dissertação de mestrado, a pesquisa intitulada “ Associação entre Forças Pessoais, Bem-estar Subjetivo e Autoestima em Jovens ”. Para tanto, necessito coletar os dados junto a instituições de ensino. Neste sentido, venho respeitosamente solicitar a permissão de Vossa Senhoria para convidar os alunos da Escola Técnica Estadual Rosa Perrone Scavone, com as idades de 15 a 19 anos, para colaborarem como participantes da pesquisa. A pesquisa está sendo orientada pela Prof. Dra. Ana Paula Porto Noronha e tem como objetivo estudar as relações entre as forças pessoais, bem-estar subjetivo e autoestima em jovens em período escolar. Eu acredito que compreender o comportamento destes construtos e expandir o conhecimento sobre como eles podem impactar positivamente esta população, pode contribuir, para a elaboração de estratégias protetivas e para o desenvolvimento saudável e próspero dos jovens e adolescentes.

Os dados deste estudo serão coletados por meio da aplicação de testes psicológicos. Em virtude do isolamento social em enfrentamento da pandemia da COVID 19 a aplicação ocorrerá por meio da plataforma Google Forms. A participação dos alunos será totalmente voluntária e estará condicionada ao consentimento formal dos pais ou dos responsáveis, assim como do assentimento dos adolescentes menores e maiores de 18 anos. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será apresentado ao pai ou responsável do adolescente (em casos que o participante tenha idade inferior a 18 anos), que após a leitura deverá marcar o campo específico do formulário concordando com a participação destes e também será apresentado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, a ser marcado, pelo colaborador. Esta pesquisa não oferecerá riscos previstos importantes, físicos e/ou psicológicos aos participantes. Quando, por

conta das respostas ao teste, forem levantadas lembranças desagradáveis ou, mal-estar psicológico ao participante, a pesquisadora fará o encaminhamento necessário para a resolução da dificuldade apresentada.

A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica e espera-se contribuir para o maior entendimento dos construtos estudados, assim como, a melhor compreensão de como estes construtos se relacionam em jovens e adolescentes e como podem impactar o bem-estar subjetivo desta população. Todos os dados fornecidos serão utilizados sem a identificação dos participantes e da instituição envolvida. Os resultados da pesquisa serão disponibilizados à instituição por meio dos resultados da dissertação de Mestrado da autora. Quaisquer dúvidas que existirem agora ou a qualquer momento em relação à pesquisa, eu me coloco a disposição para esclarece-las.

Dúvidas de natureza ética poderão ser solucionadas junto ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade São Francisco, assim como para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa, pelo telefone através dos contatos (11) 24548981; e e-mail comitê.etica@saofrancisco.edu.br, situado à Avenida São Francisco Assis, nº 218, cidade Universitária, CEP 12916-900, Bragança Paulista/São Paulo.

Se Vossa Senhoria estiver de acordo, peço que o confirme por meio do preenchimento dos dados do documento em anexo.

Desde já, agradeço a sua atenção.



Ana Paula O. Cavallaro

Mestranda Tel (61)981424747

Apêndice 3 – Autorização Instituição

Itatiba, 02 de setembro de 2020

Ao

Comitê de Ética em Pesquisa Universidade São Francisco

Autorização para realização de Pesquisa

Eu, Cristiano Augusto de Oliveira, diretor da ETEC Rosa Perrone Scavone, venho por meio desta informar a V. Sa., que após a leitura da Carta de Informação à Instituição, ciente dos procedimentos propostos, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, autorizo a pesquisadora Ana Paula Ozório Cavallaro, aluna do curso de Pós Graduação Stricto Sensu em Psicologia a realizar a pesquisa intitulada "Associação entre Forças Pessoais, Bem-estar Subjetivo e Autoestima em Jovens", sob a orientação da Prof. Dra. Ana Paula Porto Noronha.



Cristiano Augusto Oliveira

Diretor ETEC Rosa Perrone Scavone